



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Arquitetura

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Juliana Amaral Quadros

**AS TERRITORIALIDADES DO MARABAIXO NO BAIRRO LAGUINHO E NA
FAVELA EM MACAPÁ-AP**

Belo Horizonte

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Juliana Amaral Quadros

**AS TERRITORIALIDADES DO MARABAIXO NO BAIRRO LAGUINHO E NA
FAVELA EM MACAPÁ-AP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço
Orientadora: Profa. Dra. Elisângela de Almeida Chiquito

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Q3t

Quadros, Juliana Amaral.

As territorialidades do Marabaixo no Bairro Laguinho e na Favela em Macapá-AP [manuscrito] / Juliana Amaral Quadros. - 2024.
104 p. : il.

Orientadora: Elisângela de Almeida Chiquito.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Planejamento urbano - Teses. 2. Cultura - Aspectos sociais - Brasil - Teses. 3. Cultura afro-brasileira - História - Teses. 4. Territorialidade humana - Teses. I. Chiquito, Elisângela de Almeida. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 711.4

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
---	---	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

As territorialidades do Marabaixo nos bairros Lagunho e Santa Rita em Macapá-AP

JULIANA AMARAL QUADROS

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 30 de agosto de 2024, pela Comissão constituída pelos membros:

Documento assinado digitalmente
 **ELISANGELA DE ALMEIDA CHIQUITO**
 Data: 02/09/2024 07:24:40-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Elisângela de Almeida Chiquito - Orientadora
 EA-UFMG

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA BORGES BRASILEIRO**
 Data: 05/09/2024 07:23:48-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Vanessa Borges Brasileiro
 EA-UFMG

Documento assinado digitalmente
 **DINAH REIKO TUTYIA**
 Data: 04/09/2024 06:50:45-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Dinah Reiko Tutyia
 UNIFAP

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2024.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Dedico esse trabalho aos meus avós e pais, que
construíram o caminho para que eu pudesse
trilhar com tranquilidade. E à Clarisse, que
completou a paisagem com seu arco-íris.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UFMG, ao colegiado, à coordenação do NPGAU e ao corpo docente, pelo acolhimento, pelo suporte necessário ao desenvolvimento da pesquisa, pelas disciplinas ofertadas e pelas oportunidades oferecidas para nos desenvolvermos como pesquisadores.

Agradeço à minha família, por suportarem a saudade, a distância e as ausências – que não foram poucas. Principalmente por terem me apoiado nos momentos mais decisivos e necessários.

Agradeço à Juju Borges, que me mostrou todo um jeito novo de ver a vida, mas principalmente por ter acreditado mais em mim do que eu mesma.

Agradeço às poucas, mas boas, amizades que fiz (e refiz) nessa cidade nova, em especial Ana e Carol.

Agradeço aos meus amigos, que mesmo à distância não soltaram minha mão, em especial Bárbara, com quem troquei áudios intermináveis.

Agradeço à Nycolle, que foi colo para todas as minhas confusões e ajudou a arrumar o que estava bagunçado.

Agradeço à UNIFAP, que foi e sempre será meu lar.

Agradeço também aos professores da UNIFAP, que abriram muitos caminhos na minha vida acadêmica e pessoal.

Por fim, agradeço à minha orientadora, a professora Elisângela Chiquito, que embarcou nessa pesquisa comigo.

*“É fácil o meu endereço, vá lá quando o sol se pôr, na esquina do rio
mais belo, com a linha do equador” - Meu Endereço de Zé Miguel*

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo compreender a formação e as transformações territoriais dos bairros de cultura negra em Macapá-AP por meio da perspectiva cultural, tendo como foco o bairro Laguinho e a Favela, a partir da trajetória do Marabaixo – manifestação cultural das comunidades negras amapaenses, que ocorre através de celebrações religiosas, festas, danças e músicas (denominadas “ladrões”). Essas regiões foram formadas desde a criação do Território Federal do Amapá, quando as populações negras foram expulsas do centro da cidade. Dessa forma, o Marabaixo, que antes ocorria nos arredores da Fortaleza de São José de Macapá, subdividiu-se pelos dois referidos locais. O estudo aborda essa trajetória do Marabaixo e visa compreender como esse processo foi percebido por essa comunidade, utilizando como fonte documental o conjunto de ladrões de Marabaixo, sob o ponto de vista “de baixo”.

Palavras-chave: urbanização; Macapá; Marabaixo; história cultural; cultura negra.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the formation and territorial transformations of black culture neighborhoods in Macapá-AP through a cultural perspective, focusing on the neighborhood of Laguinho and Favela, based on the trajectory of Marabaixo – a cultural manifestation of the black communities in Amapá, which occurs through religious celebrations, parties, dances, and songs (called “ladrões”). These neighborhoods were formed since the creation of the Federal Territory of Amapá, when black populations were expelled from the city center. Thus, Marabaixo, which used to take place around the Fortress of São José of Macapá, was divided between the two mentioned locations. The study addresses this trajectory of Marabaixo and aims to understand how this process was perceived by this community, using as documentary source the set of Marabaixo songs, from the “bottom-up” perspective.

Keywords: urbanization; Macapá; Marabaixo; cultural history; black culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Diretrizes do Plano Grumbilf do Brasil	27
Quadro 2 - População de Macapá entre os anos de 1950 e 2010	37
Quadro 3 - Ciclo do Marabaixo	68
Figura 1 - Localização do estado do Amapá e da cidade de Macapá	13
Figura 2 - Planta da Vila de S. José de Macapá	14
Figura 3 - Recorte do Jornal A Manhã do dia 29/01/1944 “Instalação solene do novo Território Federal do Amapá”	22
Figura 4 - Recorte do Jornal A Manhã do dia 02/12/1944 "Resultados da criação dos novos territórios"	23
Figura 5 - Mapa da Evolução Urbana de Macapá (1872 - década de 1970)	30
Figura 6 - Mapa de Áreas Homogêneas de Macapá (década de 1970)	31
Figura 7 - Projeto para a Fortaleza de S. José	33
Figura 8 - Projeto para o Marco Zero do Equador	34
Figura 9 - Projeto para o Poço do Mato, no bairro Laguinho	34
Figura 10 - Mapa de expansão da malha urbana de Macapá, 1943 a 2014	36
Figura 11 - Gráfico etário dos bairros Laguinho e Santa Rita	38
Figura 12 - Mestre Julião Ramos	42
Figura 13 - À esquerda, Sede dos Escoteiros Veiga Cabral na década de 1940. À direita, a sede atualmente	46
Figura 14 - Centro de Cultura Negra do Amapá	49
Figura 15 - Igreja de São Benedito no bairro Laguinho	50
Figura 16 - Banco da Amizade; à esquerda, uma fotografia da década de 1980; à direita, uma fotografia de 2023	52
Figura 17 - Poço do Mato	53
Figura 18 - Mapa de lugares importantes do bairro do Laguinho	54
Figura 19 - Dona Gertrudes Saturnino	55
Figura 20 - À esquerda, inauguração do Estádio em 1950; à direita, o Estádio em 2023	60
Figura 21 - Mapa de lugares importantes da Favela	63
Figura 22 - À esquerda, produção da gengibirra; à direita, distribuição da gengibirra	64
Figura 23 - Trajes femininos e masculinos do Marabaixo	65
Figura 24 - Caixa de Marabaixo	65
Figura 25 - Diagrama da dança do Marabaixo na casa do festeiro	67
Figura 26 - Diagramas dos cortejos de rua do Marabaixo. À esquerda: Marabaixo de rua; à direita: Cortejo Religioso	69
Figura 27 - Mapa das possessões portuguesas em Marrocos	71
Figura 28 - Comunidades Marabaixeiras no Amapá	75
Figura 29 - Movimento territorial do Marabaixo	76
Figura 30 - "Macapá no Forte"	77
Figura 31 - Marabaixeiros em frente à Igreja; à direita, foto provável da época em que os festejos aconteciam ainda na Igreja de São José; à esquerda, o Encontro das Bandeiras no aniversário de 265 anos de Macapá, em 4 de fevereiro de 2023.	78
Figura 32 - Associações de Marabaixo em Macapá	79
Figura 33 - Elementos simbólicos do Marabaixo: altar, mastros e decoração no teto	82
Figura 34 - Marabaixeiros praticando a luta da carioca em 1948	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALC	Área de Livre Comércio
ALCMS	Área de Livre Comércio de Macapá e Santana
CADAM	Caulim da Amazônia S/A
CCNA	Centro de Cultura Negra do Amapá
COPRAM	Companhia Progresso do Amapá
FJP	Fundação João Pinheiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMI	Indústria e Comércio de Minérios
IRDA	Instituto Regional de Desenvolvimento do Amapá
JARCEL	Jari Celulose S/A
PCN	Programa Calha Norte
PDSA	Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá
PDU/FJP	Plano de Desenvolvimento Urbano da Fundação João Pinheiro
PIME	Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TF	Território Federal
TFA	Território Federal do Amapá
UBMA	União Beneficente do Amapá

SUMÁRIO

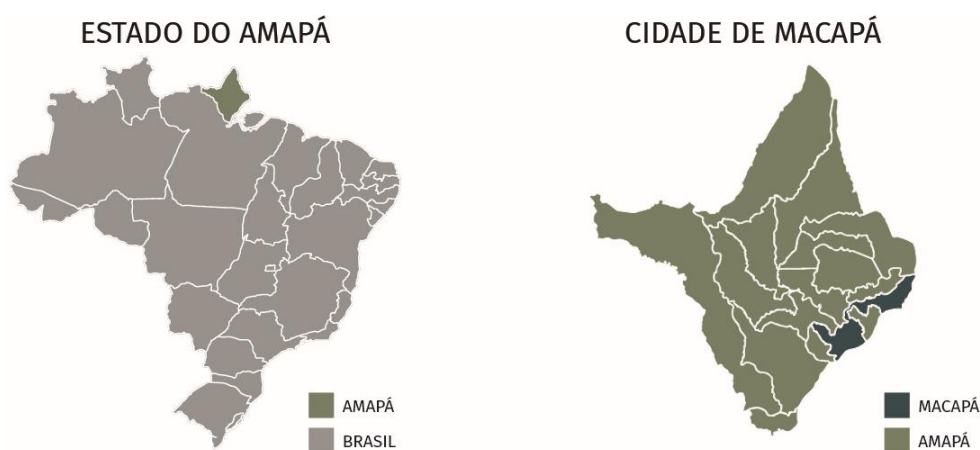
1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	20
2.1 A urbanização de Macapá durante o Território Federal do Amapá	20
2.2 Caracterização dos bairros Laguinho e Santa Rita (“A Favela”): um novo realojamento	38
2.2.1 A formação da identidade laguinense	42
2.2.2 A formação da identidade da Favela	55
3 MARABAIXO.....	64
3.1 Marabaixo e suas territorialidades	70
3.1.1 Mazagão: o início de tudo	70
3.1.2 A expansão do Marabaixo	75
4 O PROCESSO DE REALOCAÇÃO: A PERSPECTIVA DA COMUNIDADE NEGRA	81
4.1 Território Federal do Amapá: Urbanização e os conflitos com a Igreja Católica.....	81
4.2 Os ladrões de Marabaixo	86
4.3 O processo de realocação pelos ladrões de Marabaixo	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	98

1 INTRODUÇÃO

Macapá, capital do estado do Amapá, insere-se na Amazônia brasileira e está situada no delta do rio Amazonas, extremo norte do país (Figura 1), sendo atravessada pela linha do Equador. Delimitado pelos rios Jari, Amazonas e Oiapoque e pelo Oceano Atlântico, o estado do Amapá possui área de 142.828 km² e cerca de 73% desta coberta por territórios protegidos que incluem unidades de conservação, terras indígenas e territórios quilombolas. Por estas características, o estado acabou ganhando a conotação de ilha, por seu caráter de isolamento e a possibilidade de integração apenas por meio dos rios e da única rodovia BR 156 que liga o município de Laranjal do Jari, no extremo sul do estado, ao município de Oiapoque. Em virtude da construção da Ponte Binacional Franco-Brasileira, o município amapaense de Oiapoque passou a ter uma conexão por terra ao município de São Jorge do Oiapoque, na Guiana Francesa, criando assim única conexão rodoviária do estado, e neste caso com outro país (Margarit, 2022).

Segundo o Censo do IBGE de 2022, Macapá possui 442.933 habitantes, que correspondem a 60% da população de todo o estado. A maior parte da população macapaense se concentra na área urbana, a qual corresponde a cerca de 1,25% do território municipal, ou seja, cerca de 80km². Mais da metade da população de todo o estado se concentra na pequena área urbana da capital.

Figura 1 - Localização do estado do Amapá e da cidade de Macapá



Fonte: Juliana Quadros, 2021.

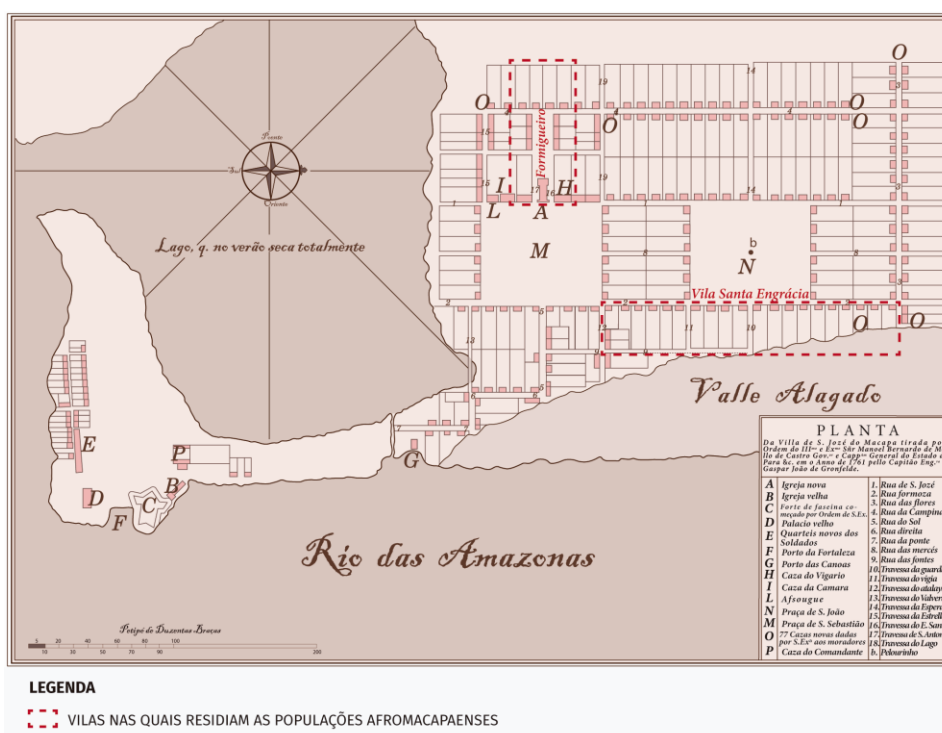
A cidade também é banhada pelo Rio Amazonas, cujas águas, além de abastecerem Macapá e terem uma importância econômica como via de transporte, estabelecem uma relação

de pertencimento e âncora para diversas vivências cotidianas que permanecem na memória e vida macapaense até hoje.

O núcleo inicial de Macapá se estabeleceu por meio de um destacamento militar em 1738. Vinte anos depois, em 4 de fevereiro de 1758, a vila de Macapá foi estabelecida oficialmente e, apenas cem anos depois, em 1859, foi elevada à categoria de cidade. Por seguir o modelo português de cidade-fortificação, a cidade foi se estabelecendo nas proximidades da Fortaleza de São José de Macapá. Segundo Araújo (1998), essa política urbana contava com a presença de um engenheiro militar ou de um “arruador”. Foi somente com a criação do Território Federal do Amapá, em 1943, que Macapá tornou-se capital, permanecendo nessa condição também após a criação do estado do Amapá pela Constituição de 1988.

O traçado urbano da cidade foi projetado em 1761, definido por duas praças, praça São João e praça São Sebastião, no entorno das quais se desenvolveram duas ocupações urbanas formadas por famílias afrodescendentes: a Vila Santa Engrácia (no entorno da praça São João) e a comunidade do Formigueiro (no entorno da praça São Sebastião) (Figura 2).

Figura 2 - Planta da Vila de S. José de Macapá



Fonte: Planta da Vila de S. José de Macapá de 1761 (ARAÚJO, 2012) e alterado pela autora (2021).

Na década de 1940, após a criação do Território do Amapá em 1943, o então governador do Território, Janary Nunes, desaloja a população afrodescendente da região central de Macapá

com o objetivo de construir prédios públicos e a residência governamental no local. A população foi realocada para o bairro do Laguinho, distante cerca de 2km da área, que já era frequentado pelos moradores dessa região, por abranger um pequeno lago e um poço conhecido como Poço do Mato, utilizado para coleta de água para consumo, para irrigação da agricultura familiar – plantação de mandioca e outros alimentos – e para a lavagem de roupas. Esse processo deflagrou um conflito na comunidade negra, pois uma parte dos moradores não aceitou a realocação para o Laguinho e organizou-se em uma nova comunidade na região da Favela, que hoje é conhecida como o bairro Santa Rita (Luna, 2017). A remoção da população foi realizada por meio de um acordo com o mestre marabaixeiro Julião Ramos. O acordo, na realidade, foi tido como de fachada, visto que mestre Julião não teve opção de recusar a medida de remoção (Lobato, 2015).

Assim, os bairros Laguinho e Santa Rita, localizados hoje na região central da cidade de Macapá, foram constituídos como desdobramento deste processo de expulsão da população negra das áreas destinadas às grandes reformas modernizadoras implantadas a partir da constituição do Território, e permanecem como locais de resistência da cultura negra amapaense, tendo como uma das suas principais manifestações culturais o Marabaixo, reconhecido em 2018 como patrimônio imaterial pelo IPHAN. No entanto, é importante destacar que nesse trabalho não serão tratados acerca dos aspectos administrativos dos bairros, mas sim de suas comunidades. No bairro do Laguinho vemos que as fronteiras da localidade coincidem com a região a qual a comunidade se identifica. Em relação à Favela vemos que isso não ocorre, visto que sua história e identificação ultrapassam os limites do atual bairro Santa Rita.

Há um conjunto de pesquisas levantadas tendo como objeto de estudo a cidade de Macapá, dentre as quais pode-se destacar algumas. O livro “As cidades da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão”, derivado da dissertação de Mestrado em História da Arte de Renata Malcher de Araújo, busca, a partir da perspectiva da história, estabelecer os fundamentos da experiência de urbanização na Amazônia, no contexto do urbanismo colonial português enquanto expressão artística. A autora também examina de forma mais detalhada o processo de urbanização de três exemplos: Belém, Macapá e Mazagão no século XVIII.

O livro “Planos diretores no estado do Amapá: uma contribuição para o desenvolvimento regional” de José Alberto Tostes, publicado em 2006, traz uma abordagem histórica dos planos diretores dos Amapá, perpassando desde a época do Território Federal até após a estadualização, discutindo o planejamento urbano no Amapá de acordo com seus desenvolvimentos, propósitos, características e efetividades.

O livro “Um caos que abriga histórias de vida: sociabilidades conflituosas na gentrificação da cidade de Macapá” derivado da tese em Sociologia de Verônica Xavier Luna, sob o olhar da sociologia, estuda as sociabilidades que deram forma à cidade de Macapá, perpassando sobre as interações, as redes sociais e as relações sociotécnicas estabelecidas no cotidiano do processo de gentrificação durante a mudança estrutural urbana que a cidade vivenciou no período do Território Federal.

O artigo “Experiências de exclusão urbana no cotidiano macapaense (1944-1964)” de Sidney da Silva Lobato, sob uma abordagem histórico-sociológica, investiga as remoções da comunidade negra ocorridas durante a instalação do Território Federal sob a perspectiva dos trabalhadores macapaenses.

O Marabaixo e a cultura negra amapaense também tem sido objeto de estudo de muitas pesquisas. No livro “Marabaixo, Dança Afrodescendente: Significando a Identidade Étnica do Negro Amapaense”, derivado da tese de doutorado de Piedade Lino Videira, a autora discute a identidade étnica do Marabaixo e da cultura negra e como esta pode se inserir nos processos educativos, trazendo uma abordagem histórica-cultural, também utilizando-se da antropologia e da sociologia para analisar as práticas culturais e as dinâmicas comunitárias.

No livro “Os caminhos que levam à Favela” de Mariana de Araújo Gonçalves, a autora discute a Favela a partir de uma abordagem historiográfica e antropológica, trazendo uma série de entrevistas com diversos moradores da Favela.

O livro “A água benta e o diabo” de Fernando Canto, retrata as relações conflituosas entre o Marabaixo e a Igreja Católica, que contribuiu para a exclusão da população negra, a partir de uma abordagem antropológica e sociológica.

Sob a perspectiva histórica, o livro “Mazagão Velho: diásporas negras, performance e oralidade no baixo Amazonas” de Geraldo Peçanha de Almeida também retrata a criação da cidade de Mazagão, onde se estima que tenha sido a origem do Marabaixo, e aborda as culturas existentes nessa Mazagão atual.

Ainda que se tenha um conjunto de pesquisas levantadas tendo como objeto de estudo a cidade de Macapá, o Marabaixo e a cultura negra amapaense, nota-se que, embora essas pesquisas retratem os acontecimentos urbanos que provocaram o deslocamento da população negra amapaense para o bairro Laguinho e para a Favela, não tem como foco abordar e aprofundar na perspectiva cultural, ainda que esta seja mencionada na contextualização histórica. Em relação aos estudos acerca do Marabaixo, o foco dessas pesquisas está na cultura e, apesar de a contextualizarem no território em que estão inseridas, o cerne da questão não são os acontecimentos urbanos e territoriais.

Esta dissertação vem preencher a lacuna, com intuito de compreender a formação dos territórios negros pós-1943 “a partir de baixo”. Desde o século XX aos historiadores têm buscado explorar novas perspectivas do passado, como exemplifica Sharpe (1992, p. 40) a “idéia de explorar a história, do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante”. A dificuldade dessa questão está na restrita quantidade de material de fonte disponível para reconstruir essa história. Há também o problema de que uma experiência não representa todos os contextos históricos da época. As documentações oficiais, os relatórios, os recortes de jornais podem, no entanto, auxiliar na construção dessa história vista de baixo.

O uso de fontes orais é também uma forma de contornar essas dificuldades, de forma que para essa pesquisa foram realizadas entrevistas, bem como retomadas entrevistas realizadas em um momento anterior. As entrevistas possuem um caráter narrativo que, de acordo com Kapp (2020, p. 112), estimulam a “contação de casos”, de forma que “a narrativa segue um esquema autogerador porque, uma vez que alguém começa uma história, geralmente quer levá-la até o fim, dando-lhe o detalhamento ou a textura que, na sua perspectiva, é relevante para que a sequência de eventos faça sentido”. No entanto, toma-se certa cautela com relação à memória individual, visto que esta possui um caráter subjetivo, como pontua Abreu (2018), que também destaca a fluidez ou deformação das localizações, a multidimensionalidade e a referenciação mais topológica do que geográfica das escalas.

Dessa forma, para a coleta de dados qualitativos sobre o bairro do Laguinho e a Favela, foram realizadas entrevistas com nove moradores e antigos moradores dessas localidades. Este procedimento visou obter uma compreensão mais próxima das experiências e percepções dos residentes sobre suas comunidades. Abaixo, apresentarei uma breve descrição dos entrevistados, incluindo identificação do entrevistado, data da entrevista, idade no dia em que foi entrevistado e gênero, de forma a contextualizar a análise dos dados obtidos.

- J.R., entrevista realizada no dia 14/03/2020, 62 anos, homem cis;
- D.A., entrevista realizada no dia 08/12/2020, 58 anos, mulher cis;
- J.A., entrevista realizada no dia 17/02/2021, 56 anos, homem cis;
- D.C., entrevista realizada no dia 23/02/2021, 31 anos, homem cis;
- C.A., entrevista realizada no dia 24/02/2021, 54 anos, mulher cis;
- L.S., entrevista realizada no dia 25/02/2021, 47 anos, mulher cis;
- F.C., entrevista realizada no dia 30/03/2023, 69 anos, homem cis;
- E.C., entrevista realizada no dia 05/07/2023, 68 anos, mulher cis;
- P.F., entrevista realizada no dia 05/07/2023, 71 anos, homem cis.

A pesquisa segue uma linha metodológica proveniente da história social, na forma proposta pelo historiador inglês E. P. Thompson (1987; 1998), procurando trazer a perspectiva das “pessoas comuns” e tomando como objeto de estudo esses grupos sociais os quais foram ignorados dentro da história dos “grandes homens”; e proveniente da história cultural, de Michel de Certeau (1994; 1995; 2000), em que o historiador busca na história e no passado as questões que possuem resquícios na realidade presente. O discurso histórico, no entanto, é produzido de forma deslocada dessa realidade passada visto que não está ao alcance do historiador a apreensão total dessa época. Assim, há uma constatação importante diante disso: não se pode falar de uma verdade, mas de verdades.

O objetivo deste trabalho consiste em compreender como tais territórios foram formados e como esse processo foi percebido pela população utilizando como recurso a produção relacionada ao Marabaixo, a partir de duas perspectivas. A primeira é compreender a formação dos bairros Laguinho e Favela a partir da territorialidade do Marabaixo em Macapá, que corresponde a uma das principais formas de resistência cultural da população negra, utilizando suas formas materiais – localidades, locais de festa, abrigos, centros de cultura. A segunda se refere a compreensão de como o processo de relocação e formação dos bairros foram percebidos pela população utilizando como fontes documentais o conjunto de composições musicais, ou seja, as cantigas compostas pelos marabaixeiros, chamadas de ladrões. Buscamos compreender, portanto, a formação desses dois bairros a partir de suas culturas, dos acontecimentos urbanos, sociais e políticos.

Em ambos os territórios negros estudados temos a presença do Marabaixo, manifestação cultural que surgiu no Amapá e tem uma característica festiva e religiosa, envolvendo músicas, danças, rituais, comidas típicas etc. O Marabaixo tem suas origens principalmente relacionadas com a cidade de Mazagão, que fica mais ao sul em relação à capital, e acabou se expandindo por algumas regiões do Amapá. Em Macapá, a manifestação ocorria no centro da cidade e, após a instalação do Território Federal, passou a ocorrer nos bairros Laguinho e Favela.

Assim, ao pensarmos o Marabaixo, notamos que, de diversas formas, ele se territorializa, como no barracão em que acontece, nas ruas que ocupa, nas igrejas que celebram as missas que compõem o ciclo, na casa da costureira que confecciona as roupas, no pátio do senhor que fabrica os instrumentos, na cozinha da senhora que produz a bebida gengibirra. São festas, festividades, manifestações que se cruzam com as ruas e avenidas, com as casas, praças e igrejas, contribuindo para a construção de uma identidade própria e de memórias e relações com o local. Também é uma manifestação que foi acompanhando a população negra amapaense nas suas mudanças territoriais e temporais, sobrevivendo a todas elas.

Dessa forma, a dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo tem o propósito de caracterizar a urbanização da cidade de Macapá, tendo em vista que os processos de instalação do Território Federal do Amapá tiveram um grande impacto nas mudanças que a cidade vivenciou na década de 1940. É pretensão, também, analisar as decisões políticas que o governador Janary Nunes empreendeu, visto que delas derivam a formação do bairro Laguinho e da Favela, nunca oficializada como bairro. Outros aspectos também serão analisados, como os projetos de exploração mineral que se desenvolveram na região, a transformação do Amapá em estado e a criação das áreas de livre comércio. Também serão caracterizados o bairro Laguinho e a Favela, a fim de compreender as características de cada comunidade e a visão dos entrevistados sobre esses lugares.

O segundo capítulo tem o intuito de apresentar o Marabaixo, a fim de que o leitor possa se situar quanto às características da cultura, e compreender como ela esteve presente nos processos de formação dessa comunidade negra, no deslocamento e na sua reestruturação em novos lugares.

Em relação ao terceiro capítulo, trabalharemos com a percepção da comunidade marabaixeira desse processo de remoção do centro para os bairros periféricos, tomando como base os conflitos que ocorreram com a Igreja Católica e os seus desdobramentos; e os ladrões de Marabaixo que, nas suas letras, trazem uma percepção popular quanto aos acontecimentos dessa época.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 A urbanização de Macapá durante o Território Federal do Amapá

Jeito Tucuju¹

*“Quem nunca viu o Amazonas
Nunca irá entender a vida de um povo
De alma e cor brasileiras
Suas conquistas ribeiras
Seu ritmo novo*

*Não contará nossa história
Por não saber ou por não fazer jus
Não curtirá nossas festas tucujú
Quem avistar o Amazonas nesse momento
E souber transbordar de tanto amor
Esse terá entendido o jeito de ser do povo daqui*

*Quem nunca viu o Amazonas
Jamais irá compreender a crença de um povo
Sua ciência caseira
A reza das benzedadeiras
O dom milagroso”*

Macapá existe há mais tempo do que seus 266 anos oficiais, visto que teve seu início como povoação desde a década de 1750, mas apenas consolidando-se como vila de São José de Macapá no ano de 1758. No ano de 1944 que foi elevada como capital do Território Federal do Amapá, em virtude de seu crescimento populacional em comparação ao município de Amapá, que havia sido anteriormente escolhido (Canto, 2023; Lobato, 2013).

O Território Federal do Amapá (TFA) foi criado a partir do decreto-lei nº 5.812/1943, durante o governo do presidente Getúlio Vargas, junto com os territórios federais do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú. Na época, a região do Amapá pertencia ao Estado do Grão-Pará, tendo sido desmembrado após a instituição do TFA. O início da discussão sobre a criação do Território Federal no Amapá remonta a década de 1920, feita por iniciativa da população local ao presidente da época, Eptácio Pessoa, solicitando a transformação da região em Território Nacional justificando que havia um descaso por parte do governo paraense. Em 1934 uma nova iniciativa quanto a isso surgiu por parte do geógrafo Everardo Backheuser, que sugeriu uma nova divisão territorial no Brasil tomando como princípio a equipotência, equilibrando três variantes: a superfície, a população e a eficiência econômica (Silva, E., 2017).

¹ A canção “Jeito Tucuju”, composta por Joãozinho Gomes e Val Milhomem foi gravada em 1997 no CD intitulado Senzalas, interpretada pelo Grupo Senzadas.

O objetivo da criação desses territórios federais, na primeira metade do século XX, era de tomar posse dessas regiões mais periféricas e ameaçadas por invasões estrangeiras, mantendo a integridade do solo nacional brasileiro e “expandindo” o Estado, além de aumentar a densidade demográfica dessas regiões. Entretanto, posteriormente, com o surgimento da era do Planejamento Governamental, passam a existir políticas públicas com objetivo de orientar o planejamento regional. Dessa forma, em relação aos territórios federais, o Estado deveria ocupar essas regiões consideradas “afastadas e inóspitas” que deveriam ser desenvolvidas e integradas. Assim, um fator determinante da criação desses territórios foram as questões de limites recém resolvidas, que no caso do Amapá havia sido em relação à França, questão resolvida em 1900 com a assinatura Laudo Suíço (Freitas, 1991).

A implementação do Território Federal do Amapá foi marcada por intensas mudanças na região, principalmente na cidade de Macapá, que veio a tornar-se capital. De acordo com Lobato (2013, p. 29), “Getúlio Vargas recebeu vários telegramas no final de 1943, sugerindo que o *status* de capital fosse transferido para Macapá”, as razões citadas destacavam que a cidade era a “principal” do Território e tinha uma situação geográfica mais propícia para estabelecer relações com os demais municípios, visto que fica mais ao centro. Além disso, Macapá possuía portos mais acessíveis a grandes navios durante todo o ano; uma disponibilidade de terras propícias para agricultura e pecuária; poderia se desenvolver sem a necessidade de fartos investimentos em aterros e drenagens; possuía melhores condições sanitárias que os demais; a existência da Fortaleza de São José de Macapá e do rio Amazonas lhe concediam um apelo turístico; tinha um acesso mais facilitado em relação a Belém pelas vias fluviais e pela costa oceânica; estava destinada a ser o ponto de partida para a rodovia que ligava Macapá-Clevelândia, região mais ao norte do estado, que faz fronteira com a Guiana Francesa; e, por fim, era considerada uma cidade muito tradicional no passado do Território, visto que nela ocorreram lutas de expulsão dos invasores ingleses, holandeses e franceses. Então, em 1944, Macapá torna-se a capital do TFA.

O Jornal carioca “A manhã”, abertamente apoiador do governo Vargas, do dia 29 de janeiro de 1944 noticiava a “Instalação solene do governo do novo Território Federal do Amapá”, ato ocorrido na Prefeitura Municipal de Macapá, com a presença de autoridades federais, estaduais e municipais (Figura 3). A notícia relata uma população “jubilosa” que “aclamou” o presidente Vargas apoiando “irrestritamente” a nova estrutura federativa. Com isso, o governador do novo território se propunha a estabelecer as bases do triângulo de Vargas: “Saneamento, Educação e Povoamento”.

Figura 3 - Recorte do Jornal A Manhã do dia 29/01/1944 “Instalação solene do novo Território Federal do Amapá”



Fonte: Jornal “A manhã” disponível no acervo da Biblioteca Nacional Digital

No final do ano de 1944, o jornal “A manhã” relatou os primeiros resultados da criação dos territórios federais, como pode-se observar na Figura 4. A notícia descreve que a criação desses Territórios Federais veio abrir possibilidades de progresso a essas regiões que eram, até então, abandonadas, e essa ação do presidente foi recebida com grande simpatia pela população brasileira, até mesmo a dos estados desmembrados. As vantagens citadas em relação aos TFs foram relacionadas ao desenvolvimento econômico vivenciado nessas regiões. A matéria jornalística também menciona trechos da palestra do médico paraense e ex-presidente do Conselho Administrativo do Pará, Bianor Penalber², que cita a criação dos TFs como:

um dos atos de patriotismo mais bem inspirados do presidente Getúlio Vargas. Chamando à responsabilidade da administração do país extensas regiões, desabilitadas e decadentes, sem possibilidades de progresso, com suas escassas populações vegetando como párias [...] (Jornal A Manhã, 02 de dezembro de 1944, p. 03).

² Formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Pará, foi membro do “Syndicato Medico Paraense”, professor no Instituto de Educação do Pará e jornalista. Também foi membro da Academia Luso-brasileira de Letras e exerceu mandato parlamentar como deputado em Belém em 1934 (MIRANDA, A. G. e ABREU JUNIOR, J. M. C. Razões do esquecimento: em busca dos vestígios do Syndicato Medico Paraense. In.: **Revista Pan-Amazônica de Saúde**. v. 6, n. 2, abr.-jun. 2015).

Figura 4 - Recorte do Jornal A Manhã do dia 02/12/1944 "Resultados da criação dos novos territórios"

Resultados da criação dos novos territórios

MAIORES RECURSOS FINANCEIROS - PROBLEMAS A SEREM RESOLVIDOS - DECLARAÇÕES DO PROFESSOR BIANOR PENALBER, EX-PRESIDENTE DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DO PARÁ

A CRIAÇÃO DOS TERRITÓRIOS FEDERAIS Amapá, Iguaçu, Rio Branco, Ponta Porã, vão abrir possibilidades de progresso a imensas regiões de nosso país, até então abandonadas quasi totalmente. Os primeiros resultados positivos deste acertado ato do presidente da República, vieram demonstrar o alto nível administrativo do Chefe da Nação, pondo sob a tutela do Governo Federal regiões fronteiriças, possuidoras de grandes riquezas em potencial, cujo desenvolvimento é um imperativo de ordem nacional. A instituição dos Territórios Federais foi recebida, com ge-



O professor Bianor Penalber, durante a sua palestra

ral simpatia por todos os brasileiros, que compreenderam as razões de tal medida governamental, a qual longe de prejudicar os Estados que tiveram de sofrer desmembramentos de suas terras. Trouxe aos mesmos inúmeras vantagens, diretas e indiretas, pelo desenvolvimento econômico que se está processando nas citadas regiões.

Sobre tão importante assunto, abordando especialmente a questão do Território da Amapá, falou ao jornalista o dr. Bianor Penalber, médico de nomeada na cidade de Belém, onde exerceu também o cargo de presidente do Conselho Administrativo do Pará.

ATO PATRIÓTICO

Procurado pelo repórter, o ilustre professor paraense, abordou com precisão e clareza o palpitante problema nacional nos seus variados aspectos.

Intelando sua palestra, assim se expressou o dr. Bianor Penalber:

— "A criação dos territórios federais, como o do Amapá, Iguaçu, e outros, foi um dos atos de patriotismo mais bem inspirados do presidente Getúlio Vargas. Chamando à responsabilidade da administração do país extensas regiões, deshabitadas e decadentes, sem possibilidades de progresso, com as suas escassas populações vegetando como párias, o chefe da Nação concretizou uma iniciativa de extraordinários benefícios para a nacionalidade e que o decorrer do tempo assim o vai expressivamente demonstrando. Considero a instituição dos territórios federais, mais do que um imperativo de ordem militar, por tratar-se de zonas de fronteira, a manifestação evidente dum sentido humano na política de assistência ao brasileiro, onde quer que se encontre desamparado. Quem conhece certas localidades do interior dos Estados de mais extensa superfície, como o Amazonas, o Pará e Mato Grosso, sabe muito bem que algumas delas jamais progrediram, proporcionando rudimentar conforto aos seus habitantes, justamente pela falta de recursos das administrações municipais e pela impossibilidade dos governos estaduais, em luta sempre com receitas reduzidas, de as auxiliarem. Nessas condições, só o governo da Nação poderia dispor do remédio adequado, que seria chamar a si a gestão de determinadas regiões, algumas delas feracíssimas, incapazes no entanto de se manter por si mesmas ou pela ajuda dos governos estaduais".

PROGRESSO VISÍVEL

A seguir, o nosso entrevistado passa a tratar particularmente do Território do Amapá, assim se expressando:

— "Da eficiência dessa providência emanada da alta administração do país, provam-no os resultados satisfatórios já conhecidos. Como paraense, sempre inclinado a colocar os altos interesses da nacionalidade acima de regionalismos condenáveis, assinalo com satisfação que a antiga região do Amapá, presentemente constituindo o território federal do mesmo nome, vai colhendo os benefícios dessa acertada modificação da sua fisionomia política e que data de pouco mais de um ano. Aquele esquecido pedaço do meu Estado, em tão curto período de tempo, já apresenta outro aspecto, diferente daquele que, durante tantos anos consecutivos, lhe dava foros de lugar inhóspito, triste e indesejável.

Com as verbas facultadas pelo governo da União, o capitão

Janary Gentil Nunes, brilhante oficial do Exército, paraense e co-nhecedor da região, vem enfrentando os problemas essenciais que interessam à coletividade, como sejam os serviços de saúde pública e instrução, sem os quais não pode haver progresso e civilização, portanto bem estar e felicidade para o homem.

O general Zacarias de Assunção, eminente chefe da 8.ª Região Militar, com sede no Pará e que teve oportunidade, há poucos dias, de visitar a região do Amapá, deu de público a sua impressão de agrado sobre o que viu ali, na cidade principal — Macapá — cujos habitantes, bem assistidos e bem defendidos, se mostram satisfeitos e entusiasmados principalmente com o renascimento e os rumos auspiciosos da glória natal, outrora olvidada, e que a firme resolução e clareza de visão do presidente Getúlio Vargas integrou no ritmo da renovação nacional".

BENEFICIADO O PARÁ

Após abordar vários temas de ordem geral, o professor Bianor Penalber, assim encerra sua entrevista, mostrando os benefícios que teve o Estado do Pará, com o ato do sr. Getúlio Vargas:

— "O próprio Estado do Pará, em vez de perder com o desmembramento de um trecho do seu território, está ganhando e ainda vai ganhar mais. Se perdeu, em verdade, por meios diretos, uma tributação que não lhe pesava muito na balança financeira, lucrou indiretamente, pois todo o comércio da região do Amapá, que se está incrementando e cada vez mais ha de intrinsecar-se e fazer parte do porto de Belém, trazendo para este um maior movimento e uma melhor compensação, que já se está refletindo na respectiva praça.

Em síntese: pode-se considerar promissora a experiência com a criação dos territórios federais. Pelo menos é o que se verifica em relação ao Amapá, região anteriormente abandonada e improdutiva, agora fortalecida pela ajuda do governo da União, a caminho de dias prósperos, tão indispensáveis a um razoável viver de sua laboriosa população".

Elogiada uma funcionária da D. R. dos Correios

O chefe da agência postal e telegráfica de Olavo Bilac comunicou ao Regional do Distrito Federal, ter a postalista-auxiliar, classe F, Antonia Lemos Marinho encontrada, no recinto daquela agência, uma caixa de jóias avaliadas em Cr\$ 20.000,00, que foi imediatamente entregue pela referida funcionária à Chefia da agência.

Tomando conhecimento do fato, o Diretor Regional dos Correios mandou elogiar a digna ação da zelosa e honesta funcionária.

Tendo o presidente Getúlio Vargas nomeado Janary Gentil Nunes como governador do TFA, o gestor logo encarregou-se de colocar em prática as mudanças que pretendia estabelecer na região. Macapá tinha as seguintes características à época que se tornou capital: era uma cidade que havia se formado no entorno da Fortaleza de São José de Macapá e às margens do Rio Amazonas, ocupada por uma parcela significativa de afrodescendentes que se estabeleceram na região durante a construção da fortificação. Os assentamentos da população negra se concentravam em regiões mais elevadas da região como o “Formigueiro”, no entorno da Igreja Matriz de São José, a Vila Santa Engrácia, localizada na Praça São João, atualmente conhecida como Praça Barão do Rio Branco, tida como uma área nobre, e a ocupação próxima a Fortaleza de São José de Macapá, denominada Elesbão (Silva, Maura, 2007).

Dessa forma, a cidade, que tinha seu núcleo inicial estabelecido no entorno da Fortaleza, recebeu a construção de diversas edificações novas, dentre elas conjuntos habitacionais, escolas, hospitais, estradas, além de sistemas de distribuição de energia, água e esgoto. Foi nesse período que significativas construções para a cidade foram erguidas, como o Hospital Geral, a Residência Oficial do Governo, a Escola Barão do Rio Branco, o Colégio Amapaense, a vila residencial IPASE, o Mercado Central, o Fórum dos Leões. Para que essas novas instalações se tornassem possível, na visão do governador do TFA, Janary Gentil Nunes, era necessário remanejar as populações que habitavam essa região (Silva, Maura, 2007).

A instalação do Território atraiu a chegada de imigrantes e de muito investimento público para que a região abandonasse as aparências de “inóspita”. Por conta disso, algumas práticas foram desqualificadas a partir do discurso progressista da era Vargas, como a locomoção entre municípios por meio dos rios, em que a administração realizou a abertura de vias terrestres. Além disso, a população na sede do TFA aumentou significativamente nos primeiros anos, ocupando os alojamentos, que contavam com armadores de rede, banheiros e cozinha compartilhados, e casas que estavam sendo erguidas para o acolhimento desses trabalhadores e operários. Enquanto alguns funcionários e seus familiares foram convidados especificamente para ocupar cargos na administração pública, muitos outros foram atraídos por oportunidades potencialmente desconhecidas que surgiram com a criação do TFA. Algumas iniciativas do governo territorial também contribuíram com o aumento da migração na região, como a regularidade dos serviços de navegação entre Macapá e Belém e outras localidades, a distribuição de lotes residenciais e comerciais a baixo custo e a concessão de auxílios para a construção (Silva, E., 2017).

As elites brasileiras, ao final do século XIX e início do século XX, debateram planos de obras urbanas que tinham como principal objetivo melhoramentos e embelezamento das cidades (Villaça, 1999). Maricato (2000) ainda afirma que mesmo nas décadas de 1930 e 1940 é possível ver a implantação desses planos de embelezamento.

O plano janarista se constitui sob essa ótica de modernizar a cidade, erigindo edificações de alvenaria e realizando plano de saneamento. De acordo com Tostes e Weiser (2018), Janary Nunes, em um curto período, tratou de estabelecer um novo traçado urbano para a cidade, com características da cidade moderna, composta por ruas e avenidas largas e espaços públicos mais amplos atendendo atividades de trabalho e lazer. Essas transformações visavam não somente uma melhoria da infraestrutura urbana, mas também refletir uma visão mais ampla de ‘progresso’ e ‘modernidade’, com intuito de adaptar a cidade aos padrões das outras capitais.

Com a implementação dessas mudanças, nota-se que o foco dessas políticas estava em criar esse ambiente urbano capaz de suportar uma demanda cada vez mais crescente por serviços e infraestrutura por conta dos constantes estímulos de crescimento populacional.

Para Takamatsu (2023, p. 16) “nesse contexto, da visão modernizante, fundaram-se as premissas de uma ideia de Amazônia subdesenvolvida, que vive à margem da racionalidade técnica, carente da ordem de recursos advindos externamente, necessários ao bem-estar individual e coletivo”. A autora empreende uma crítica às características dessa modernização e suas aplicações na região amazônica, de forma que muitas dessas intervenções ignoraram as especificidades locais e a população existente.

A urbanização regional amazônica foi intensamente marcada pela geopolítica do governo militar, o qual tinha como projeto o Plano de Integração Nacional, concebido na década de 1960 e implantado em 1970, sob o título de “Programa de Integração Nacional” pelo decreto-lei nº 1.106/1970. Com o intuito de ocupar definitivamente a Amazônia, usou como estratégia incentivos fiscais e créditos a juros baixos com o objetivo de atrair empresas (Becker, 2012).

No Amapá, a presença de empresas como a Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI), Jari Celulose S/A (JARCEL), Caulim da Amazônia S/A (CADAM), e de programas do Governo Federal, como o Programa Calha Norte (PCN), influenciaram a urbanização local, modificando em relação à presença de uma maior infraestrutura e nos investimentos de serviços urbanos na cidade de Macapá, implantando uma economia mercantil em uma área anteriormente pouco povoada (Becker, 2012; Santos, E., 2017).

Ainda nos anos iniciais do TFA, as populações negras que residiam no núcleo inicial da cidade de Macapá foram remanejadas para o bairro do Laguinho devido à construção de novos prédios e infraestruturas para incentivar o povoamento da capital Macapá (Silva, Maura, 2007).

O remanejamento dos afro-macapaenses foi, segundo Lobato (2015), a partir de um acordo com líder dos marabaixeiros, Mestre Julião Ramos, em que Janary aproveitou-se de sua proximidade, considerando-o um “aliado”. Essa tensão acarretou a formação de três grupos na comunidade negra: os que eram favoráveis ao governo de Janary, os que eram contra e os que se abstinham de emitir algum posicionamento. Mas o que todos tinham em comum era o desafio de remodelar suas vidas nas novas condições. Dessa forma, nem todos aceitaram por bem seguir Julião Ramos para o bairro Laguinho, escolhido em virtude de muitos já terem nesse lugar roças de variados tipos de plantação, decidindo então estabelecer suas vivências na Favela, seguindo a dona Gertrudes Loureiro, também uma das lideranças do Marabaixo.

E. Silva (2017, p. 124) traz em sua pesquisa o relato de dona Josefa, conhecida como “tia Zefa”, descendente de ex-escravizados fugitivos, em que ela cita, a partir de suas lembranças, as impactantes mudanças vividas por seus familiares e pela comunidade afrodescendente que residiam na região central da cidade, antes do remanejamento, destacando que essa desapropriação para os campos do Laguinho e Favela serviu “para abrirem espaço para os novos habitantes, a maioria brancos que chegavam a todo momento; Macapá, ou pelo menos o centro da cidade, remodelava-se para recebê-los”.

Analisando o Relatório de Governo de Janary Nunes, foi possível perceber que este tinha interesse em transformar as características da população local, a fim de estabelecer novos hábitos nas produções agrícolas; no ensino quanto a higiene, alimentação, vestuário, conforto e, até mesmo, alegria, como mencionado. No relatório educacional, descreve que:

Para atender a tantas imposições do meio, a escola não poderá ser somente o auditório onde se ministra a aula, mas também o lar, a igreja, o campo agrícola, a floresta, o posto médico, a praça de esportes, as vias de comunicações, os meios de transporte, a oficina e a casa de comércio, o rádio, o teatro, o cinema, a biblioteca pública, as associações profissionais e beneficentes, os clubes, enfim, se estende a todos os ambientes da vida regional.

Portanto, todos os ‘meios’ deveriam ser utilizados para reeducar essa população, em todos os contextos e áreas dessa vida regional, de forma a modificar as práticas agrícolas, religiosas, sociais, higiênicas, esportivas, de lazer, entre outras.

Tostes e Feijão (2018) afirmam que na época da fundação de Macapá, em 1758, a região viveu um apagão demográfico e urbanístico. Essa situação, de acordo com os autores, acaba por contrastar com o acontecimento da década de 1940, em que a cidade se transforma nesse polo regional de atração de imigração local e regional, especialmente quando implementa-se a mineração de manganês em 1950.

A empresa ICOMI se instalou na cidade de Serra do Navio, no Amapá, desde a década de 1950, instaurando a primeira experiência de mineração industrial na Amazônia. O governador Janary Nunes atribuía o desenvolvimento do Território à essa atividade de mineração industrial da região (Monteiro, 2003). Para Takamatsu (2023), enquanto o município de Serra do Navio tornava-se um foco desse desenvolvimento industrial, a cidade de Macapá destinava-se a ser esse centro político do Território, de forma que precisava-se remover os sinais de ‘decadência’ da cidade. Macapá sofre então um boom demográfico, passando de cerca de quase 2.000 habitantes no ano de 1940 para 20.594 no ano de 1950 e 46.905 no ano de 1960 (Takamatsu, 2023; Sidra/IBGE).

O desordenado crescimento populacional, principalmente associado à imigração de força de trabalho, sendo que a maior parte, de acordo com Amaral (2011), provém da própria Amazônia, culminaria na necessidade do primeiro Plano Urbanístico da cidade, o “Plano Grumbilf do Brasil (1959)”, contratado pela Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA) a fim de realizar um levantamento do perímetro urbano e as áreas de expansão futuras, de forma que a Companhia pudesse dimensionar os sistemas de água, esgoto e eletricidade. O instrumento, no entanto, também foi importante para estabelecer diretrizes essenciais para a urbanização da cidade (Weiser e Tostes, 2019).

Alguns importantes pontos que esse plano abordou foi a indicação de potencialidades turísticas e a valorização de alguns pontos turísticos, no entanto deixando de lado dois importantes locais: a Fortaleza de São José de Macapá e o Trapiche Eliezer Levy; também adotou diretrizes que ajudaram na conservação do traçado das vias já existentes e o aproveitamento da topografia da cidade para a criação de novos bairros e a introdução de ruas intermediárias na região comercial. Essas diretrizes direcionavam-se mais ao centro da cidade, deixando em segundo plano algumas outras áreas, mesmo as mais próximas desse centro, mas que tinham características de ocupação informal (Weiser e Tostes, 2019).

No Quadro 1, elaborado por Weiser e Tostes (2019), podemos visualizar as principais diretrizes do Plano Grumbilf. O plano foi essencialmente voltado a preocupações pontuais de questões de infraestrutura urbana e teve seus princípios adotados em documentos posteriores de planejamento e ordenamento da cidade de Macapá.

Quadro 1 - Diretrizes do Plano Grumbilf do Brasil

PLANO GRUMBILF DO BRASIL	
DIRETRIZES	Conservação do traçado na área já existente da cidade, introduzindo unicamente pequenas modificações sem incorrer em grandes despesas com desapropriações.
	Localização do Centro Cívico projetado pelo Governo, entre as Avenidas Procópio Rola e Ernestino Borges e as Ruas Leopoldo Machado e 2ª Rua, criando assim um eixo monumental

	ao longo da Rua Leopoldo Machado, com a localização da prefeitura e da Catedral, finalizando na 4ª Avenida e ligando em semicírculo a Rua Jovino Dinoá.
	Aproveitamento da topografia peninsular da cidade e sua beleza paisagística para a criação de uma série de bairros novos, cada qual com sua vida própria, ou seja, seu núcleo comercial, suas casas de diversões, suas escolas, hospitais e igrejas, seu mercado industrial, suas praças de esporte e etc.
	Localização e ampliação do aeroporto de acordo com a planta fornecida pela Diretoria de Aeronáutica Civil.
	Estabelecimento de condições favoráveis de trânsito e a rápida interligação dos bairros com amplas áreas de estacionamento.
	Localização dos postos de gasolina em pontos estratégicos.
	Localização de pequenas indústrias e oficinas bem como os serviços municipais, principalmente o relativo ao lixo, a favor dos ventos predominantes, isto é, sudoeste dos bairros residenciais.
	Introdução de ruas intermediárias no Centro Comercial.
	Adoção das medidas de 80 por 200m para as quadras novas, tendo parte dos lotes 15 por 40m e os em situação privilegiada, 20 por 40m.
	Continuação da Avenida Amazonas, parcialmente executada, em direção ao Pacoval.
	Evitar a seleção de bairros e habitantes, dividindo-os em classes.
	Localização de um centro comercial na parte central da cidade à esquerda do Centro Cívico entre as Ruas Leopoldo Machado e a 2ª Rua e as Avenidas General Gurjão e FAB. Sobre esta diretriz é interessante observar que foram áreas institucionais o que mais caracterizou a ocupação da Av. FAB em relação a Leopoldo Machado.

Fonte: Elaborado por Weiser e Tostes, 2019, n.p., com base no Plano Grumbilf do Brasil.

A ocupação, seguindo o projeto pombalino em Macapá, estabeleceu uma malha ortogonal regular, que priorizou o uso das terras ‘secas’. Já nesse segundo momento, caracterizado pela expansão, empreendeu uma mudança na abordagem do planejamento urbano da cidade, de forma que, enquanto no primeiro momento o substrato natural da cidade, cortada por canais e áreas de ressaca, foi colocado em segundo plano, nesse segundo momento, iniciado com o governo de Janary Nunes, foi tido como um obstáculo ao desenvolvimento “modernista” de Macapá (Takamatsu, 2023).

Com a ascensão do Regime Militar em 1964 e a implantação de um regime autoritário, a ocupação das terras amazônidas tornou-se meta prioritária para a nova gestão, surgindo em Macapá um novo momento de crescimento da cidade. Amaral (2011, p. 190) afirma que:

Se num primeiro momento (até 1964) a cidade estava confinada nos limites do que se considera na atualidade como sendo seu centro comercial e de serviços mais adensado, logo em seguida ela foi se expandindo num formato retilíneo, acompanhando três artérias principais – as rodovias Juscelino Kubitschek, Duque de Caxias e BR-156 – paralelas ao rio Amazonas, que articulam a cidade de Macapá com Santana e o interior do Estado, sendo que no caso das duas últimas é a área onde se localiza grande parte das atividades comerciais e de serviços voltados à demanda regional e não somente urbana.

O Território Federal do Amapá passou a ser gerido pelo general Ivanhoé Gonçalves Martins. Nesse período criou-se instituições que visavam a promoção do desenvolvimento regional, sendo elas a Companhia Progresso do Amapá (COPRAM) e o Instituto Regional de Desenvolvimento do Amapá (IRDA) (Takamatsu, 2023).

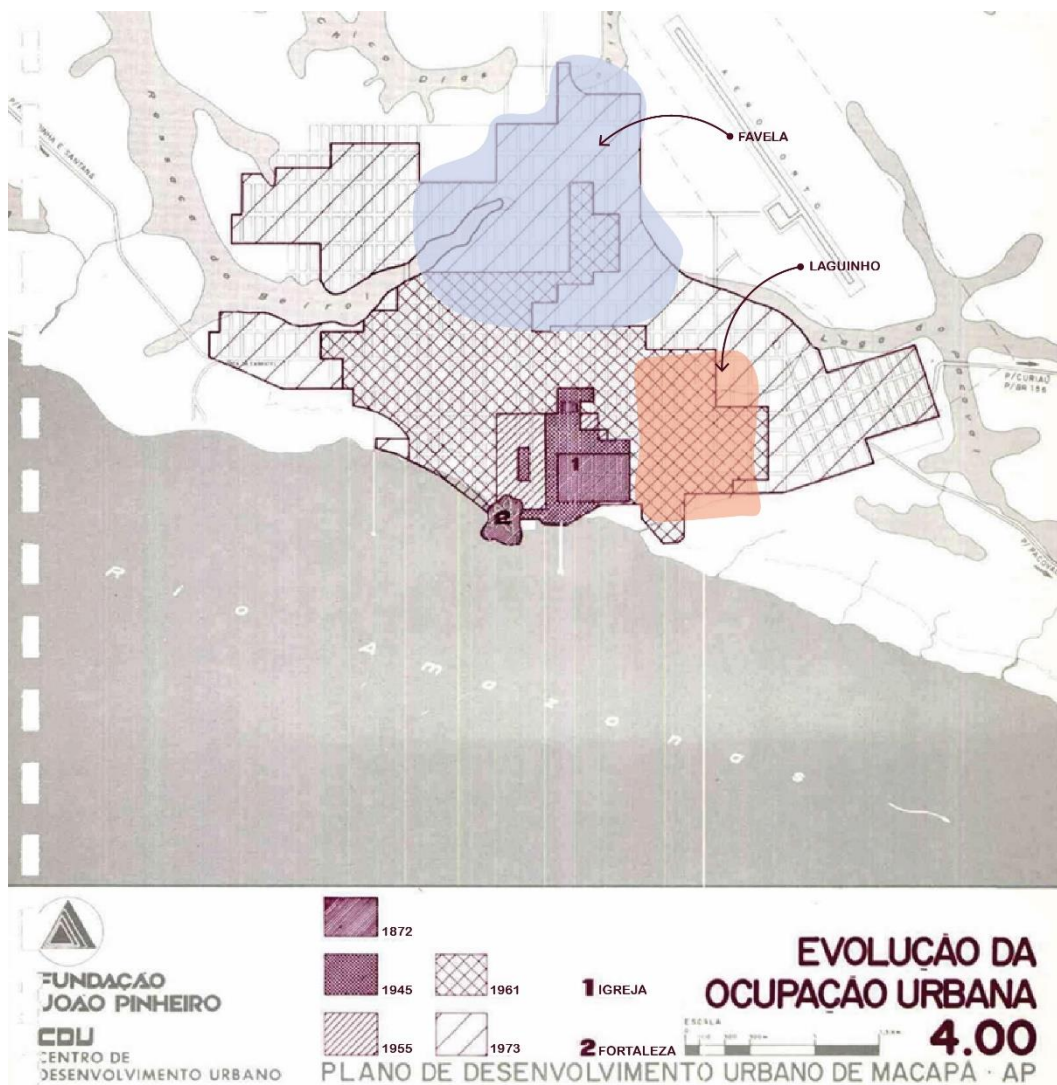
Na década de 1970 um novo plano para o desenvolvimento urbano de Macapá foi contratado pelo Governo Territorial, o Plano de Desenvolvimento Urbano da Fundação João Pinheiro (PDU/FJP). De acordo com Tostes (2006), esse plano contou com maior densidade de aplicação. Um dos motivos apontados pelo autor é o fato de que sua contratação e aplicação foi gerenciada pelo governo territorial e o Ministério do Interior, tendo sido incentivado pelo Governo Federal.

Ele foi elaborado em 1973, por meio do programa de planejamento urbano para Territórios Federais, e tinha como principal objetivo orientar o desenvolvimento urbano por meio do estímulo à política de ocupação urbana e um zoneamento em que predominasse o uso do solo com áreas reservadas para estimular um crescimento urbano acompanhado de diretrizes para a administração municipal. Os estudos da Fundação João Pinheiro, afirma Tostes (2006), previam uma ocupação das áreas periféricas, antes mesmo da hipótese do amplo crescimento populacional ocorrido pela criação da área de livre comércio no início da década de 1990 poder ser levada em conta.

O Plano elaborado pela Fundação João Pinheiro constava que, de acordo com o censo de 1970, a população do TFA era de 114.359 habitantes, sendo 62.451 residentes nas áreas urbanas. O relatório destaca que o local possuía uma baixa densidade demográfica, de aproximadamente 0,82 habitantes/km², com a ressalva de que grande parte da área era considerada “inabitável”. Destaca-se que Macapá concentrava 44,9% da população urbana, sendo considerada como centro vital do TFA (FJP, 1974).

Em relação à expansão urbana da cidade, o Plano da FJP destaca que entre os anos 1945 a 1953 a área urbana de Macapá se delimitava ao bairro Central, da margem do rio à Rua Eliezer Levy. No período de 1953 a 1961, com a instalação da ICOMI nos municípios de Serra do Navio (distante a aproximadamente 206km de Macapá) e Santana (distante a aproximadamente 21km de Macapá), gerou uma expansão considerável em Macapá, com o surgimento de bairros na zona sul: Trem, Beiril e um aglomerado de palafitas no Igarapé do Elesbão; ao oeste, com uma expansão do bairro Central e do bairro Santa Rita; e ao norte, com os bairros do Laguinho e o Igarapé das Mulheres. De 1961 até a década de 1970, os bairros Santa Rita e Beiril se expandiram; surgiu na zona Sul o Alglomerado da Vacaria; ao sudoeste, criou-se o bairro Buritizal; ao noroeste, surgiram os bairros Jesus de Nazaré e Jacareacanga; e ao norte, a criação do bairro do Pacoval. Essa expansão pode ser observada no mapa da Figura 5 (FJP, 1974).

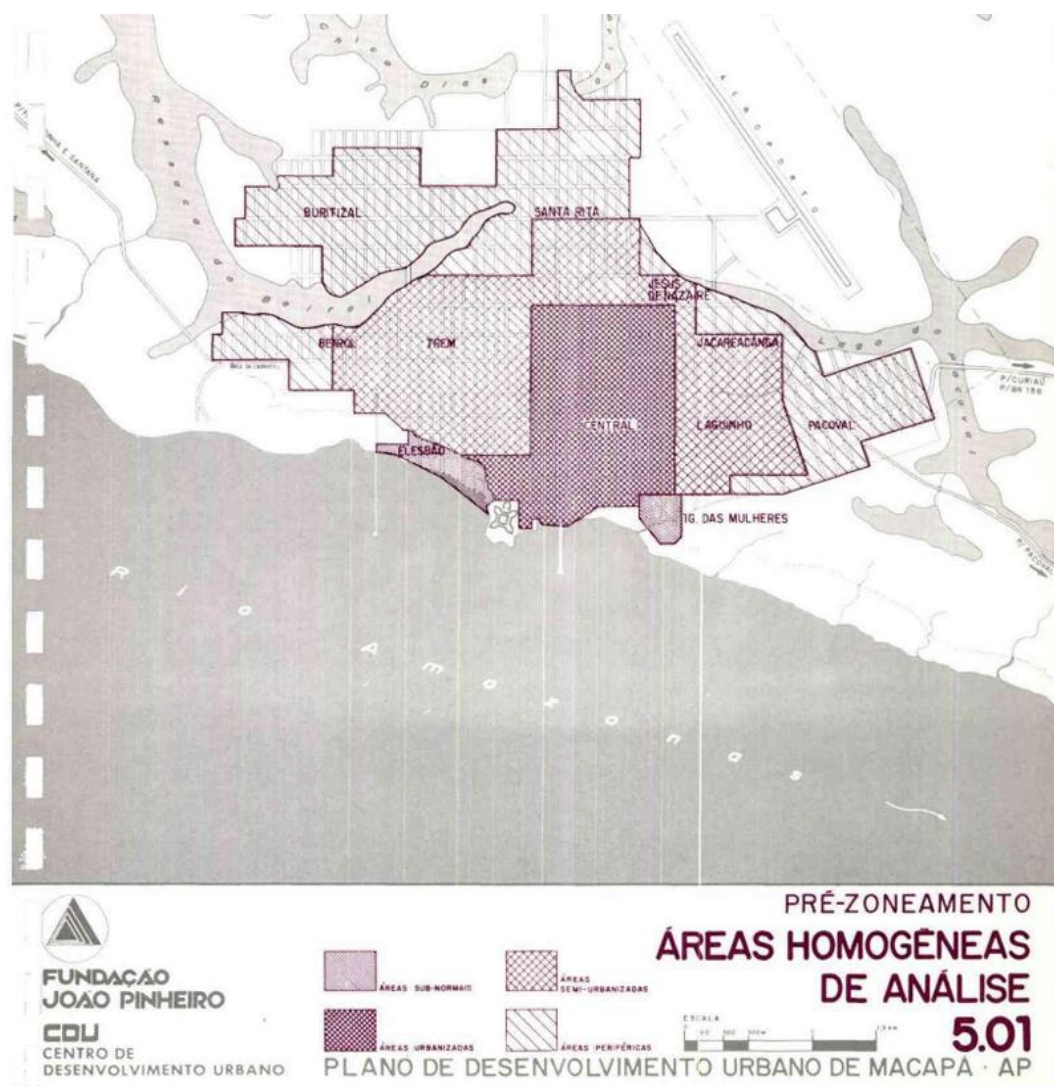
Figura 5 - Mapa da Evolução Urbana de Macapá (1872 - década de 1970)



Fonte: Elaborado pela FJP (1974, p. 48) modificado pela autora (2024).

O Plano de Desenvolvimento Urbano da FJP também subdividiu as áreas de Macapá em “áreas homogêneas” (Figura 6) observando fatores como: estrutura urbana, uso do solo urbano, serviços de infraestrutura e equipamentos urbanos, padrão das edificações e a distribuição das edificações. Dessa forma, chegou-se à definição de quatro categorias: áreas sub-normais, áreas urbanizadas, áreas semi-urbanizadas e áreas periféricas, estando o bairro Laguinho, em sua maior parte, locado na região das áreas semi-urbanizadas e o Santa Rita na área periférica (FJP, 1974).

Figura 6 - Mapa de Áreas Homogêneas de Macapá (década de 1970)



Fonte: Elaborado pela FJP (1974, p. 53).

Os relatores trouxeram a seguinte análise:

Áreas Urbanizadas

Compreendem o Bairro Central, o Bairro antes conhecido por Bairro da Favela e a parte do Bairro do Laguinho, que se apresentam com o seguinte quadro:

- Estrutura Urbana, com todas as vias definidas em traçado reticulado com quadras retangulares, medindo, em média, 70 x 200m;
- O uso predominante é o residencial, porém, aí se concentra a quase totalidade dos prédios públicos, bem como os estabelecimentos comerciais que se situa entra a Rua São José e o Rio Amazonas e as Avenidas Henrique Galúcio e Coriolano Jucá;
- Praticamente, toda a área dispõe de água, energia elétrica, telefone, coleta de lixo domiciliar, limpeza pública e arborização. Suas ruas são na quase totalidade asfaltadas e com iluminação pública. Todas as linhas de transporte coletivo têm percurso na área e apenas parte dela é servida por rede de esgoto sanitário;
- Suas edificações são, de modo geral, de padrão médio, porém, é aí que se concentram as melhores edificações.

- Essas áreas perfazem, aproximadamente, 200 hectares e abrigam uma população superior a 10.000 (dez mil) habitantes. A existência do comércio, prédios públicos, praças e áreas livres destinadas à recreação são a causa de sua baixa densidade demográfica (FJP, 1979, p. 54).

Essas estruturas se concentravam, em maior parte, na região do bairro do Centro, de forma que para o restante do bairro do Laguinho a realidade era a seguinte:

Áreas Semi-Urbanizadas

Compreendem o Bairro do Trem, parte do Beírol, parte do Santa Rita, parte do Jesus de Nazaré, parte do Jacareacanga e quase todo o Bairro do Laguinho, e têm as seguintes características básicas:

- A malha urbana apresenta-se como continuação daquela da área Central, com exceção da parte dos Bairros Jacareacanga e Laguinho, e que as quadras são de largura bastante superior, variando de 100 a 120 metros;
- O uso predominante é o residencial, com uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais de atendimento local, dispersos em toda a área;
- São áreas bem servidas de água, energia elétrica e parcialmente atendidas pela coleta de lixo domiciliar, não havendo serviço de limpeza pública. A arborização das vias é esparsa e não contam com praticamente nenhuma praça e iluminação pública. Dispõe de algumas vias asfaltadas e são parcialmente atendidas por transporte coletivo;
- O padrão das edificações, de um modo geral, se apresenta entre médio e baixo;
- Estas áreas abrangem, aproximadamente, 350 hectares, com uma população superior a 25.000 habitantes, apresentando uma densidade superior a 70 habitantes por hectare, sendo o Bairro do Trem o mais populoso, com densidade demográfica próxima de 100 hab/ha (FJP, 1974, p. 55).

Em se tratando das áreas periféricas, onde se situava o bairro Santa Rita, o relatório trouxe a seguinte análise:

Áreas Periféricas

Compreendem parte do Bairro do Beírol, o Bairro do Buritizal, parte do Bairro Jacareacanga, parte do Bairro Santa Rita e o Bairro do Pacoval. Estas áreas podem ser consideradas semi-rurais na sua estrutura e assim se apresentam:

- Apesar da identidade com a malha urbana da cidade, as vias não são bem definidas e em vários casos interceptadas pelas ressacas que as envolvem, principalmente a do Beírol, que isola o Bairro do Buritizal quase por completo;
- O uso predominante é o residencial com alguns estabelecimentos comerciais de atendimento local, também dispersos;
- Praticamente não há atendimento por qualquer dos serviços públicos considerados e tampouco dispõem de equipamentos urbanos;
- O padrão das edificações se apresenta predominantemente baixo, com alguma ocorrência de padrão médio;
- Essas áreas somam aproximadamente 400 hectares com uma população superior a 25.000 habitantes apresentando, portanto, uma densidade média pouco superior a 60 habitantes por hectare. A densidade mais baixa da cidade foi verificada no Bairro do Buritizal, que, na sua parte ocupada, é de 30 habitantes por hectares (FJP, 1974, p. 56).

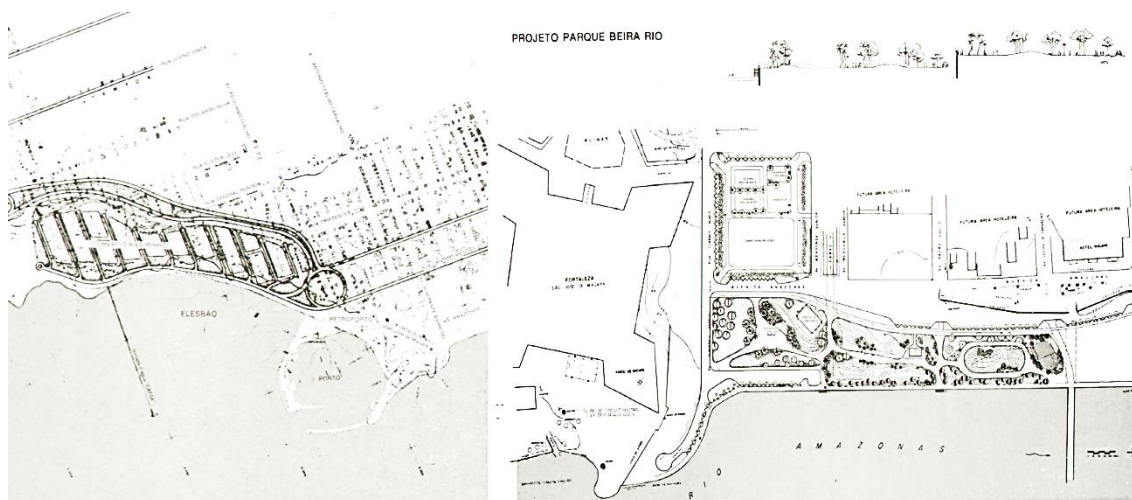
Pode-se notar, a partir dessas análises, que após aproximadamente 30 anos da instalação do Território Federal do Amapá, era na região central que ainda se concentravam a maior

disponibilidade de serviços e comércios, bem como o padrão residencial mais elevado, com uma diversidade de áreas voltadas ao lazer e uma boa arborização, concentrando uma baixa densidade populacional.

Logo após a contratação do Plano de Desenvolvimento Urbano da Fundação João Pinheiro, foi desenvolvido o Plano de Desenvolvimento Urbano H.J. Cole & Associados S.A., nos anos de 1976 a 1979.

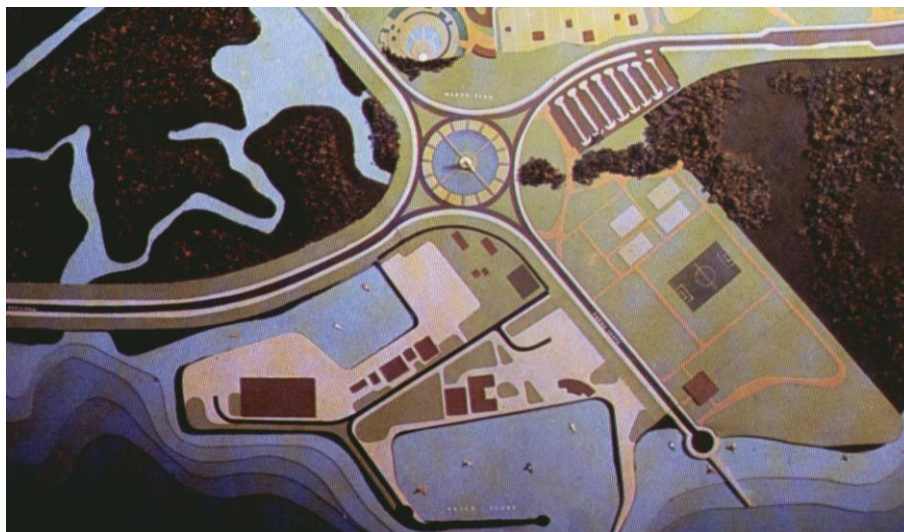
Tostes (2006) afirma que esse plano foi responsável por elaborar diversos projetos urbanos para a cidade de Macapá, sendo um deles no bairro do Laguinho. Considerado por Tostes (2006) um trabalho amplo com relação às potencialidades do território amapaense, principalmente quanto à prática do turismo, visto que é promissora a proximidade entre o Amapá e a Guiana Francesa. Tendo isso em vista, o projeto previa a implantação de parques em três locais: na Fortaleza de São José de Macapá (Figura 7), no complexo Marco Zero (Figura 8) e no bairro do Laguinho, nas proximidades da área do Poço do Mato (Figura 9).

Figura 7 - Projeto para a Fortaleza de S. José



Fonte: Plano H.J. Cole, via Blog Realidades Urbanas (<https://realidadeurbanas.blogspot.com/2019/03/>).

Figura 8 - Projeto para o Marco Zero do Equador



Fonte: Plano H.J. Cole, via Blog Realidades Urbanas (<https://realidadeurbanas.blogspot.com/2019/03/>).

Figura 9 - Projeto para o Poço do Mato, no bairro Lagunho



Fonte: PDU/H. J. Cole (1979)

No entanto, nenhum desses três projetos foi plenamente executado. Para Tostes (2006), um dos principais entraves para a execução desses planos encontra-se na falta de continuidade das políticas públicas nas mais diversas áreas e, somado a isso, os planos contavam com uma visão muito técnica, sem uma participação efetiva da sociedade, além de que os municípios acabam por absorver várias atribuições sem possuírem as condições adequadas para isso.

Há uma constante dependência econômica das transferências federais pelos ex-territórios, o que no Amapá, durante seu período de estadualização (em 1988), ainda coincidiu

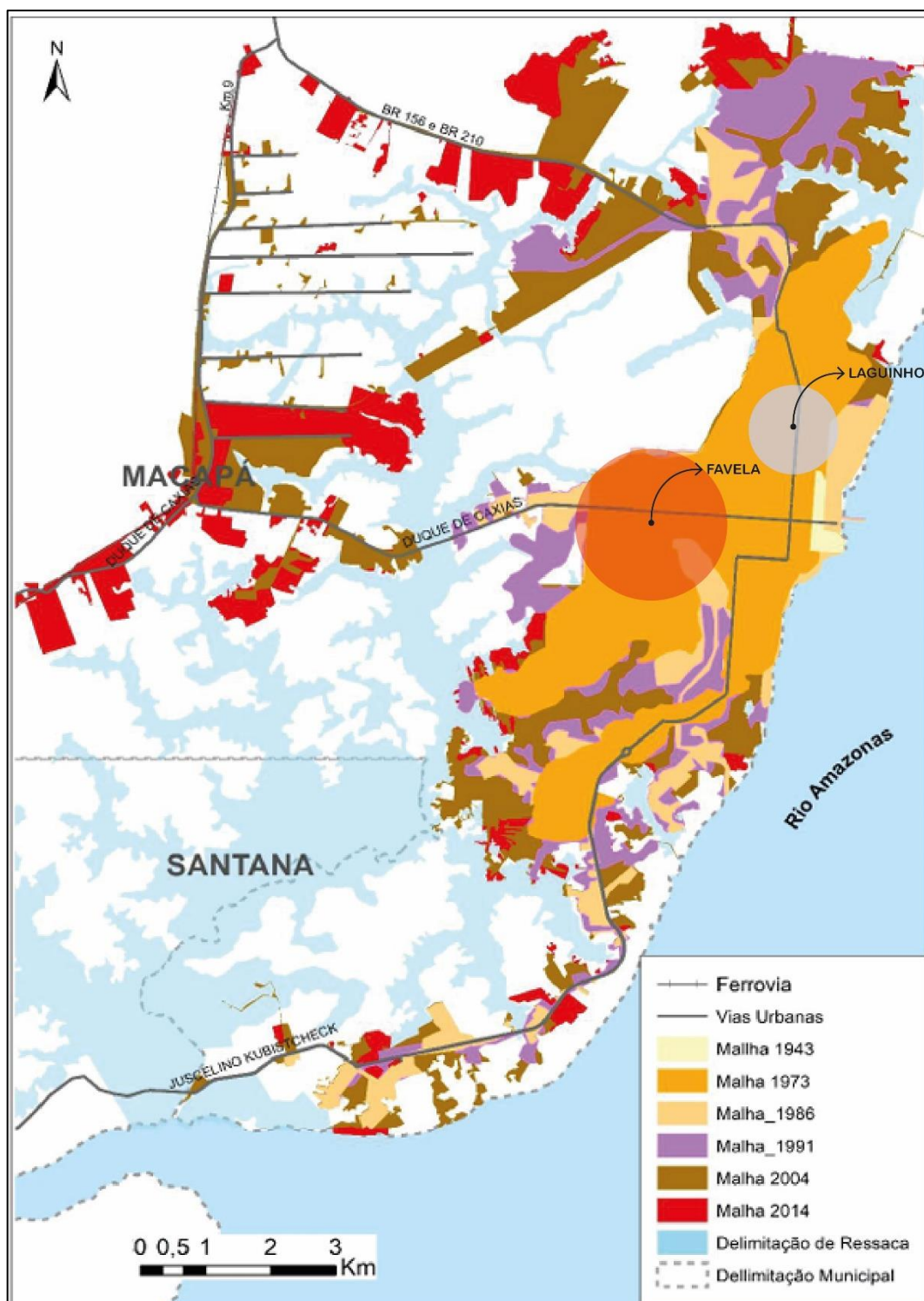
com situações como o encerramento das atividades da ICOMI (1957-1997), a implantação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana – ALCMS (1991), a implementação do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá – PDSA (PDSA I: 1994-1998; PDSA II: 1999-2002) e a instalação de mineradoras. Tostes (2007) afirma que, nesse caso, os problemas urbanos nos municípios amapaenses acabaram por se acentuar, visto que a economia local não se desenvolveu de forma apropriada.

E. Silva (2017) destaca que houve um crescimento populacional urbano após a estadualização, em especial pela saída de muitas pessoas do campo para a cidade. Esse dado também deve considerar a criação de 9 novos municípios dentro do Amapá, os quais foram desmembrados do município de Macapá, entre os anos de 1987 e 1994, dividindo a população rural compatibilizada para a capital.

Paralelamente, a criação da Área de Livre Comércio Macapá e Santana impulsionou ainda mais esse crescimento populacional. As Áreas de Livre Comércio (ALCs) foram criadas por políticas públicas a fim de desenvolver as zonas fronteiriças da Amazônia brasileira por meio de incentivos tributários, estimulando as empresas a produzir e comercializar produtos nessas regiões, as quais são tidas como de ‘difícil acesso’, gerando empregos e promovendo o desenvolvimento dessas áreas. A criação da Área de Livre Comércio Macapá e Santana, em 1991, trouxe mudanças econômicas para o Estado do Amapá, de forma que surgiram novas oportunidades de emprego e renda na região e um significativo aumento populacional (Silva, J., 2018).

Entre os anos de 1990 e 2010 o crescimento da malha urbana de Macapá foi bastante expressivo. Enquanto que até a estadualização a capital contava com 17 bairros e era dividida nas Zonas Norte e Sul pela Avenida FAB, começou a ter diversos rearranjos urbanos a partir de 1990, devido ao alto índice de ocupação da cidade pelo aumento populacional. Isso deu início a um significativo processo de ocupação e expansão urbana, com a criação de novos loteamentos e bairros, como o Pantanal, Boné Azul, Marabaixo, Renascer, Amazonas, Brasil Novo, Tucumã, Morada das Palmeiras, Chefe Clodoaldo, Novo Horizonte e Infraero I. O mapa da Figura 10 mostra a expansão da malha urbana de Macapá em seis momentos diferentes: 1943, 1973, 1986, 1991, 2004 e 2014, de forma a ilustrar as direções desse crescimento urbano ao longo do período (Silva, E., 2017).

Figura 10 - Mapa de expansão da malha urbana de Macapá, 1943 a 2014



Fonte: Elaborado por Watanabe (2017), organizado por E. Silva (2017, p. 60).

A autora destaca esse crescimento cronológico da malha urbana de Macapá, evidenciando seu crescimento nos três principais eixos: Norte, Sul e Oeste. E. Silva (2017, p. 61) descreve que:

observa-se que o maior crescimento da malha urbana da cidade ocorre entre 1973 e 2004, período correspondente a 15 anos de administração do governo do Território Federal e outros 15 de vigência da estadualização. Verifica-se, ainda, que a malha urbana existente em 1973 era a área do centro e os bairros periféricos do centro. Em 1991, nota-se que a expansão urbana cresceu especialmente para a região Norte da cidade, área hoje ocupada pelos Bairros Jardim Felicidade e Infraero. Já a malha ocupada em 2004 evidencia o crescimento da cidade, especialmente no sentido Sul e Norte. A malha urbana de 2014 destaca o crescimento da cidade para Oeste, Sul e Norte, sendo possível afirmar que a expansão urbana em Macapá, a partir 2010, ocorre a partir de três eixos principais: Eixo de Expansão Sul, Eixo de Expansão Norte e Eixo de expansão Oeste.

Analisando a população de Macapá entre os anos de 1950 e 2010, por meio do Quadro 2, podemos notar que as décadas de 1960, 1970 e 1980, durante o Território, representaram momentos de grande crescimento populacional, condizentes com a expansão territorial que podemos observar no mapa da Figura 10.

Quadro 2 - População de Macapá entre os anos de 1950 e 2010

Macapá-AP		
Ano	População	Crescimento em relação ao censo anterior
1950	20.594	-
1960	46.905	127,76%
1970	87.755	87,09%
1980	140.624	60,25%
1991	179.252	27,47%
2000	282.745	57,74%
2010	398.204	40,83%

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), elaborado pela autora (2024).

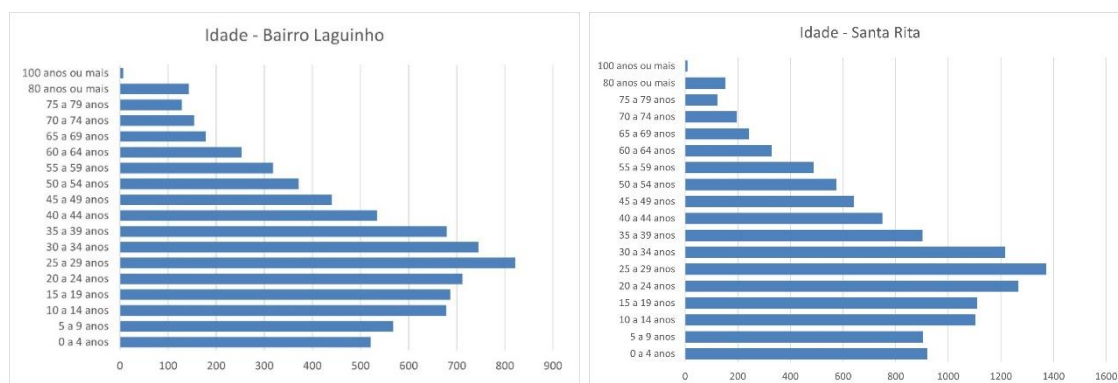
Em suma, podemos notar que a urbanização de Macapá sofreu significativos impactos a partir dos eventos que se desencadearam desde a criação do Território Federal do Amapá e a sua elevação a capital do Território na década de 1940. As decisões políticas do governador Janary Nunes resultaram na formação do bairro Laguinho e da Favela/Santa Rita, contribuindo para novas configurações urbanas da cidade. Também os projetos de exploração mineral acabaram por impulsionar o crescimento populacional e econômico da região, bem como a criação das Áreas de Livre Comércio que trouxeram novas dinâmicas populacionais e econômicas. Esses fatores, combinados, acabaram por moldar esse crescimento urbano de Macapá e possuem consequências até os dias atuais.

2.2 Caracterização dos bairros Laguinho e Santa Rita (“A Favela”): um novo realojamento

A história social, de acordo com Sharpe (1992), tem como objetivo situar um acontecimento social dentro do contexto cultural a fim de que seja estudado em um nível analítico, ao invés de apenas em um nível descritivo. Dessa forma, a pesquisa acerca dos bairros Laguinho e Santa Rita tem como finalidade compreender o contexto cultural desses territórios a fim de compreender como o acontecimento da remoção da comunidade negra se deu.

Os bairros Laguinho e Santa Rita estão inseridos na “Unidade de Gestão Urbana - Macapá Centro”³, de acordo com o Plano Diretor de Macapá. Segundo o Censo do IBGE de 2010, o Laguinho possui uma população de 7.930 habitantes e o Santa Rita de 12.300 habitantes. Ambas as populações são de maioria feminina e predominantemente jovem e adulta, com o corpo da pirâmide etária largo, como pode-se observar nos gráficos da Figura 11.

Figura 11 - Gráfico etário dos bairros Laguinho e Santa Rita



Fonte: Adaptado pela autora (2024) de IBGE (2010).

De acordo com o Censo do IBGE de 2010, a população negra (englobando pretos e pardos) do bairro do Laguinho é de 66,07% e do Santa Rita de 68,95%, porcentagens similares à média do município de Macapá, que conta com uma população total de 72,33% de pessoas negras. Portanto, ainda que historicamente tenha sido um bairro formado majoritariamente pelas primeiras populações negras de Macapá, tem passado por um novo processo de realojamento dessas famílias.

³Composta pelos bairros: Santa Inês, Beiril, Buritizal, do Trem, Nova Esperança, Santa Rita, Central, Laguinho, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Cidade Nova, Pacoval, Jesus de Nazaré e área do Aeroporto Internacional de Macapá (PDMM, 2004).

É importante destacar que a Favela nunca chegou a se tornar uma região oficialmente reconhecida e atualmente foi “substituída” pelo bairro Santa Rita. Seus limites, no entanto, também ocuparam áreas de outros bairros presentes no entorno do atual Santa Rita.

Uma vez que essa população afroamapaense foi retirada do núcleo inicial da cidade a fim de ‘dar espaço à modernização’, atualmente enfrenta os avanços do setor comercial, devido a proximidade de ambos os bairros com o centro de Macapá, o qual concentra grande parte da atividade comercial. Entendendo muitas das manifestações culturais negras amapaenses como práticas que se territorializam, a mudança de residência de famílias tradicionais também pode implicar, pouco a pouco, no enfraquecimento das manifestações culturais.

Em seu relato, a entrevistada D.A. descreve a história de uma família que vendeu sua residência e, posteriormente, o local se tornou um posto de gasolina.

Uma outra coisa que me incomoda, me incomodou muito, é o posto de gasolina que tem na José Tupinambá com a Tiradentes, eu comecei a colocar combustível um dia desses, porque lá foi a casa do C. *(retirada a identificação do nome citado)*, uns amigos nossos, [...] e quando a mulher dele morre, uma família negra que morou lá, a do seu... a gente esquece das pessoas quando sai do lugar, e quando ela morre, a mulher dele, aí depois ele morre, os filhos resolveram vender a casa. [...], mas como que a memória de uma família vira um posto de combustível? [...] esse capitalismo ele vai expulsando as pessoas dos seus lugares, do que tem. Aí, tu vais, expulsa todo mundo⁴.

Existem três aspectos que me chamam atenção na fala de D.A. O primeiro é o trecho “a gente esquece das pessoas quando sai do lugar”, que carrega consigo a perda de uma parte do seu cotidiano. A casa da esquina, que agora é um posto de gasolina, já pertenceu a uma família negra que estabelecia relações com a comunidade ao seu redor, com a cultura do lugar.

O segundo ponto é a reflexão que D.A. coloca de “como que a memória de uma família vira um posto de combustível?”. Para além do tom de indignação da moradora, nos leva a pensar acerca de como essas mudanças urbanas vão transformando nos lugares algo além da materialidade. Para a entrevistada, o cerne principal da questão do fato contado não está na casa, está na presença daquela família naquele lugar, naquelas relações, naqueles convívios.

O terceiro aspecto é em relação a fala “esse capitalismo ele vai expulsando as pessoas dos seus lugares”. Apesar de ser utilizada no contexto de uma questão atual, que é a do avanço do setor comercial no tradicional bairro do Laginho, também pode remeter à remoção da população negra do centro para dar lugar a uma Macapá moderna durante a implantação do Território.

⁴ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

Em relação ao Santa Rita, os casos são similares. Em seu relato, o entrevistado P.F. relata que no bairro existia um local conhecido como “Chapéu de Palha”, próximo ao Abrigo São José, em que agricultores e pescadores traziam peixes, farinha e outros mantimentos para vender. No entanto, a região acabou mudando com o surgimento de vários comércios que possuíam um único proprietário. A tradição do Chapéu de Palha se perdeu e hoje a comercialização dos produtos é feita na feira nomeada como “Feira do Coração”. Em sua fala ele descreve esse processo:

E aí, no caso aqui, o nosso bairro era distante, Deus o livre, a gente achava longe ir no São Camilo. Onde é o chapéu de palha, aqui perto do abrigo dos idosos. Inclusive, essa semana, até me causou surpresa, que eu vi "Feira do Coração", isso aí era chamado Chapéu de Palha, anos e anos, Chapéu de Palha. Como Macapá muda tudo e a história se apaga? Nisso aí, porque era o Chapéu de Palha. Quê que se fazia aí? Aí, lógico, vinha esses agricultores, pescadores, traziam peixe. Então as pessoas vinham de lá da Favela, para aqui para o bairro para comprar peixe, final da tarde e uma farinha gostosa que até hoje vende. Era aí que era o local. Então era o Chapéu de Palha. Daí teve, apareceu um comércio. Inclusive esse senhor, eu acho que ele é já falecido, que ele é um só dono desse comércio das lojas até no meio do quarteirão, para o lado de lá, era dele. Ele construiu essas lojinhas. Aí foi, depois veio o pai do L. (*nome ocultado*), montou a M. (*nome do estabelecimento ocultado*), pequeno. E foi fluindo. Mas como, inclusive aqui da Mendonça Júnior, que era a vizinha da M. (*nome do estabelecimento ocultado*), ele saiu comprando as casas, com terreno pequeno aí queria expandir o negócio dele teve que ir comprando. Então aqui nesse caso era o Chapéu de Palha⁵.

Destaco o tom indignado do entrevistado quando ele coloca a questão “como Macapá muda tudo e a história se apaga?”, em que podemos refletir o constante apagamento que várias histórias acabam vivenciando dentro dessa cidade. Cantuária (2020) aponta que as transformações urbanas da cidade de Macapá não têm um planejamento urbano que leve em consideração suas características históricas e culturais, de forma que a modernização desses lugares acaba por negar a existência de uma história anterior.

A entrevista E.C. ainda destaca que o bairro realmente tem um forte comércio, apontando que não há necessidade de ir para outros bairros para realizar a compra de algum produto, devido à variedade de lojas existentes.

Evoluiu muito o bairro. Se você andar na Padre Júlio é só comércio. Você só sai daqui do bairro para comprar material de construção fora pela questão de fazer pesquisa de preço, porque tudo que você imagina tem aqui na Padre Júlio, aqui na Diógenes, que é o ponto comercial. Então o bairro Santa Rita ele evoluiu muito e é um bairro assim muito querido, é um bairro bom de se morar, ainda é bom de se morar⁶.

⁵ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

⁶ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

Uma das hipóteses que se pode apontar em relação ao incômodo desses moradores com o comércio que tem se instalado pelo bairro é o fato de que eles pertencem aos grandes empresários da cidade, tomando o lugar de residências e comércios locais. Tomando como exemplo a fala de D.A., pode-se perceber que existe um sentimento de que esses locais foram furtados dos moradores.

mas uma coisa assim que hoje eu trago como reflexão é como que nós não resistimos por esses lugares. Como que nós deixamos que esses lugares, fossem ocupados por outras pessoas, por terceiros que não eram daqui do Laguinho. Que é esse Z. *(retirada a identificação do nome citado)* que a gente sabe que era um comerciante, homem branco tal, que se instalou e que essa rádio nem faz trabalho em benefício do Laguinho. Isso daí é um que poderia estar fazendo um trabalho bem mais próximo de divulgação, tal... não, uma rádio como uma qualquer que tem e que, e que vem⁷.

Historicamente, observa Quijano (2005), negros e indígenas não podiam ter lugar no controle de recursos de produção, de instituições e de mecanismos de autoridade pública. O relato da entrevistada coloca em foco uma questão central do momento atual que o bairro do Laguinho enfrenta que é a sua ocupação por pessoas brancas que não pertencem ao bairro, não compartilham de sua cultura e ‘despejam’ aqueles que, de alguma forma, fazem parte da história do bairro.

Esses acontecimentos acabam por modificar a dinâmica do bairro, como coloca o entrevistado D.C.:

[o Laguinho] que é um bairro que sempre foi movimentado assim, por festa, por movimentos, ações, eventos e tal, pela Igreja também que fazia bem movimentada. Mas de um tempo para cá, por conta dos comércios que tem aumentado, tem mudado um pouco a cara [...] antes eu achava um pouco mais cultural. [...] Agora, atualmente já trazendo mais para o presente, já mudou um pouco, agora reduziu um pouco o número de famílias muitas, algumas tradicionais moram, mas outros já venderam, a gente já observa muito até que está virando um pouco comercial o bairro, já tem muito comércio, casas foram vendidas e pessoal vende para transformar em *kitnet*, ou em outras coisas, comércio⁸.

Entendendo esses bairros a partir da perspectiva de Santos (M., 1993, p. 8), são espaços que funcionam como substratos: que incorporam novos acontecimentos, no entanto com resistência às mudanças visto que retêm seus aspectos próprios da herança material e cultural que desenvolveu ao longo do tempo, e isso gera uma “força tranquila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar”. Portanto, ainda que enfrentem um processo de perda

⁷ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

⁸ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 23 de fevereiro de 2021.

de espaço dos agentes realizadores dessa cultura, ela ainda permanece viva, justamente por carregar consigo essas heranças históricas.

Com o intuito de compreender a formação das identidades laguinense e da Favela, percorremos três caminhos que pudessem nos trazer elementos importantes: personalidades significativas, pontos de encontro e o olhar que as pessoas trazem sobre este lugar, por meio das entrevistas com os moradores e antigos moradores dos dois lugares.

2.2.1 A formação da identidade laguinense

Uma das personagens mais importantes dessa história do bairro do Laguinho é o Mestre Julião. Julião Tomaz Ramos (1880-1958) (Figura 12) residia com seus pais na região em que hoje está a Residência Governamental, antes de mudar-se para o Laguinho. Obteve destaque como liderança na comunidade negra, principalmente após a implantação do Território, quando desenvolveu uma espécie de amizade com o Governador Janary. No Marabaixo, era um importante cantador e grande intérprete das composições de seu amigo, Raimundo Ladislau. Em sua carreira, ocupou o cargo público municipal de zelador do Campo de Aviação, que foi o primeiro aeroporto da capital, localizado na Avenida FAB. Casou-se com Januária Simplício Ramos, com quem teve seis filhos, dentre eles Benedita Guilhermina Ramos, conhecida como tia Biló (1925-2021) (Barbosa, 1997).

Figura 12 - Mestre Julião Ramos



Fonte: Blog Porta-Retrato AP (<https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2011/05/o-pioneiro-e-grande-lider-juliao-tomaz.html>).

Após o falecimento de Julião Ramos, seus descendentes ficaram com a responsabilidade de prosseguir com a festividade do Marabaixo, que corria o risco de deixar de existir. Foi então que em 1988 fundou-se a Associação Cultural Raimundo Ladislau na casa da família Ramos (ACRL). A associação homenageia outra importante personalidade para o bairro, o Mestre Raimundo Ladislau, que compôs diversos ladrões de Marabaixo. A casa de Tia Biló abriga hoje o barracão de Marabaixo da ACRL, em que ela foi uma das fundadoras. As festividades do Marabaixo antes ocorriam na sala de sua casa, em que ela retirava os móveis para receber os participantes. No entanto, tendo aumentado o número de pessoas, foi necessário que a família construísse um espaço em frente à residência (Alves, 2019).

Outro barracão de Marabaixo também importante para o bairro do Laguinho é o barracão do Mestre Pavão. Raimundo Lino Ramos (1936-2009), conhecido como Mestre Pavão, foi neto de Julião Ramos, filho de Felícia Amália Ramos. Com o falecimento de seus familiares próximos, ele deu prosseguimento às festividades do Marabaixo em sua residência (Marabaixo do Pavão, 2017).

Um trecho importante para começarmos a entender como o bairro do Laguinho é visto pelos seus moradores é relatado pela entrevistada L.S., em que ela coloca que “o Laguinho é um bairro de encantos, um bairro de riquezas, um bairro onde eu passei toda a minha infância aprendendo, bebendo na fonte, inclusive dos nossos mais velhos que viveram naquele bairro” e mais à frente em nossa conversa ela completa “Laguinho é esse bairro de festa, de história, de muita representatividade porque quando fala de Laguinho me sinto representada, por ter nascido, por ter me criado nesse bairro, por ter vivido nessa fonte, aprendido, conhecido cada coisinha de perto”⁹.

Pela sua fala podemos perceber que ela ressalta características do lugar que não são físicas. Quando cita as qualidades de “encantos” e “riquezas”, está indo para uma dimensão mais subjetiva, em especial no momento em que ela relembra os seus ancestrais que fizeram parte da construção do Laguinho. Ao destacar que é um lugar de “festa”, de “história” e de “representatividade”, é quando se traduz a subjetividade para a matéria. No caso, os encantos e riquezas estão representados nas celebrações, nas tradições, na cultura.

Seguindo ainda nessa linha da tradição e da ancestralidade, a entrevistada D.A. traz em seu relato uma descrição de como se entrelaçam os aspectos da cultura negra com a cultura

⁹ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 25 de fevereiro de 2021.

marabaixeira, de transformar as histórias, as pessoas, os fatos em canções, nesse caso nos ladrões. Esses ‘causos’ vão para a roda de Marabaixo e ali se eternizam.

Então isso é uma característica muito nossa aqui no Laguinho: as nossas histórias virarem rodas. Então esse ir para a roda você não esquece, pelo menos de algumas pessoas, elas ficam eternizadas e isso tem a ver muito com o que o autor [...] nigeriano, que é o Amadou Hampâté Bâ, [...] que ele fala que na cultura africana a palavra é que faz a história continuar, que é a fala, que é a palavra. E nós temos isso através da nossa cultura, que é o Marabaixo, através das rodas, dos causos. Isso tem muito a ver com a negritude¹⁰.

O autor citado pela entrevistada tem uma famosa frase que diz que “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”, ressaltando a potência que a oralidade carrega nas culturas africanas (Farah, 2003). Le Goff (1992) destaca que a escrita é considerada um progresso, o início da história, mas que, apesar do registro material carregar sua importância, ele não é o único indicativo da existência da história. O autor (1992, p. 53) ainda coloca que “a história, se tem como etapa decisiva a escrita, não é anulada por ela, pois não há sociedades sem história”.

No Laguinho, as pessoas tidas como “anciãs” são muito exaltadas e celebradas dentro da cultura e história do bairro. Uma prova disso é quando o entrevistado J.A. destaca que: “a maior riqueza, maior tesouro que o Laguinho tem é o povo, especialmente aqueles mais antigos que ainda estão vivos”¹¹.

Uma confirmação disso também é possível encontrar na cultura do carnaval laguinense. Tendo a gênese carnavalesca de Macapá surgido dentro do bairro do Laguinho, o enredo do carnaval de 2023 da Universidade do Samba Boêmios do Laguinho homenageou o Mestre Bené, um conhecido pedreiro que veio de Belém para Macapá a fim de trabalhar nas construções civis do Território. Ele foi um dos fundadores do “Bandoleiros da Orgia” considerado o embrião do Boêmios do Laguinho, também do “Tricolores da Folia” que deu origem à Escola de Samba Maracatu da Favela (Alicio e Silva, 2023). O samba enredo “Mestre Bené: Rei da Boemia, O Bamba Fundador de uma Nação” traz a seguinte composição:

Mestre Bené: Rei da Boemia, O Bamba Fundador de uma Nação
(Compositores: Vicente Cruz, Daniella Ramos, Aureliano Neck, Marcelinho do Cavaco e Silmara Lobato)

Sou o Rei da boemia, sou Nação!
Malandragem que extasia, fascinação! (refrão)
Sou boêmios todo dia

¹⁰ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

¹¹ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 17 de fevereiro de 2021.

O rei da alegria, num vôo de imaginação!

*Atravessei as grandes águas,
Encantado p'ra fundar uma nação!
Fascinantes riquezas, amor!
Belezas, mistérios,
Abençoados pelas mãos do Criador
Enviado pela luz das passarelas.
Cheguei em Belém do Pará,
Morena cheirosa, berço de bambas,
Vitória régia saúda os orixás
Bandoleiro da Orgia [eu sou]
Pelos campos do Laguinho [eu vou]
No encontro dos tambores, que emoção!
É linda a minha escola, minha paixão!*

*Mestre Bené ô ô ô
Alteza dessa saga imperial,
É o Bacharel da Malandragem,
Majestade deste carnaval
Pelas ruas da cidade
Os guarás fazem a festa!
Triunfo de um samba divinal
Abubakari – rei encantado –
Delira no seu sonho de além-mar,
Reverencia em oração
O bamba fundador de uma Nação,
Vermelho e branco é meu pavilhão!*

O enredo, além de homenagear Mestre Bené, entrelaça nos versos a história de Bené com o rei africano do Mali, Mansa Abubakari II, fazendo uma viagem com um trajeto que inicia na África, passa por Belém-PA e chega em Macapá na era territorial. De acordo com Alício e Silva (2023), Abubakari II era um rei conquistador que, ainda no século XVI, chegou à América 180 anos de Cristóvão Colombo. No Brasil, o rei chegou à região de Recife (PE). No samba-enredo, a mescla das histórias de Mansa Abubakari II gera uma nova história fictícia: tendo o rei se encantado com as águas do Amazonas, ele chega à Belém para incorporar o Mestre Bené – e por ele ser incorporado – na saga de fazer surgir a Nação Negra Boêmios do Laguinho (Alício e Silva, 2023).

O carnaval, para o bairro, também ocupa as ruas e avenidas para além dos dias estabelecidos do feriado. O entrevistado D.C., que reside nas proximidades da sede do Boêmios do Laguinho, destaca sua percepção dessa manifestação:

no período de Carnaval, não tem como não escutar e não participar do Carnaval, porque o Boêmios do Laguinho quando ensaia, quando ele faz as programações dele e fazia, todo mundo escutava, participava a comunidade

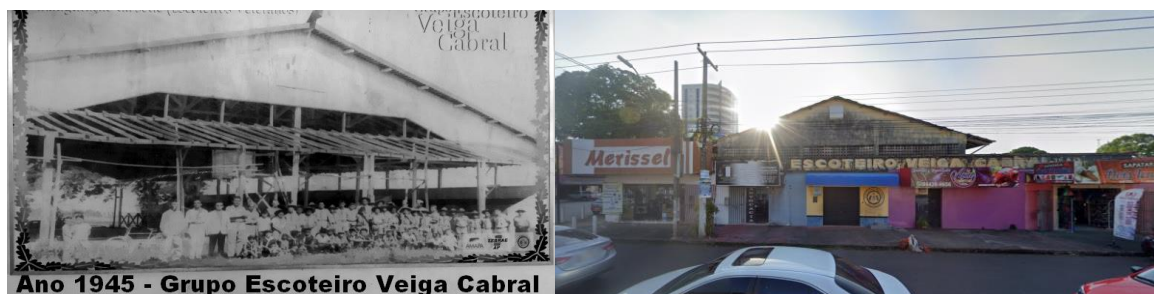
também. Então, tanto é que tinha uma relação, sempre teve essa história, eles ensaiavam dia de sábado e domingo eles ensaiavam e tal, mas eles paravam para o período da celebração da missa. Tinha um acordo, quando ele ia celebrar a missa, o padre ia celebrar a missa, tinha que parar a batucada lá, terminou a missa, voltava. Então essas relações que se cria por conta de ser uma comunidade muito próxima, a gente conhecer, saber¹².

A colocação do entrevistado demonstra que a cultura do bairro do Laguinho é vivida pela comunidade que a cerca e é tão intrínseca ao cotidiano do lugar que dois pontos que seriam vistos como opostos, o Sagrado e o pagão, dividem respeitosamente o espaço.

Além da Boêmios do Laguinho, existe no bairro outra escola de samba chamada Piratas Estilizados, que foi fundada em 1974. Um fato interessante em relação ao início da história dessa escola é que a sua primeira ‘casa’ se deu na Sede dos Escoteiros Veiga Cabral.

O Grupo Escoteiros Veiga Cabral foi criado ainda em 1945 por iniciativa do Governador Janary Nunes. A sede (Figura 13), localizada na Rua Eliézer Levy, cuja edificação inicial se destacava na paisagem mais vazia do quarteirão, hoje encontra-se camuflada entre os diversos comércios que circundam ela, deixando apenas a porta de entrada livre.

Figura 13 - À esquerda, Sede dos Escoteiros Veiga Cabral na década de 1940. À direita, a sede atualmente



Fonte: Porta-retrato AP (<https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/05/centro-educacional-do-laguinho.html>) e Google Street View, 2024.

A entrevistada D.A., ao falar sobre os Escoteiros, relembra alguns fatos:

Um outro espaço que eu gosto muito também de lembrar aqui é a Sede dos Escoteiros. Porque na Sede dos Escoteiros existia o chefe Umberto. Então os Escoteiros eles eram um grupo de jovens [...] e eles construíram ‘no braço’ uma piscina muito funda, funda, funda, funda demais. Mas tinha uma coisa que era muito legal, que eles faziam peça de teatro. Eram só homens, mas eles tinham peças de teatro, eles dramatizavam as histórias da Amazônia, que é a

¹² Entrevista concedida a Juliana Quadros em 23 de fevereiro de 2021.

história do Uirapuru¹³, a história do Boto¹⁴. [...] eles faziam essas demonstrações de teatro e a comunidade era convidada para ir assistir. Então a gente se organizava para ir assistir essas peças, essas histórias amazônicas [...] também congregava os torneios de futebol. Porque como era uma sede lá também tinha o futebol de salão e nós íamos para lá também para torcer para os times que tinham os torneios¹⁵.

É interessante perceber que em seu discurso a participação da comunidade nessas atividades, que não envolviam somente os escoteiros e seus familiares, além de serem dinâmicas que valorizavam a cultura regional. A entrevistada também relembra que a sede funcionava abertamente para a realização de outras atividades, destacando os torneios de futebol.

O futebol é um outro destaque dentro do bairro. No local em que hoje se tem a Praça Chico Noé, existia o “Campo do América”, um clube de futebol que ali realizava seus treinos. O entrevistado J.A. destaca que muitos dos grandes craques do futebol amapaense faziam parte do grupo de escoteiros. Além disso, o grupo era importante para a formação social desses jovens.

O campo do América, que hoje é a praça Chico Noé, é uma referência também porque ali existia um clube chamado América, onde o pessoal treinava. Agora, a Sede dos Escoteiros é celeiro de muitos craques do futebol, mas também de grandes homens. Porque como eu lhe falei, lá se trabalhava muito o social, o ético, a obediência, nós tínhamos horário para entrar lá, para chegar lá, porque senão não tinha gratificação, que era o que? O futebol e o banho de piscina, era nossa diversão, o bairro não tinha nenhum local, aliás nem sei se Macapá viu uma outra piscina, mas a piscina que nós construímos, nós não podíamos também tomar banho direto, tinha que trabalhar para poder tomar banho e era rápido, depois que todo mundo trabalhasse aí nós íamos aproveitar¹⁶.

Em sua fala, vemos que ele ressalta os objetivos que o escotismo trazia: a socialização, a disciplina e os aspectos morais e éticos da vida social. Como retorno ao desenvolvimento dessas atividades, os escoteiros partilhavam momentos de reuniões e lazer. O lugar era, portanto, um importante local de encontro de pessoas da região.

¹³ O Uirapuru é uma lenda que faz parte do folclore da região norte do Brasil. A lenda conta do amor de um indígena por uma bela indígena da sua aldeia, mas essa moça era casada com o Cacique. Por ser um amor proibido, o jovem pediu ao deus tupã para ser transformado em pássaro. E pelo resto da vida o seu maravilhoso canto foi ouvido pela sua amada e por toda a floresta (Informação disponível em: <https://casadaculturacananaa.com.br/evento/contacao-de-historias-o-uirapuru-lenda-do-folclore-brasileiro/>. Acesso em: 24 de jul. 2024).

¹⁴ “O boto-cor-de-rosa faz parte do folclore brasileiro. Há a lenda de que, durante à noite, ele se transformaria em um belo e charmoso rapaz, saindo da água para conquistar as mulheres ribeirinhas na Amazônia” (Informação disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2023/07/boto-cor-de-rosa-a-lenda-do-animal-que-se-transforma-em-humano-e-outras-curiosidades-0>. Acesso em 24 jul. 2024).

¹⁵ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

¹⁶ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 17 de fevereiro de 2021.

Outro importante ponto para a formação dessa população residente no Laguinho é o Grupo Escolar General Azevedo Costa. Essa escola esteve muito presente nas falas dos entrevistados ao se recordarem da formação escolar porque, além dos estudos, foi onde fizeram os primeiros contatos sociais e amizades que levam até os dias atuais. Quando perguntada em relação às primeiras lembranças que tinha do bairro, a entrevistada D.A. responde: “quando eu me remeto ao bairro, eu me lembro da escola, que é onde a gente estuda, que é onde você faz o seu primeiro contato social. A escola Azevedo Costa que era uma escola aqui no Laguinho”¹⁷. Ela também destaca que a escola não tinha quadra, mas tinha um lote vago nas proximidades que as crianças utilizavam para jogar queimada e outras atividades físicas. Depois, quando a escola contratou um professor de educação física, as atividades começaram a serem realizadas no quarteirão ao lado da escola em que havia uma praça, que havia um espaço voltado para eventos culturais e malocas para a comercialização de produtos, principalmente para vendedoras mulheres. As apresentações que aconteciam por lá eram musicais e de Marabaixo. Essa praça era onde hoje está o Centro de Cultura Negra.

O Centro de Cultura Negra do Amapá (CCNA) (Figura 14) se origina, de fato, a partir de 1998. Com o crescimento do movimento negro no Amapá, os membros conquistam um espaço físico no terreno onde se encontrava essa praça para constituir o Centro (Maciel, 2001).

Apesar de algumas fases de abandono e descaso, atualmente o CCNA, mais conhecido como UNA, por ser a sigla da União dos Negros do Amapá, recebe anualmente o “Encontro dos Tambores” durante a semana da Consciência Negra, em novembro, e conta com apresentações de Marabaixo e Batuque.

¹⁷ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

Figura 14 - Centro de Cultura Negra do Amapá



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Apesar do espaço ser importante para o bairro e para a cultura negra, como um lugar de resistência e de celebração de suas manifestações culturais, a entrevistada D.A. coloca em questão a escolha do lugar. Com a implantação da estrutura do CCNA, que apesar de ser um espaço mais aberto, com apenas algumas edificações, foi implantado no lugar que antes era uma praça que fazia parte do cotidiano dos moradores. Ela relata que:

Olha, a gente vê a questão do próprio Centro de Cultura Negra. Porque quando foi para fazer o Centro de Cultura Negra eu lembro que o autor da lei, vereador da época, ele disse “poxa, por que que vocês vão deixar? Vocês poderiam resistir pela memória do pai de vocês que leva o nome da praça”, que era Lourenço Tavares de Almeida. E essa praça ela traz muitos benefícios para a comunidade. E aí a gente achava que aqui era uma representatividade, porque nós poderíamos ter tirado o SEBRAE. Por que que a gente não pediu o SEBRAE? Que não tinha nenhum valor para nós. Tiramos a praça, tiramos a praça daqui. E nós fomos para o embate. Na época que o prefeito, era o Barcelos, para construção desse lugar. Então houve toda uma resistência, não para segurar a praça, mas para construir o Centro. Então essa construção do Centro, trouxe muitas dores dentro do bairro, porque foi ouvida a negritude, mas não foi ouvido quem utilizava. A questão da própria praça que era o pessoal que fazia futebol e foi dito “não, tem uma outra praça que é a praça de lá” e por que que também não foi feita na outra?¹⁸

De acordo com a entrevistada, ela acredita que eles deveriam ter resistido pelas duas coisas: a manutenção da praça e a instalação do CCNA em outro lugar, em que ela cita o SEBRAE. Nas entrevistas, pude notar que a entidade não é muito bem quista pelos residentes

¹⁸ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

do bairro do Laguinho, por não se conectar com as necessidades da comunidade ali existente. É tido como um lugar da branquitude. A entrevistada destaca que:

O SEBRAE ele é a representação da branquitude dentro do Laguinho. O SEBRAE ele é isolado, não só por aquela cerca, mas em todos os aspectos da nossa realidade. Quando tem pagamento, o banco é fechado, o caixa não tem dinheiro para que a comunidade não possa sacar dinheiro. E você para entrar ali, tudo tem que ser pedido licença. As feiras internacionais, os eventos que têm, as atrações artísticas não são do Laguinho e nós temos aqui uma imensidão de poetas, poetisas. Então é uma branquitude dentro de um espaço negro, que é o Laguinho, esse é o SEBRAE. Então eu detesto o SEBRAE.¹⁹

A Igreja de São Benedito (Figura 15) também é muito significativa para a cultura do bairro. São Benedito, um santo preto, é padroeiro dos afrodescendentes, das donas de casa, dos cozinheiros e dos profissionais de nutrição. Para os entrevistados, o Santo mora no coração dos laguinenses, nos relatos de L.S. é possível encontrar a seguinte fala: “da nossa devoção que a gente tem por aquele santo preto, padroeiro que abençoa o nosso querido bairro do Laguinho”²⁰.

Figura 15 - Igreja de São Benedito no bairro Laguinho



Fonte: Acervo da autora, 2023.

O formato da planta da Igreja em meio círculo remete ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, no bairro Santa Rita, que tem a mesma forma, mas com proporções diferentes. Nos relatos, ouvi dizer que ambas se completam. O entrevistado J.S. destaca que:

¹⁹ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

²⁰ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 25 de fevereiro de 2021.

a Igreja de São Benedito, se você for ver, ela é uma meia lua, ela é redonda, mas só tem metade de uma maçã, de uma laranja, a outra metade dela é a Igreja do Santuário de Fátima lá no bairro Santa Rita, na Favela.²¹

Os entrevistados D.A., C.A. e F.C. relatam que frequentam a Igreja desde criança e, dessa forma, muitas de suas memórias de infância se vinculam ao local, às procissões realizadas pela paróquia, às festividades. São descritas também a participação na organização das missas por parte de suas mães, tias, avós, ou até mesmo deles próprios, como conta F.C. de sua contribuição na parte musical: “[participava do] movimento de juventude também na igreja de São Benedito, tocava guitarra, tocava os conjuntos, na missa, fora da missa”²². E, ainda que não resida mais no bairro, a Igreja não sai do cotidiano da entrevistada C.A., em que ela cita que: “então eu nasci, me criei no bairro do Laguinho e mesmo casada, mas eu não consigo me desvincular da Igreja, é só a Igreja de São Benedito. Eu posso morar onde for, mas a minha Igreja é aquela”²³.

A relação entre a Igreja de São Benedito e o bairro do Laguinho é também de muito respeito e adequação, visto que, como os próprios entrevistados descrevem, o Laguinho é um bairro festeiro e boêmio, características que comumente contrastam com o cristianismo tradicional, no entanto D.C. explica que: “mesmo que para algumas pessoas possa parecer que a Igreja, o Marabaixo, o Boêmios, as festas aqui regadas a cerveja e tal não combinam, mas elas combinam de alguma forma, mas é a relação do bairro do Laguinho”²⁴.

Essa característica marcante entre os moradores do bairro de se reunirem para conversar, festejar, dançar, tocar, culmina em um importante – e simples – marco para o bairro: o Banco da Amizade (Figura 16). Localizado na lateral do Grupo Escolar Azevedo Costa, o banco, que hoje possui uma estrutura um pouco mais destacada com pinturas no muro logo atrás e uma cobertura metálica, já foi um simples banco de madeira no meio de uma calçada. Ele foi fundado por dois antigos moradores do bairro, Sacaca e Renato Américo, na década de 70. Em 2016 foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Amapá²⁵, e celebrado no dia 26 de dezembro, na “ressaca do Natal”. Sua existência é tão celebrada que ao completar 50 anos, em 2021, foi realizada uma grande festa recheada de atrações (Machado, 2021).

²¹ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 17 de fevereiro de 2021.

²² Entrevista concedida a Juliana Quadros em 30 de março de 2023.

²³ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 24 de fevereiro de 2021.

²⁴ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 23 de fevereiro de 2021.

²⁵ Lei Estadual nº 2.053, de 21/06/16.

Figura 16 - Banco da Amizade; à esquerda, uma fotografia da década de 1980; à direita, uma fotografia de 2023.



Fonte: Portal Seles Nafes, acervo familiar; acervo da autora, 2023.

O que vejo como interessante em pontos como esses existentes no bairro é que, ao olhar desconhecido, não sabemos identificá-los como importantes para a história desse lugar. No entanto, na simplicidade do encontro e da amizade o local torna-se um marco. É aí que se encontra a “riqueza” do bairro, citada pela entrevistada L.S. alguns parágrafos acima.

O Poço do Mato (Figura 17) é também um importante local para o bairro. Ele localiza-se no meio do quarteirão da Avenida Padre Manoel da Nóbrega, entre as ruas General Rondon e São José. Esse nome foi dado ao primeiro poço de captação de água, inaugurado ainda em 1864²⁶, que não existe mais atualmente. O poço existente acabou por herdar o mesmo nome e localiza-se cerca de 20 metros de distância desse primeiro, porém foi construído na década de 1940 quando Janary Nunes inaugura um sistema de captação de água por poços em vários pontos da cidade.

²⁶ Informação disponível em: www.porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/06/o-lendario-poco-do-mato.html>. Acesso em 06 jul. 2024.

Figura 17 - Poço do Mato



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Além de ser um lugar voltado para o abastecimento de água da região, carregava consigo uma certa misticidade, sendo rodeado com crenças e lendas. O entrevistado J.R. relata a lenda do passarinho:

tinha um passarinho branco, que os pais diziam para a gente não seguir aquele passarinho, que a gente ia, ia. [Ele] era aparentemente mansinho, aquele que tu chegavas perto dele, mas quando a gente ia tentar pegar, ele voava mais para frente, aí a gente ia atrás disso. Quando a gente pensava, tomava por si, a gente estava em algum lugar que a gente não sabia mais voltar para casa.²⁷

Como relata a entrevistada C.A., possivelmente essas lendas eram criadas com intuito de proteger as crianças quanto a região, que era alagada e poderia causar graves acidentes. Ela conta que:

nós tínhamos a lenda do poço do mato, que as crianças eram proibidas de ir para lá. Diziam que lá tinha um mistério, uma mãe d'água naquele local e depois de 18 horas as crianças sumiam naquele local. Então ninguém ia, a única vez que nós nos aproximamos um pouco das 18 horas, um cano preto que tinha no meio começou a afundar, a gente gritava muito pedindo socorro uma para outra, a gente achava que a gente ia sumir ali, nunca mais eu voltei, e depois eu fui saber que era a hora que enchia, então os canos sumiam, a gente era pequeninha, mas isso eu custei muito a saber.²⁸

²⁷ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 14 de março de 2020.

²⁸ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 24 de fevereiro de 2021.

Esse universo do bairro do Laguinho, composto por locais e instituições mencionadas acaba por nos trazer um panorama do que é a vida cultural e social dentro do bairro. A Sede dos Escoteiros Veiga Cabral, o Banco da Amizade, o Grupo Escolar General Azevedo Costa e a Igreja de São Benedito desempenharam papéis essenciais na formação e no fortalecimento dos laços comunitários, contribuindo para a educação, a convivência social e a celebração de tradições locais. O Centro de Cultura Negra do Amapá, o Barracão da tia Biló e o Barracão do Mestre Pavão destacam a importância das manifestações culturais afro-brasileiras, preservando e promovendo a herança cultural da região. Finalmente, o Poço do Mato simboliza a memória coletiva, conectando os moradores ao passado histórico da cidade. Cada um desses locais e instituições, com suas características e histórias acabam por contribuir para a identidade e a coesão da comunidade laguinense, evidenciando como a memória e a cultura local são fundamentais para o sentido de pertencimento e continuidade no bairro. Dessa forma, no mapa da Figura 18 apresento esses pontos marcantes para o bairro, situando-os.

Figura 18 - Mapa de lugares importantes do bairro do Laguinho



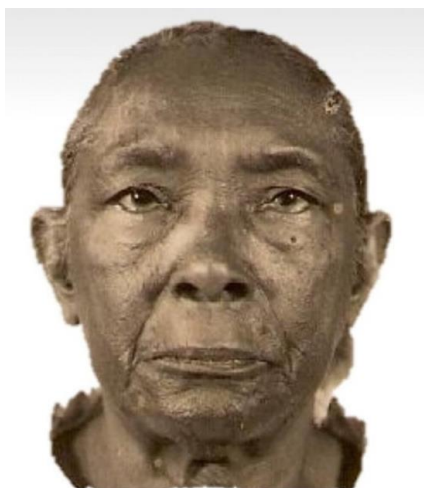
Fonte: Elaborado pela autora em 2021, modificado em 2024.

2.2.2 A formação da identidade da Favela

Gonçalves (2023, p. 15) definiu a Favela como “um lugar de acontecimentos, vivências, pessoas e personalidades que marcam a história recente da cidade de Macapá”. Essa colocação da autora é potente e pontual, visto que a Favela é esse lugar não registrado, não oficial, mas que existe na história da cidade e da população negra macapaense, existe na cultura, seja ela marabaixeira ou carnavalesca, e mais importante: se encontra viva nas pessoas. A autora afirma que “em termos de grupos locais, falamos de pessoas e lugares que se autoproclamam Favela, em Macapá” (2023, p. 23). Assim, vemos que a Favela atinge um patamar de imaterialidade que acaba por ser evocada por aqueles que a vivenciam.

A Favela foi formada a partir da resistência da Mestra Gertrudes Saturnino, que decidiu fazer morada nas áreas alagadas da Favela, que eram consideradas afastadas e insalubres. Essa área compreendia um grande matagal e era cheia de morros. Gertrudes Saturnino (1899-1973) (Figura 19) foi uma mulher negra, cuja descendência veio de pessoas escravizadas. Ao longo de sua vida teve como ofício as funções de lavadeira e parteira, além de ser batedora de açaí²⁹, agricultora e vendedora de rua (Gonçalves, 2023).

Figura 19 - Dona Gertrudes Saturnino



Dona Gertrudes

Fonte: Arquivo da Escola de Samba Maracatu da Favela. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ap/amapa/carnaval/2023/noticia/2023/02/11/enredos-2023-maracatu-da-favela-relembra-historia-de-fundadora-e-origem-da-escola-de-samba.ghtml>

²⁹ A função de batedor de açaí consiste na realização de um processo que perpassa desde a escolha dos frutos maduros até a extração da polpa para consumo do açaí líquido.

Também foi uma grande promotora da cultura do Marabaixo, tendo fundado, na década de 1950, a festividade da Santíssima Trindade dos Inocentes, que é o Marabaixo da Favela em honra à Santíssima Trindade. A festividade teve início devido a uma promessa solicitada e atendida. Assim, destinava os seus ganhos com trabalho de lavadeira para a realização da festa, que posteriormente começou a receber outros colaboradores (Gonçalves, 2023).

De acordo com Gonçalves (2023), essas famílias que se encaminharam para a Favela eram chefiadas, em sua maioria, por mulheres, o que é um dado interessante, visto que a decisão de seguir moradia para a região foi chefiada por uma mulher. A autora também afirma que “a Favela é menos fruto das intervenções urbanísticas e mais uma forma de resposta da população local ao modelo pré-estabelecido para a cidade que se planeja” (2023, p. 16). Enquanto a ida para o Laguinho, de certa maneira, representa uma aceitação às imposições do Governo, a Favela apresenta-se nessa história como um símbolo de resistência. No relato do entrevistado P.F. podemos perceber isso:

o carnaval desse ano, o nosso enredo foi "resistência é favelar". Porque as pessoas "não, ninguém vai" "e pra onde vocês vão?" "nós vamos pra Favela". Aí era para descer. Você sabe o cemitério lá em cima? Descia para cá, tinha o Bairro Alto, que era dali da General Gurjão para lá... e aí teve essa resistência. Inclusive, meus avós, tia Gertrudes... esse pessoal, um bocado de gente "não, não vou". [...] Então uns foram para lá, que no caso foi comandado pelo Julião Ramos. Foram para lá e teve aquele "não, nós vamos é pra Favela". Aí foi, encontra a Favela por ali, bom se você chegava ali, como eu já falei, chegava "aqui é minha casa".³⁰

O entrevistado cita o enredo da Escola de Samba Maracatu da Favela do ano de 2023, que teve como enredo “Resistência é Favelar”. O samba trazia os seguintes versos em sua letra:

Resistência é favelar
(Compositores: Carioquinha, Gulle, Sandro Macapá, Davi Silva, Cláudio Rogério.
Intérprete: Carioquinha)

Feliz da vida, sou griô dessa história
De raça, lutas e glórias
Quebrando forças da opressão.
Minha Favela, da Santíssima Trindade,
Mina Nagô e africanidade.
Tia Gertrudes, lhe saúdo em oração.

Tem que respeitar a linda trajetória delas:
Negra libertação.
É de arrepiar
Bate no peito, resistência é “favelar”!

³⁰ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

*“Agô, agô favelando” eu vou na avenida
Maracatu és o grande amor da minha vida
Ôh “Seu Dotô” tire a mão da minha história
Jamais vão nos calar, nossos tambores têm memória*

*Eu quero ver, você resistir
O surdo um tocando no seu coração
Com Marabaixo até o dia clarear
Tem gengibirra boa para comemorar
Escola do povo, raiz da igualdade,
Erguendo a bandeira da diversidade!
Pisando forte eu vou
Punho cerrado entre becos e vielas.
Abriu-se a porta da senzala, lá vem ela
Banhada de fé, devotos de Nazaré
É arte, é cultura
É festa na Favela!
Me dê licença que eu vou passar
Pode o céu desabar, ninguém vai me conter (REFRÃO)
Sou verde-rosa, podem falar
Sou Maracatu até morrer.*

Logo no início, o samba-enredo traz os versos “[...] sou griô dessa história/De raça, lutas e glórias/Quebrando forças da opressão” trazendo para a canção a figura do ‘griô’, que na tradição africana é tido como um contador de histórias e responsável por passá-las por gerações. Dessa forma, a estrofe inicial já anuncia que a canção vai carregar consigo a história da Favela como resistência às opressões vivenciadas. Também nos versos “Ôh ‘Seu Dotô’ tire a mão da minha história/Jamais vão nos calar, nossos tambores têm memória” o uso da expressão ‘Seu Dotô’ pode remeter aos versos do ladrão de Marabaixo, que coloca “Essas casas foram feitas/Pra só morar os doutor”, refletindo acerca do processo de higienização do centro para receber a população que Janary trouxe à Macapá para ocupar os cargos públicos.

A Favela, assim como o Laguinho, também era um lugar onde abrigava a agricultura e criação de animais da comunidade negra que residia no núcleo central da cidade, portanto já era uma região frequentada por eles anteriormente. Dessa forma, a agricultura de quintal e criação de pequenos animais, além da venda de açaí e das trocas comerciais, constituíam a base econômica de grande parte dessas famílias (Gonçalves, 2023).

O fato é que a Favela, apesar ser conhecida como o atual bairro Santa Rita, abrangia áreas diversas como partes dos bairros Santa Rita, Central e Trem. Seus limites, no entanto, só se encontram vivos na memória e história de seus antigos moradores (Gonçalves, 2023).

O entrevistado P.F. relata que o bairro Santa Rita era conhecido como bairro da CEA (Companhia Energética do Amapá), em virtude de a sede da companhia ser localizada na região. A CEA foi criada em 1956, durante o período do Território, e na gestão de Ivanhoé Martins (1967-1972) foram construídas residências para abrigar os funcionários da companhia. Essas casas localizavam-se na Avenida Padre Júlio, próximas a sede.

Porque esse bairro Santa Rita ele era chamado bairro da CEA. Começou como bairro da CEA. [...] O bairro da CEA, é ali na Padre Júlio, onde é a Equatorial CEA. Inclusive, esse prédio onde é para frente da Padre Júlio. [...] Era uma estatal do Governo na época do Território. Aí tinha os funcionários, que era negócio da questão de eletricidade, aí a coisa era ali. Lógico, como eu lhe falei, o terreno, as pessoas e para chegar até lá na Hamilton Silva. Tem a CEA na época, fizeram aquelas casas, claro, para os funcionários. [...] Então era lá esse quarteirão todo que era para os funcionários e o bairro era chamado CEA. Porque quem morava por aqui, para a gente ir para o estádio Glicério Marques, a gente usava caminho, não tinha estradas e rua. Então o caminho que a gente chamava era andando. A gente andava muito que ficava uma barca que já ia ali. Aí era a barca de bicicleta e barca das pessoas lá. Era aquilo. A gente chama caminho. E os deslocamentos eram isso. [...] Hoje já mudaram, naquela época era história, escuro, nome de rua, essas coisas que há hoje, político não tem o que fazer, ficou fazendo essas mudanças, ou seja, você está entendendo? E no caso vinha gente do Bairro do Laguinho, do bairro que era aqui, no Glicério Marques, era aqui desde sempre. E aí o bairro foi aumentando, foi surgindo, prédios, enfim.³¹

Também em sua fala, ele explicita a ausência de ruas estruturadas nas regiões, em que os caminhos se abriam a partir dos trajetos feitos a pé ou de bicicleta. O Glicério Marques, primeiro estádio de futebol de Macapá, era um importante ponto de referência para a Favela e hoje localiza-se dentro do perímetro do bairro Central.

O Marabaixo na Favela permaneceu mesmo após a morte de Dona Gertrudes, na década de 1970, promovida por sua família que, em 1987, fundou a Associação Folclórica Berço do Marabaixo, nomeada atualmente como “Associação Folclórica Berço das Tradições” (Gonçalves, 2023). Além dessa associação, o Marabaixo da Favela é formado pelas associações Zeca e Bibi Costa e Raízes da Favela.

Dona Gertrudes também fez parte da formação da Escola de Samba Maracatu da Favela, que surgiu a partir do bloco de rua Tricolores da Folia, junto com as personalidades Vagalume, Benedito Ramos, Raimundo Ramos, Manoel Souza, Pinheirense, Aluísio da Silva, Armando Quaresma, Franck, Cândido Moreira, Raimundo Tijubinho, Fernando Castro, Heitor de Azevedo Picanço, Luzia, Domingas, Esmerilda, Lelé, Raimunda Mendes, Biló, Zeca Serra e Izabel (Gonçalves, 2023). O entrevistado P.F. narra brevemente o surgimento da Escola, que

³¹ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

teve como primeira sede a casa de dona Gertrudes, em virtude de ela já ter um salão onde se realizava o Marabaixo:

tinha as escolas de samba, as mais antigas, que é Maracatu e Boêmios do Laguinho. Maracatu surgiu do Vagalume, que na época o Janary trouxe. Ele era mineiro, mas vivia muitos anos no Rio. Então ele veio como mestre de obra. E aí começou a trabalhar no hospital geral, a construção do hospital geral. Como ele gostava de carnaval, aí chegava a época ele começava a fazer. E a Maracatu, no caso, eles saíam, na época do Carnaval, a Maracatu saía, mas não com o nome de Maracatu, saía com nome de não sei o que da folia. Tá, mas eu vou me lembrar. E aí como também tinha gente no Laguinho, aí já ficou aquela rivalidade. Aí eles para lá para o Laguinho fizeram o Boêmios do Laguinho e os fundadores do Maracatu que são quatro, José Vagalume dos Santos, Cadico, Biló e Mané Souza que trabalhavam na obra lá. Daí vieram para a casa da tia Gertrudes, que era na Presidente Vargas. Conversaram com ela e na casa dela era um salão de festa, cara, tinha o Marabaixo e tinham as festas. E aí conversaram com ela e ela seguiu. Aí daí foi as reuniões deles até chegar e as coisas foram avançando. Já com o nome de Maracatu. E aí como a Mangueira era verde e rosa e ele tinha aquela ideia aí manteve verde e rosa. E daí a Maracatu está até hoje.³²

Assim como o Laguinho, a Favela também era conhecida como um local festeiro. Nas proximidades de onde hoje localiza-se o Hospital São Camilo e São Luís, existia uma casa de festas (também relatado como um prostíbulo) denominada Merengue que, com a construção do Hospital em 1969, acabou por ser suprimido, tido como inadequado para a região. Vemos que as supressões desses lugares no bairro Santa Rita foram pouco a pouco desfazendo os resquícios dessa Favela antiga (Gonçalves, 2023).

Outro destaque que caracteriza a Favela é o futebol, visto que dois times remontam a ela: o Oratório Recreativo Clube e Clube Atlético Cristal. A entrevistada E.C. destaca que o Oratório acabou surgindo dentro do contexto da Igreja Nossa Senhora de Fátima, formada em união pelos coroinhas, inclusive associando a prática dos jogos àqueles que assiduamente frequentassem às missas.

O que eu acho importante também falar, Juliana, é que do centro da igreja foi criado, surgiu o time de futebol. Que até hoje existe que é o Oratório Recreativo Clube. Ele foi formado, o time de futebol pelos coroinhas da igreja. E quem fundou esse time de futebol já é falecido que é o Odoval Moraes. Então essa pessoa foi muito importante tanto na condução do centro, como no time de futebol. Porque assim, só jogava bola se fosse para a missa aos domingos, coroinhas. Não podiam faltar na missa, ele estava escalado para jogar o futebol, mas se ele não fosse para a missa, ele era cortado. E com isso surgiu também no bairro Santa Rita, outro time depois, depois de um tempo, que é o Cristal. Mas o Cristal ele veio, jogou bastante, participou de bastante do futebol amapaense, mas ele deu amortecida. Agora o Oratório, ele veio, entrou para o profissional, disputou, aí teve um tempo que ficou fora uns 2 aninhos, foi 2 ou 3 anos, aí voltou novamente, continuou. E nós continuamos

³² Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

também, começamos dentro do Oratório e o nosso time preferido é o Oratório.³³

Os jogos ocorrem no Estádio Municipal Glicério Marques (Figura 20), também conhecido como o “Gigante da Favela”, que é uma edificação da década de 1950 com influência do estilo *art déco*. O Glicerão permaneceu como único estádio da cidade até 1990, quando foi construído o Estádio do Zerão, na zona sul de Macapá (Gonçalves, 2023; Trindade e Costa, 2013).

Figura 20 - À esquerda, inauguração do Estádio em 1950; à direita, o Estádio em 2023



Fonte: Blog Repiquete no meio do Mundo (<http://www.alcinea.com/futebol-amapa/memoria-futebol-1>); Acervo da autora, 2023.

O Glicério Marques acabou passando por uma série de reformas ao longo dos últimos anos, de forma que sua atividade futebolística passasse a dividir espaço com outras atividades, inclusive com a inclusão de uma escola. A entrevistada E.C. vê essas mudanças com certo pesar, relatando que:

O estádio, em cima da sua pergunta, eu acho que o estádio, o Glicério Marques, é um local que ele deveria ser conservado como ele era, entendeu? Porque agora o nosso, o estádio Glicério Marques, ele mudou totalmente. Ele não é mais um local, um campo de futebol como era antes. Tem escola, modificaram totalmente. Então eu, no meu ver, lá era um local que deveria ter ficado, ter preservado como ele era. Claro que dando suporte para que ele sempre tivesse em condições de receber as pessoas. Mas ele mudou totalmente. Ele não é mais um estádio de futebol. Que já foi criado lá dentro escola e afinal.³⁴

³³ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

³⁴ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

A Igreja Nossa Senhora de Fátima, hoje Santuário, também possui uma grande importância para a Favela. É no Santuário que ocorre a missa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no segundo domingo de outubro anualmente. Além disso, foi uma das primeiras paróquias da capital. O entrevistado P.F. relata que sua localização inicial era diferente, cerca de 600m da localização atual e próxima ao Estádio Glicério Marques:

Aí nisso aí o nosso bairro tinha a igreja Nossa Senhora de Fátima, ela era localizada onde é o Pronto Socorro, aqui, perto do estádio. [...] Na época só existia o bairro Favela, Trem e Laguinho. Depois Perpétuo Socorro lá pra baixo. E aí foi quando a Diocese na época fez essa Igreja Nossa Senhora de Fátima.³⁵

Nas conversas com os entrevistados de ambos os bairros pude notar que a Igreja tem um importante papel formador para eles, visto que as reuniões para as formações, como a catequese, ajudavam a estabelecer um ciclo de amizade que resultava na criação de grupos políticos e culturais. O entrevistado P.F. relata a criação de um grupo político de esquerda dentro do contexto dos grupos religiosos da Igreja de Fátima.

Ah, com certeza porque inclusive o nosso bairro, os marianos aqui da igreja Nossa Senhora de Fátima, foram pessoas fundadoras do PT. [...] Então, por acaso, a própria esquerda de Macapá era tudo escuro, escondido. Deus o livre se soubesse, assim, de alguém da família. Ah, era um negócio. Então, por acaso o Santuário de Fátima hoje, ela teve uma participação nessa esquerda, porque os marianos, o Guedão, essa turma aí, uns lá... eles deram aquela sustentação que se reuniu escondido, no caso, fisicamente. Então teve uma participação e daí lógico abriu a questão política, enfim, foi, avançou e hoje como é democracia a gente fala.³⁶

Outro importante lugar de aprendizado e de sociabilidade para os moradores da Favela é dentro das atividades do escotismo. Em seu blog, Nilson Montoril (2013) escreve que Janary trouxe de Belém-PA os chefes escoteiros Glicério de Souza Marques, Clodoaldo Carvalho do Nascimento e José Raimundo Barata, também para se tornarem funcionários públicos. O primeiro grupo teve sede no bairro Laguinho, nomeada como Associação de Escoteiros Veiga Cabral, e dois anos após surgiu a Associação Marcílio Dias. Na Favela, de acordo com Gonçalves (2023) o grupo de escoteiros era coordenado pelos chefes Orlando e Madureira e localizava-se na esquina das vias Av. Almirante Barroso e Rua Hildemar Maia, nas proximidades de onde hoje está o Santuário de Fátima.

Na Favela, também relatam acerca de uma instituição marcante nas atividades sociais e culturais da região, a União Beneficente do Amapá (UBMA), uma associação formada por motoristas e suas famílias, responsáveis por realizar nos finais de semana festas para

³⁵ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

³⁶ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

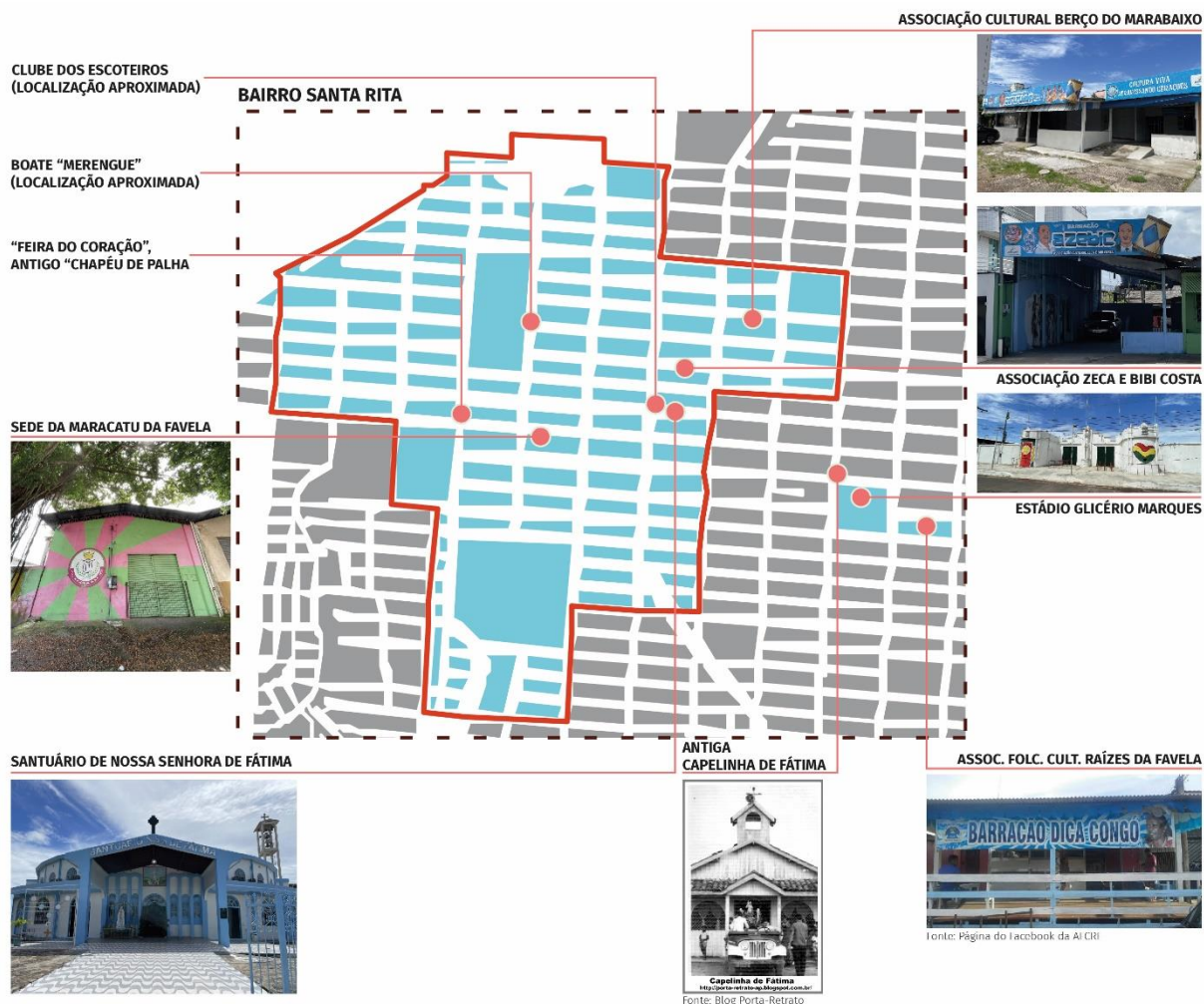
arrecadação de recursos para manter as atividades sociais que prestavam à sociedade. A área da associação possuía um grande campo em que aconteciam treinos de futebol e outras atividades (Gonçalves, 2023). O entrevistado P.F. inclusive relata que a associação cedeu o espaço para os ensaios da Escola de Samba Maracatu da Favela, visto que inicialmente realizavam esses ensaios na casa da Dona Neuzona, que com o tempo passou a ficar pequena. Ele conta que:

Eu sei que nós saímos de lá e viemos ensaiar na UBMA, União dos Motoristas do Amapá. Naquela época ainda não tinha esse comércio aí na frente. Era uma sede grande, lá inclusive ainda tem, era dos motoristas, ela foi fundada em 1952, eu lembro muito bem disso, e daí a Maracatu começou a ensaiar lá.³⁷

Assim como no bairro do Laguinho, a Favela é uma região que se constitui a partir dos seus lugares, suas instituições, suas personalidades, e quando observamos essa composição é possível identificar a essência desse lugar. O Marabaixo, o Samba, o Futebol, as religiões, o escotismo e as instituições, como a UBMA, são responsáveis por estabelecer esses laços sociais que promovem a (re)existência dessa Favela, um lugar que nunca foi oficial, mas que existe e resiste à passagem do tempo. No mapa da Figura 21 situo os pontos de memória da Favela, os que ainda existem e os que não resistiram à passagem do tempo.

³⁷ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 05 de julho de 2023.

Figura 21 - Mapa de lugares importantes da Favela



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A questão da Favela, no entanto, difere do Laguinho pois, enquanto no Laguinho essa identidade negra foi reforçada com o passar dos anos, até mesmo com a criação do Centro de Cultura Negra dentro do bairro, a Favela foi sendo apagada, encontrando no Marabaixo e no Samba essa reivindicação e reinvenção do seu território (Gonçalves, 2023). Podemos relacionar essas duas regiões pelas maneiras como elas se representam: na dança, na música, na culinária, no apego aos seus ancestrais. O ponto de encontro também se concentra na história: duas regiões formadas a partir da negação a população negra de residir na "Macapá moderna" de Janary Nunes.

3 MARABAIXO

O Marabaixo reúne um conjunto de práticas ritualísticas constituídas principalmente por cantigas – denominadas “ladraão”, música – a partir dos toques das “caixas” – e dança – que forma um círculo que se movimenta no ritmo dos tocadores e das cantadeiras, com características festivo-religiosas. Em Macapá, se realiza dentro de um ciclo anual denominado “Ciclo do Marabaixo”, que ocorre desde a Semana Santa e se estende por aproximadamente dois meses até o dia de *Corpus Christi*, bem como também se manifesta em eventos avulsos como o aniversário da cidade de Macapá, em 4 de fevereiro, e o Encontro dos Tambores, na semana da Consciência Negra em novembro (Antero, 2018; Cordeiro, 2016; IPHAN, 2018; Videira, 2014).

Além dos seus elementos principais como música, dança e celebrações religiosas, envolve uma cultura de alimentos como o caldo de carne e legumes (servido no Marabaixo de Macapá e de algumas comunidades), o beiju cica (feito à base de mandioca e chocolate, servidos no Marabaixo da Festa do Divino Espírito Santo, na cidade de Mazagão Velho) e bebidas como a gengibirra (Figura 22), produzida com cachaça, água, açúcar e gengibre (IPHAN, 2018; Videira, 2014).

Figura 22 - À esquerda, produção da gengibirra; à direita, distribuição da gengibirra



Fonte: IPHAN, 2013, p. 39 e Gabriel Penha/Arquivo G1, 2019.

Os trajes femininos (Figura 23) são compostos por uma ampla saia rodada, florida e colorida, anágua, blusa de cor lisa com gola rolê, babados e manga curta. Nos pés uma sandália ou uma sapatilha. As mulheres são adornadas com acessórios como uma flor no cabelo, brincos, pulseiras e colares, e no ombro uma toalha. Os cabelos em geral são presos em formato de coque. Quanto ao traje masculino (Figura 23), a calça deve ser comprida e branca e a blusa estampada (IPHAN, 2018; Videira, 2014).

Figura 23 - Trajes femininos e masculinos do Marabaixo



Fonte: Portal IPHAN, 2018 e Gabriel Penha/Fundação Marabaixo, 2023.

Com relação à musicalidade da festa, os “ladrões” correspondem à música do Marabaixo, os quais falaremos mais adiante de forma detalhada. Em relação à sonoridade do Marabaixo, ela é produzida pelo instrumento denominado “Caixa” (Figura 24). É um instrumento musical de percussão, cuja composição é, em geral, feita de madeira nobre, podendo também ser produzida em metal ou madeira de reciclagem. O objeto possui formato cilíndrico e possui duas peles de couro que são fixadas nas extremidades circulares da Caixa com aros de madeira flexível, deixando-as tensionadas. Nas laterais do instrumento perpassa uma corda que se conecta às extremidades. O som é produzido pelo toque das duas baquetas, ordenado pelo tocador (IPHAN, 2018).

Figura 24 - Caixa de Marabaixo



Fonte: Blog Alcilene Cavalcante e Wikipedia (www.pt.wikipedia.org/wiki/Marabaixo).

Para Videira (2009) a dança para a cultura afro-brasileira tem como característica religar o “ser” com as forças criadoras, como forma do povo negro narrar suas histórias e memórias,

que não estão registradas em livros. Ela desempenha um papel vital na cultura afro-brasileira, permitindo que as comunidades afrodescendentes se reconectem com suas raízes espirituais, expressem sua identidade e resistam à opressão cultural. É uma forma poderosa de comunicação e expressão que vai muito além da mera atividade física, desempenhando um papel fundamental na preservação e celebração da cultura afro-brasileira.

Em relação aos movimentos da dança do Marabaixo,

Os homens dançam cortejando a dama com movimentos corpóreos cheios de “catimba, graça e presepada”. Ora se agacham como se fossem cair, ora ficam saculejando os ombros, ora abrem as pernas inclinando o corpo à frente e marcando a cadência da cantiga com os pés arrastados um seguido do outro e/ou paralelos, com passos miúdos (Videira, 2009, p. 104).

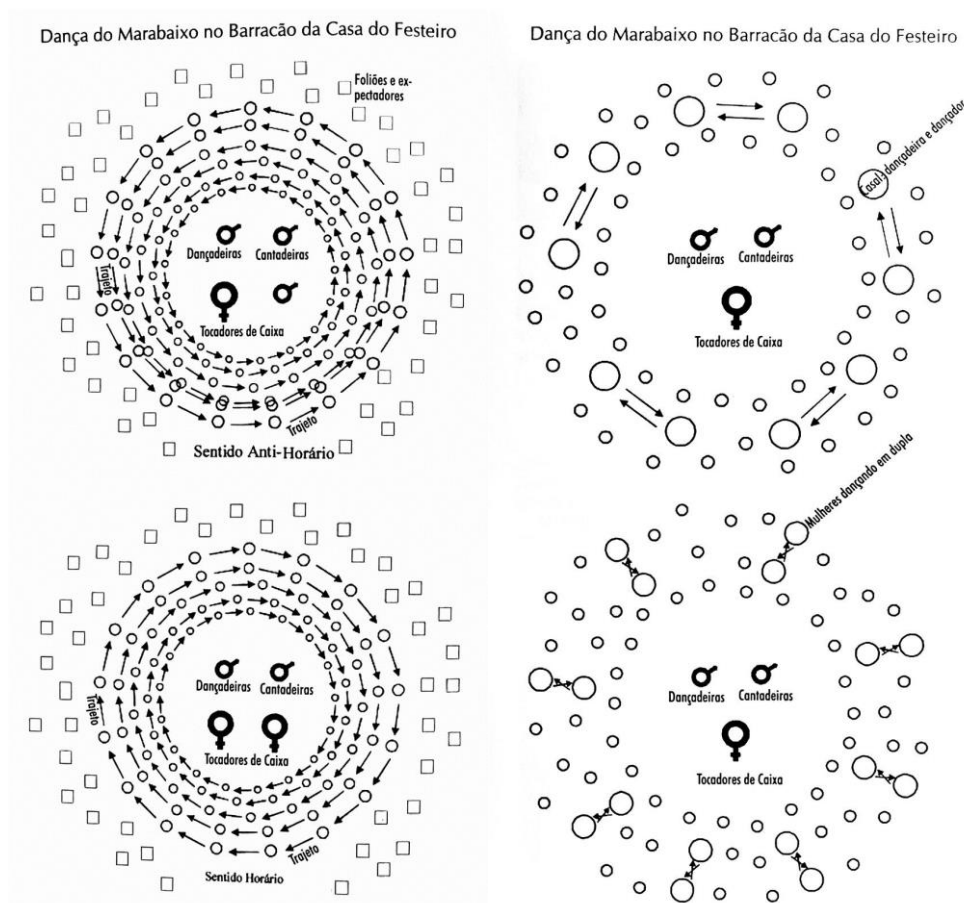
É uma dança de pares, com passos curtos, cuja coreografia se apresenta de forma espontânea e improvisada, seguindo os toques das caixas de tocadores, de forma que “ora formam filas, abraçados uns aos outros, ora se separam, organizando-se em filas três a três, ora ficam lado a lado, enfim permanecem isolados frente a frente e dançam ao som da música, em compasso binário” (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, [s.d.]). Dessa maneira, com relação às características da dança, Costa (2019, n.p.) afirma que “os passos de Marabaixo são compassados e representam os negros escravizados arrastando as correntes e bolas de ferro como forma de simbolizar o sofrimento, a dor e o desalento da escravidão”. Para além de ser uma forma de expressar a memória da escravidão, o canto e a dança do Marabaixo agora celebram com orgulho a história, as raízes ancestrais, a identidade racial e a resiliência diante das adversidades, incluindo as formas de repressão e intolerância que, de certa maneira, ainda persistem no cotidiano dessas comunidades (IPHAN, 2018).

Ao acompanhar a batida das caixas, a dança do Marabaixo pode ser executada de duas maneiras distintas. Uma delas é caracterizada por movimentos suaves, onde os pés mal se afastam do chão e os quadris realizam movimentos ritmados, sendo especialmente apreciada pelas marabaixeiras mais experientes. Por outro lado, essa dança também pode ser executada em ritmos frenéticos, incluindo pequenos saltos e coreografias mais elaboradas (IPHAN, 2018).

O Marabaixo é dançado em círculo movimentado em sentido anti-horário acompanhando os músicos que tocam as caixas e aqueles que entoam os ladrões. Os corpos das dançantes movimentam-se para frente e para trás, para esquerda e para a direita e giros em torno do próprio corpo. As mãos a todo o momento seguram as longas saias floridas erigindo-as. O conjunto dos gestuais verificados promove belíssima plástica à dança ao mesmo tempo parece fazer emergir do inconsciente uma movimentação semelhante ao das ondas marítimas (IPHAN, 2018, p. 34).

Nos diagramas da Figura 25 pode-se observar a organização entre os dançarinos e os tocadores.

Figura 25 - Diagrama da dança do Marabaixo na casa do festeiro



Fonte: Videira, 2009, p. 106 e 107.

Considerando a dança do Marabaixo uma “dança afro”, utilizo-me da colocação de Videira (2009, p. 244) para sintetizar o que o movimento e os passos representam para essa manifestação cultural, em que a autora coloca que “a dança afro é o resultado do desenvolvimento pleno de quem dela participa, logo, não está no sangue, não é aleatória e muito menos improvisada. Ela é criada a partir da construção social e cultural de uma dada comunidade”.

Dentro da zona urbana de Macapá, os bairros Lagunho e Santa Rita (Favela) concentram as associações de Marabaixo, bem como é nesses bairros que ocorrem os diversos eventos que compõem o ciclo do Marabaixo, descritos no Quadro 3, que se dividem em missas, ladainhas, procissões, festejos, bailes e diversas outras celebrações.

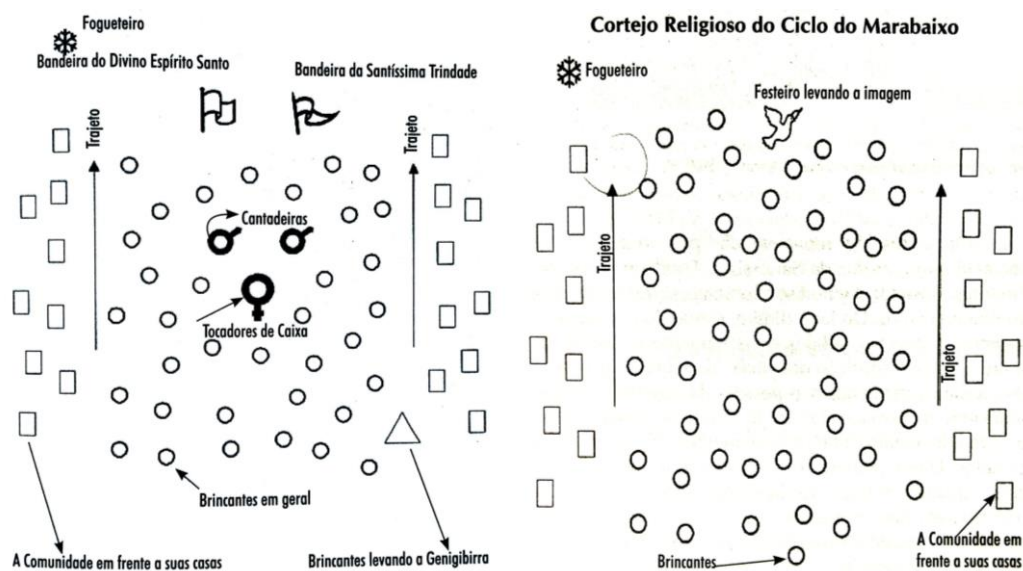
Quadro 3 - Ciclo do Marabaixo

Dia	Descrição
Domingo de Páscoa Marabaixo da ressurreição (Primeiro Marabaixo)	<i>Realização da missa. Às 17h Marabaixo da Ressurreição.</i>
Cortação do mastro (Sábado, cinco semanas após a Páscoa)	<i>O grupo se desloca até o Curiaú (região quilombola cerca de 12km de Macapá), corta-se o mastro e, então, é deixado nas proximidades da casa do festeiro, como preparação para o outro dia.</i>
Domingo do mastro (dia seguinte à cortação do mastro) Marabaixo do Mastro (Segundo Marabaixo)	<i>Com a bandeira do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, os adeptos dirigem-se para buscar o mastro e levá-lo à casa do festeiro, onde será guardado.</i>
Quarta-feira da murta do Divino Espírito Santo (na mesma semana, após o domingo do mastro)	<i>Tiram a murta na quarta-feira à tarde, saem às ruas cantando e dançando Marabaixo, e guardam para enfeitar o mastro no dia seguinte. A dança do Marabaixo se estende até às 6h da manhã do dia seguinte.</i>
Quinta-feira da hora (no dia seguinte à quarta-feira da murta)	<i>Enfeitam o mastro do Divino Espírito Santo com os galhos da murta e a bandeira pela manhã. Em seguida, é realizada a “Levantação do Mastro”.</i>
Baile dos Sócios do Divino Espírito Santo e Baile dos Sócios da Santíssima Trindade (datas avulsas)	<i>Nesses bailes não há apresentação do Marabaixo. É um baile dançante com músicas dos gêneros forró, brega, sertanejo, samba etc.</i>
Missa em homenagem aos santos Domingo da murta da Santíssima Trindade (em seguida da quinta-feira da hora)	<i>07h – Missa em homenagem aos santos (Igreja de São Benedito) Café da manhã após a missa Tiram a murta no domingo à tarde, saem às ruas cantando e dançando Marabaixo, e guardam para enfeitar o mastro no dia seguinte. A dança do Marabaixo se estende até às 6h da manhã do dia seguinte.</i>
Segunda-feira da hora (no dia seguinte ao domingo da murta)	<i>Enfeitam o mastro da Santíssima Trindade com os galhos da murta e a bandeira pela manhã. Em seguida, é realizada a “Levantação do Mastro”.</i>
Missa em homenagem aos santos (uma semana após o domingo da murta da Santíssima Trindade)	<i>07h – Missa em homenagem aos santos (Igreja de São Benedito) Café da manhã após a missa</i>
18 dias de ladainhas	<i>Após a quinta-feira da hora, rezam ladainhas durante 18 dias em homenagem ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, na casa do festeiro.</i>
Sábado do Divino Espírito Santo (nove dias após a quinta-feira da hora)	<i>À noite há festa dançante</i>
Domingo do Divino Espírito Santo	<i>Segue-se mais uma semana de ladainhas</i>
Sábado da Trindade (sete dias após o Sábado do Divino Espírito Santo)	<i>Reúnem-se na casa do festeiro para festejar</i>
Domingo da Trindade	<i>Missa pela manhã, quebra da murta pela tarde e ladainha em louvor à Santíssima Trindade pela noite.</i>
Segunda-feira do mastro	<i>A contar das 6 horas, começam a cavar um buraco na frente da casa do festeiro, ornem-se o segundo mastro de murta da Santíssima para levantá-lo ao lado do mastro do Divino. Seguem, então, com a dança do Marabaixo.</i>
Domingo do Senhor	<i>Marca o término do ciclo anual do Marabaixo com o ato de derrubada do mastro.</i>

Fonte: Adaptado por Quadros, 2023 de Lima, 2011; Reis, Maciel e Pereira, 2021.

Diversos eventos que compõe o ciclo do Marabaixo ocupam as ruas dos bairros Laguinho e Favela, como o “Marabaixo de rua”, os cortejos religiosos, o transporte do mastro, a quarta-feira da murta. Nessas ocasiões, é comum que a população local prestigie os eventos em frente às suas casas. À frente costuma ir sempre um fogueteiro, responsável por soltar fogos de artifícios que estouram durante o trajeto. Dependendo do evento, é guiado pelas bandeiras do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, ou das imagens dos santos homenageados. Os brincantes seguem logo atrás. Se no “Marabaixo de rua”, as cantadeiras e tocadores de caixa se dispõem pelo meio dos brincantes. Observa-se essa disposição nos diagramas da Figura 26 (Videira, 2009).

Figura 26 - Diagramas dos cortejos de rua do Marabaixo. À esquerda: Marabaixo de rua; à direita: Cortejo Religioso



Fonte: Videira, 2009, p. 117 e 133.

A tradição do Marabaixo além de acontecer em diversas localidades dentro do Amapá, caminhar pelas ruas e avenidas dos bairros Laguinho e Favela, os barracões dos festeiros, as igrejas, também adentra às cozinhas das fazedoras de gengibirra e caldo de carne, às máquinas de costura das costureiras responsáveis pelas vestimentas, à mesa de trabalho dos fabricantes da caixa de Marabaixo. Constitui uma rede de relações interpessoais e geográfica nos arredores dos barracões.

Quando Simas (2022, p. 114) descreve a importância do samba para o Rio de Janeiro, destacando que:

Muito mais do que gênero musical ou bailado coreográfico, o samba é elemento de referência de um amplo contexto cultural que dele sai e a ele retorna, dinamicamente. Nos sambas vivem saberes que circulam; formas de

apropriação do mundo; construção de identidades comunitárias dos que tiveram seus laços associativos quebrados pela escravidão; hábitos cotidianos; jeitos de comer, beber, vestir, enterrar os mortos, amar, matar, celebrar os deuses e louvar os ancestrais.

Vejo que é possível se olhar o Marabaixo por essa perspectiva. É uma manifestação cultural que vai muito além dos sons, da coreografia, dos rituais. É uma cultura que sai do povo e se volta para o povo nas suas dinâmicas, na sua identidade. E nela vão circulando os saberes de composição, de dança, de costura, de culinária, de medicina, de celebração, de crenças.

Para compreender mais acerca dessa cultura e a identidade que se constrói a partir dela, vejo que é necessário se voltar a criação da cidade de Mazagão, “transportada” de Marrocos para a Amazônia.

3.1 Marabaixo e suas territorialidades

3.1.1 Mazagão: o início de tudo

Marrocos³⁸

Vinhemos lá de Marrocos

Para uma vila habitar

Revivendo nossa história num cantinho do Amapá

Sopra o vento africano

O navio sai pro outro lado

Em seus porões desumanos

Vêm nossos antepassados

Sáimos lá da mãe África

Com destino a Belém

Deixando nossas famílias e nossos amigos também

Sofrendo muitos maltrato

E todo tipo de agravo

Desembarcam em Mazagão com condição de escravo

Negro valente guerreiro

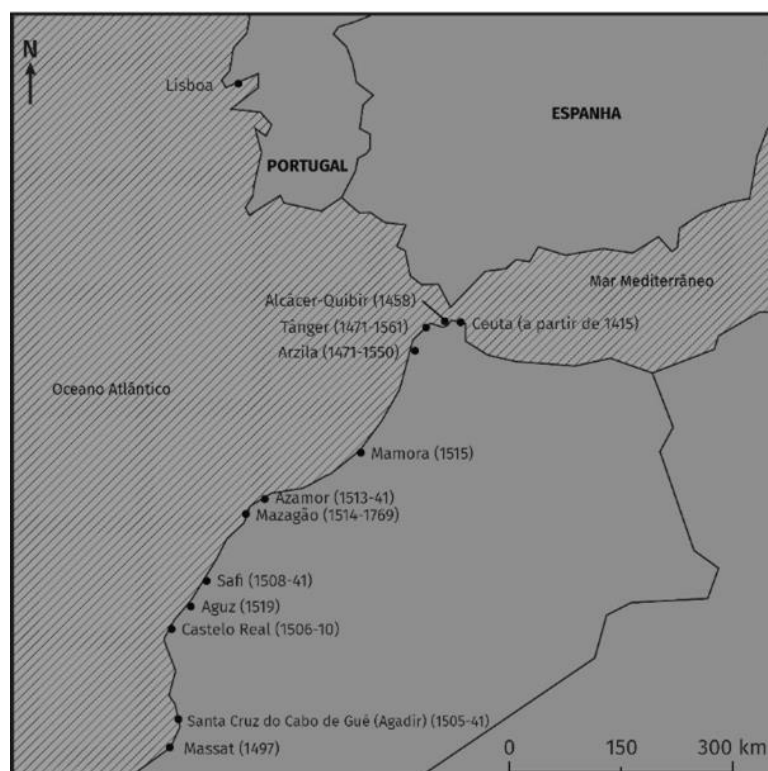
Ao chegar neste lugar

³⁸Autoria: Josué Duarte da Conceição e Manuel Duarte, coletada do livro “Mazagão Velho: diásporas negras, performance e oralidade no baixo amazonas” do autor Geraldo Peçanha de Almeida, p. 65, 2011.

Arregaçaram as mangas e se puseram a trabalhar
Terra abençoada em terra
Tudo que se planta dá
Com milho, arroz e feijão
Abasteceram meu Pará
Mesmo longe da mãe África
Humilhado e sem amor
O negro trocou sua casa
E sua história contou
Fui escravo e fui liberto
Vou pra cima e vou pra baixo
E pra comemorar
Hoje canto Marabaixo

Mazagão é conhecida como “a cidade que atravessou o Atlântico”, visto que seus primeiros habitantes foram transportados da cidade africana localizada em Marrocos (Figura 27), país do norte da África, na região da costa atlântica que hoje é ocupada pelo município de El Jadida (Almeida, 2011).

Figura 27 - Mapa das possessões portuguesas em Marrocos



Fonte: Vidal, 2008, p.17 *apud* LEMOS, 2022, p. 44.

A Mazagão marroquina era uma possessão portuguesa fundada em 1513 como um entreposto comercial para servir aos navegadores que faziam a rota do Cabo – que é a via marítima entre o Ocidente e o Oriente que passa ao largo do Cabo da Boa Esperança. A região sofria constantes tentativas de invasão, mas mantendo-se sempre resistente, sendo uma dessas invasões um cerco ocorrido em 1562 por parte de mouros (Almeida, 2011).

A contação desse fato faz um paralelo com a história de São Tiago, um santo cavaleiro e soldado anônimo que auxiliou os cristãos em 1492 na luta entre o Cristianismo e o Islamismo pela reconquista da Espanha que estava sob domínio mulçumano por 8 séculos, cuja festa em honra ao santo é tradição na população mazaganense desde sua residência no continente africano até os dias atuais, na Mazagão da Amazônia (Almeida, 2011; Silva e Tavim, 1998).

A transição entre as localidades teve início em 1769, por decisão de Marquês de Pombal, a fim de habitar essa nova região que necessitava de garantia de soberanias. O transporte da Mazagão marroquina para a Mazagão amapaense, no entanto, não foi tão direto, tendo havido paradas em Lisboa (Portugal) e em Belém do Pará. Dessa forma, passaram a residir a nova região colonos brancos e pretos escravizados (Almeida, 2011; Silva e Tavim, 1998).

Nos primeiros versos da composição colocada na abertura desse item, os autores retratam essa transição das pessoas escravizadas entre os continentes, em que atravessaram o oceano Atlântico para residir nas terras amazônicas. Em um dos versos deixa explícita a situação desumana enfrentada nesse transporte: “Vinhemos lá de Marrocos/Para uma vila habitar/Revivendo nossa história num cantinho do Amapá/Sopra o vento africano/O navio sai pro outro lado/**Em seus porões desumanos**/Vêm nossos antepassados/Sáimos lá da mãe África/Com destino a Belém”.

Almeida (2011) relata que a região da Nova Mazagão vivenciou conflitos em função da posse de terras, visto que os limites territoriais brasileiros ainda não estavam definidos, somente chegando a um desfecho com o Laudo Suíço³⁹. Por consequência disso, a vila “Mazagão Nova” foi transferida geograficamente para 30km de distância, de forma que a região antes ocupada passasse a se chamar de vila de “Mazagão Velho”, enquanto a nova área ocupada foi elevada à categoria de município com o nome de “Mazagão Nova”. Para o autor:

Com essas (des)territorizações, a história de Mazagão fica constituída assim: há uma Mazagão marroquina; uma Mazagão Velha fundada em mil setecentos

³⁹ No século XIX, em 1835 uma investida é realizada na região do Amapá pelos franceses, tentando expandir a área das Guianas até o Rio Araguari. O conflito só foi resolvido em 1900, por meio da decisão diplomática do “Laudo Suíço” o qual estabeleceu o Rio Oiapoque como divisa entre os dois territórios. A área do contestado foi alvo de investida por parte dos franceses que, após a decisão do laudo, tornou a ser considerada parte do estado do Amapá (Chelala, 2008).

e setenta e sete nas margens do rio Mutuacá e há uma outra Mazagão, a Mazagão Nova, legalmente o verdadeiro município amapaense (ALMEIDA, 2011, p. 66).

Em relação à última parte da letra, o trecho celebra a liberdade conquistada face o período escravocrata vivenciado e coloca o Marabaixo como forma de comemoração, culminando nessa celebração cultural como uma forma de resistência da identidade afro-brasileira. Para Almeida (2011, p. 63), “a resistência política em Mazagão Velho se dá através da palavra cantada. Ali é o lugar do canto e da dança, do corpo e da palavra que emana dele. Ali é um dos muitos territórios negros na Amazônia”. A letra da canção também destaca isso: “Fui escravo e fui liberto/Vou pra cima e vou pra baixo/E pra comemorar/**Hoje canto Marabaixo**”.

Nesse contexto, a cidade de Mazagão é reportada como a localidade em que se surgiu o Marabaixo, sem se ter uma data específica para sua criação, e que foi posteriormente se espalhando para as regiões do Curiaú, Igarapé do Lago, Maruanum e Macapá, dessa forma sendo considerada legado das ancestralidades africanas (Canto, 2023; IPHAN, 2018).

De acordo com Almeida (2011), as performances culturais em Mazagão Velho acabam por incorporar elementos do imaginário colonial e eurocêntrico ao mesmo tempo em que perpetuam essa tradição da cultura negra que está profundamente enraizada e, para além disso, também absorvem influências da cultura indígena presente na região.

Em relação ao Marabaixo, existe uma diferença muito clara entre os ritos em Mazagão e em Macapá. Enquanto na capital o ciclo de comemoração ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade ocorre dentro do calendário cristão de celebração da Páscoa, em Mazagão a festa tem início no dia 16 de agosto e finaliza no dia 24 de agosto, com o Marabaixo de Rua.

No caso do Marabaixo de Rua, presente em Mazagão, também conhecido como Marabaixo itinerante ou marabaixinho, destaca-se uma organização ritualística própria, diferenciando-se do Marabaixo de Macapá – em que a celebração ocorre nas residências dos festeiros (Sampaio, 2022). Almeida (2011, p. 72 e 73) relata que o Marabaixo em Mazagão acontece da seguinte forma:

Por ocasião da festa do Divino Espírito Santo, são distribuídas sete coroas do Divino para sete moradores da comunidade. Os que são agraciados com uma das coroas são aqueles considerados anciãos, exemplos de conduta e de transparência para a comunidade. Durante um ano eles devem zelar e guardar a integridade física e moral da coroa em suas casas. Nesse caso, parece que a residência que recebe uma destas imagens se transforma numa espécie de igreja ou sacrário. Toda a família se transforma e passa a viver intensamente em torno daquela coroa. O Padre da cidade habitualmente visita estas casas onde se encontram as coroas, e rezas são proferidas diariamente. Em algumas delas há rosários ou terços semanalmente com a presença dos vizinhos. A

devolução destas imagens é marcada por muitos festejos e por muita devoção. Ela acontece na Festa do Divino do ano seguinte à entronização. A presença da coroa do Divino também é marcada pela bandeira do Divino, de cor amarelo-dourado, símbolo de riqueza e de nobreza para a comunidade e também de tambores, os do Marabaixo e do Batuque.

Chamou-me a atenção o fato de que, embora a figura do Divino Espírito Santo seja uma das principais referências católicas, os tambores que acompanham a entronização da coroa nas casas não o são.

O autor também traz trechos da entrevista realizada com uma das atuais lideranças do movimento do Marabaixo em Mazagão, seu Antônio, que descreve o Marabaixo de Rua como uma espécie de carnaval, visto que ocorre durante todo o dia. Em relação às tradições, é comum que as casas que deixem suas portas abertas recebam o Marabaixo e sirvam alimentos como caldo e gengibirra para os participantes. O entrevistado também relata que a data é sempre a mesma, independente do dia da semana em que cair. A proposta é que a população se organize em função do evento, em que este descreve que alguns participantes deixam para tirar suas férias em agosto para se fazerem presentes em todos os compromissos (Almeida, 2011).

Apesar dos apontamentos de que o Marabaixo tenha surgido em Mazagão, pouco se sabe sobre sua origem. Para Canto (2023), o termo tem uma provável origem pela corruptela da palavra *marabuto* ou *marabut*, derivados do árabe *morabit*, que significa “sacerdote dos malês”, por conta da influência mulçumana dos negros escravizados. Videira (2009) aponta também a hipótese colocada pelo consenso popular da palavra ter vindo da expressão “mar-a-cima, mar-a-baixo”, relacionada ao movimento dos navios que transportaram os negros escravizados.

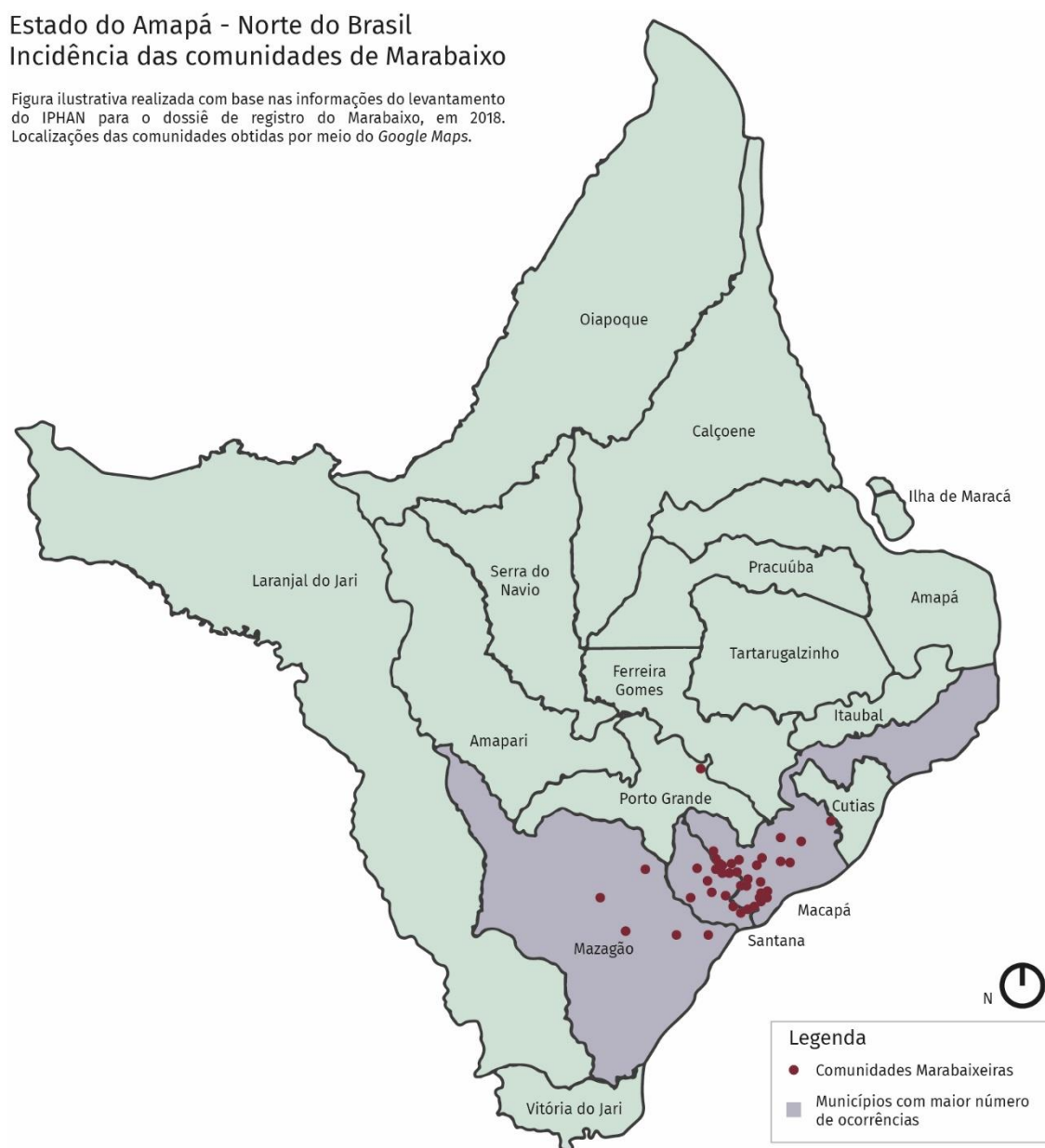
A história de Mazagão é marcada por essa jornada transatlântica que resultou na formação de novos movimentos culturais, como o Marabaixo, que se insere no contexto histórico da cidade, de forma a relatar as vivências em seus ladrões. Com a expansão da manifestação cultural para outras regiões do estado e com as transformações sociais vivenciadas, nota-se diversas diferenças na festa do Divino Espírito Santo, que perpassa desde o calendário até a culinária.

Com relação à espacialidade do Marabaixo, várias questões podem ser abordadas. Desde uma perspectiva histórica do surgimento da manifestação cultural, visto que uma das hipóteses acerca do nome “Marabaixo” é com relação à expressão “mar-a-cima, mar-a-baixo”, pertinente à rota atlântica e movimento dos navios negreiros a partir do tráfico de pessoas escravizadas transferidas da “Praça do Forte de Mazagão”, na região norte do continente Africano, onde atualmente fica Marrocos, para a cidade de “Mazagão nova” no Amapá, ao norte do Brasil (Videira, 2009; Assunção, 2009).

3.1.2 A expansão do Marabaixo

Outro olhar espacial que se pode dar ao Marabaixo é com relação às localidades dentro do estado do Amapá em que ela ocorre, em que o Inventário Nacional de Referências Culturais do Marabaixo (2013 *apud* IPHAN, 2018) apontou a ocorrência em 36 comunidades (Figura 28), dentro dos perímetros de três municípios: Macapá, Santana e Mazagão.

Figura 28 - Comunidades Marabaixeiras no Amapá



Fonte: Elaborado pela autora, 2024 com base nas informações do Dossiê de Registro do Marabaixo (IPHAN, 2018).

Existe, então, uma trajetória que dá início ao Marabaixo e outra que demonstra a sua expansão e consequentemente algumas das alterações sofridas na manifestação cultural. Tendo sua possível origem marcada pela transição das famílias marroquinas para o sudeste da região do Amapá como estratégia de ocupação da área por parte da Coroa Portuguesa, posteriormente se designando para a cidade de Macapá com o movimento de pessoas escravizadas com o objetivo de erguer a Fortaleza de São José de Macapá e uma migração realizada de forma espontânea. Depois, com a implantação do Território, o Marabaixo que ocorria no entorno da Fortaleza se subdividiu para os bairros Laguinho e Santa Rita. O esquema da Figura 29 ilustra o movimento que a tradição vivenciou.

Figura 29 - Movimento territorial do Marabaixo

Primeiro movimento: que pode ter dado origem ao Marabaixo (1769)



Segundo movimento: expansão da tradição (construção da Fortaleza: 1764-1782)



Terceiro movimento: início da dispersão Laguinho e Santa Rita/Favela (1944-1950)



Macapá - traçado urbano da década de 1960

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

No entanto, deve-se destacar que, ao desembarcar no Amapá, o Marabaixo vivenciou um percurso em direção à cidade de Macapá que iniciou na cidade de Mazagão nova e, a partir da introdução de mão de obra negra escravizada na construção da Fortaleza de São José, espalhou-se pelo núcleo urbano inicial de Macapá (IPHAN, 2018).

Em se tratando a respeito da Fortaleza, o IPHAN destaca no dossiê de registro do Marabaixo que ela:

constitui o lugar de memória mais remoto para a manifestação. Ainda que a história da sua construção remeta ao sofrimento dos ancestrais negros que enviaaram esforços sobre-humano na empreitada e construção da edificação, no contexto da elaboração e afirmação de identidade amapaense acrescenta-se à edificação outro sentido, o que exalta a exuberância da construção e a reconhece como uma das maiores e importantes obras de defesa do território colonial, além de testemunho da importância da mão de obra negra para o soerguimento da edificação e da formação social e cultural de toda uma região (IPHAN, 2018, p. 50).

Também é retratado no conto “Umas e outras de Seu Paulino” do autor Paulo Tarso Barros em seu livro “Histórias de um Sino” (2013, p. 57) a vivência que se tinha no núcleo inicial urbano da cidade, em que “antigamente, antes do governo territorial do coronel Janary Gentil Nunes, a cidade de Macapá era pequena e os negros viviam no bairro Central, onde plantavam, criavam animais e se divertiam dançando Marabaixo”.

A ilustração a seguir (Figura 30) de autoria de Dekko Matos, sob o título “Macapá no Forte”, ilustra o Marabaixo acontecendo dentro da Fortaleza de São José. Enquanto alguns homens tocam as caixas de Marabaixo, mulheres e homens dançam e uma delas carrega uma bandeira branca.

Figura 30 - "Macapá no Forte"



Autoria: Dekko Matos

O Marabaixo acontecia na Igreja de São José (Figura 31), mas com a chegada do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) no final da década de 1940, os marabaixeiros foram proibidos de entrar na igreja e os padres se recusaram a rezar a missa por ocasião desses festejos populares (Canto, 1998; Cid e Coutinho, 2020; Lima, 2011). Videira (2009, p. 191) afirma que “até 1948, a festa acontecia nas dependências das Igrejas, passou então a acontecer do lado de fora da igreja até meados da década de 1950”.

A festa em comemoração aos 261 anos da cidade de Macapá, no ano de 2019, foi marcada por um evento inédito, de acordo com João Lázaro Silva (2019) escritor do Blog Porta-Retrato AP, em que, logo após a Missa rezada na Igreja de São José em comemoração, aconteceu o encontro das bandeiras do Marabaixo. A tradição manteve-se pelos anos seguintes, com interrupção apenas no ano de 2021 em virtude da pandemia do Covid-19.

Figura 31 - Marabaixeiros em frente à Igreja; à direita, foto provável da época em que os festejos aconteciam ainda na Igreja de São José; à esquerda, o Encontro das Bandeiras no aniversário de 265 anos de Macapá, em 4 de fevereiro de 2023.



Fonte: Blog Porta-Retrato AP (www.porta-retrato-ap.blogspot.com/2019/05/) e Juliana Quadros, 2023.

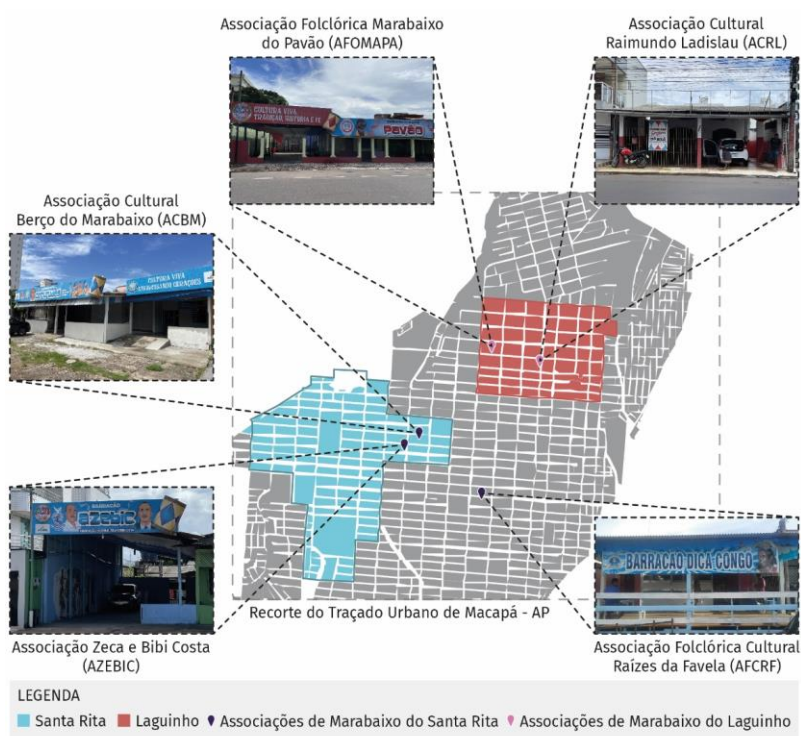
Com a criação do Território Federal do Amapá (TFA), em 1943, as populações afro-macapaenses foram removidas do centro da cidade e destinadas ao bairro Laguinho. A implantação do TFA elevou Macapá ao *status* de capital, antes pertencente ao município de Amapá. A fim de modernizar a cidade, Janary Gentil Nunes, o então governador do território, ensejou diversas transformações urbanas, com a construção de conjuntos residenciais para servidores, hotel, hospital, escolas. Dessa maneira, as casas e vilas da população afro-macapaense destoavam do novo perfil que se queria dar à capital. Janary, em acordo com o mestre marabaixeiro Julião Ramos, transferiu essa população inicial para o bairro Laguinho.

Dona Gertrudes Saturmino, mestra marabaixeira, em discordância com a localidade escolhida para estabelecer sua nova residência, decidiu seguir para o bairro Favela, hoje Santa Rita, acompanhada de seus familiares e seguidores (IPHAN, 2018; Lobato, 2015; Luna, 2017; Pessoa e Venera, 2016).

Dessa forma, os festejos que costumavam acontecer nos arredores da Igreja de São José de Macapá começaram a serem realizados nas casas dos marabaixeiros nos bairros Laguinho e Favela, em que foram construídos os barracões para abrigar os festeiros. Os barracões costumam ser residências em que se ampliou o pátio frontal para abrigar um grande número de pessoas. Nas laterais do barracão é comum que se tenham bancos de madeira para que os foliões possam descansar e para que os espectadores possam apreciar a dança. Também a rua é ocupada com vendedores ambulantes que comercializam comidas e bebidas (Lima, 2011; Videira, 2009).

Esses barracões são espaços-sede para as Associações de Marabaixo. De acordo com o Dossiê de Registro do Marabaixo, em Macapá foram registradas 5 grupos de Marabaixo na região urbana, destacados na Figura 32.

Figura 32 - Associações de Marabaixo em Macapá



Fonte: Elaborado pela autora (2024) com base nas informações do Dossiê de Registro do Marabaixo (IPHAN, 2018). Fotos: Acervo da autora (2023); Página Raízes da Favela <www.facebook.com/Raizesdafavela>.

Os barracões, em geral, são estruturas fixas atreladas à residência em que mora o mestre marabaixeiro/a mestre marabaixeira, com exceção do “Barracão Dica Congó”, da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela, que sua estrutura de madeira só é montada nos períodos necessários.

A separação dos bairros Laguinho e Santa Rita (antiga Favela) também dividiu as homenagens oferecidas no Marabaixo. Com a instituição do Território e o remanejamento dessas populações afrodescendentes para os bairros Laguinho e Favela, o Marabaixo passou a acontecer no bairro Laguinho. Ao final da década de 1950, com a morte do Mestre Julião Ramos, o Marabaixo começa a ser realizado também no bairro Favela, criando a ‘divisão’ entre o Divino Espírito Santo (Laguinho) e a Santíssima Trindade (Favela) (Canto, 2023).

4 O PROCESSO DE REALOCAÇÃO: A PERSPECTIVA DA COMUNIDADE NEGRA

4.1 Território Federal do Amapá: Urbanização e os conflitos com a Igreja Católica

O processo de “retirada” do Marabaixo do centro da cidade e da igreja matriz de São José foi um projeto que teve início desde a chegada do padre italiano Júlio Maria Lombaerde, que residiu em Macapá a partir de 1913, sendo vigário da igreja de São José entre 1916 e 1923. O padre nasceu em 1878 na Bélgica e, aos 35 anos, após diversas missões pela França, desembarcou em Macapá em 27 de fevereiro de 1913. Em virtude da precariedade dos sistemas de saúde e educação na cidade, os conhecimentos do padre o tornaram “tudo” no local, sendo este considerado médico, farmacêutico, dentista, professor e vigário. Após 15 anos de missão pela Amazônia, passou por Natal - RN e, em 1928, por Manhumirim - MG (Canto, 2023).

Padre Júlio Matia Lombaerd demonstrava uma certa repulsa aos costumes de afrodescendentes presentes na população macapaense. Pode-se observar nos trechos de seu depoimento pessoal em uma Revista Mariana em 31 de maio de 1915:

ajuntem a estas artificiosas ciladas ocultas os esforços, dignos de melhor causa, de uns sectários do espiritismo, como também o indecoroso atrativo de muitas festas, mais dignas dos selvagens africanos que de um povo civilizado, e facilmente compreenderão a decadência religiosa destas um pouco rústicas e ignorantes, mas boas e sinceras populações do interior. [...] Era o verdadeiro FETICHISMO africano, duplicado pelos pagãos, em que se ocultavam, debaixo da auréola de VÊNUS ou BACO, as orgias mais cruas e ignominiosas (*apud* Miranda, 1957, p. 212 e 213, grifo nosso).

Nesse trecho, o padre descreve as práticas culturais da população negra como indecentes, imorais e degradantes, considerando seus rituais como “ocultos”, provavelmente em um sentido diabólico. Em suma, padre Júlio expressava uma visão negativa dessas práticas, considerando-as decadentes para a população “cristã”.

A visão de padre Júlio contribuiu para a criação de um estigma em relação à cultura do Marabaixo, por vezes associadas a rituais cujo principal objetivo se pautava no consumo exagerado de bebidas alcoólicas e à prática da libertinagem entre os seus participantes. Em continuidade a esta visão sobre o Marabaixo, Canto (2023) traz em seu livro um trecho de um artigo do primeiro bispo prelado (entre os anos de 1955 e 1965) de Macapá, Dom Aristides Piróvano, em que ele vincula o Marabaixo/folclore com festas e orgias, de forma que o bispo relata que ao celebrar a festividade nas cidades do interior, no ano seguinte em que retornava havia sempre crianças para batizar, concebidas no período do ciclo do Marabaixo (Canto, 2023).

O Marabaixo tem como característica seu o contexto ligado ao catolicismo popular, no entanto, nota-se, em menor grau, que existem similaridades com aspectos das religiões de matrizes africanas. A manifestação cultural compreende, como no catolicismo, a oferta aos santos e santas de devoção como forma de proteção e agradecimento pelas graças alcançadas e a devoção ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade. Além disso, o ciclo ocorre em conformidade com o calendário católico da Páscoa e *Corpus Christi* e ainda conta com a celebração de missas nas igrejas São Benedito (localizada no bairro do Laguinho) e Jesus de Nazaré (localizada no bairro Jesus de Nazaré, mas que abriga o Marabaixo da Favela), além de acontecerem ladainhas e novenários (IPHAN, 2018).

Em relação aos elementos simbólicos que caracterizam o espaço de um barracão para a celebração do Marabaixo, incluem-se os altares, os mastros e a decoração no teto, como pode-se observar na Figura 33 (IPHAN, 2018).

Figura 33 - Elementos simbólicos do Marabaixo: altar, mastros e decoração no teto



Fonte: IPHAN, 2018, p. 48; Blog Claudionor Santos, disponível em: www.claudionorsantosmcp.blogspot.com/2010/04/quadra-atual-do-marabaixo.html, acesso em: 12 out. 2023; Foto de Gabriel Penha, 2019.

O altar, composto pelas coroas do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, decorado com flores – que na cultura católica expressam honra e louvor, fotografias de

personalidades marcantes – no altar da fotografia estão Raimundo Lino Ramos, o mestre Pavão, e sua esposa – e velas – que significam a presença de Deus (IPHAN, 2018).

Os mastros, que sustentam as bandeiras do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, tem a função de conectar o céu e a terra, “opera essa passagem ao sagrado, indica a grande distância que ali se celebra, o poder de Deus e seu mistério” (IPHAN, 2018, p. 51).

Quanto à decoração de teto do barracão de Marabaixo, ela é feita com papel de seda ou papel crepom recortados e fixados em fileiras. A leveza do papel faz com que se movimentem com o vento e atraiam o olhar para o teto, que faz referência a um “céu” estilizado (IPHAN, 2018).

Ainda que as associações com o catolicismo sejam claras, existem muitos elementos simbólicos característicos de outras manifestações que partem de religiões de matrizes africanas, como o congado⁴⁰, que também se utiliza mastros, bandeiras, coroas e a caixa como instrumento de percussão.

Em contraponto às vinculações religiosas, a Igreja Católica foi responsável por perseguições ao Marabaixo. A manifestação, cuja tradição carrega rituais como a “quebra da murta” e batuque dos tambores, mistura elementos do catolicismo e da cultura negra, consequentemente traz aspectos comuns às religiões de matrizes africanas (Canto, 2023). Videira (2009, p. 43) evidencia que “a intolerância religiosa e a deturpação que a igreja faz da cultura de base africana, atribuindo características demoníacas, provocando assim seu enfraquecimento no período em que as terras amapaenses eram governadas pelos militares”. Dessa forma, a autora afirma que são poucos os interlocutores do Marabaixo que relatam indícios de uma associação com religiões de matrizes africanas.

As populações negras, por serem uma parcela significativa da população macapaense que habitava o centro urbano de Macapá, nas regiões do Formigueiro, na Vila Santa Engrácia e no Elesbão, realizavam o Marabaixo no centro da cidade antes da constituição do Território Federal do Amapá, de 1943 a 1988 (Canto, 2023).

Um dos eventos que ocasionou estremecimento no vínculo entre a Igreja e os marabaixeiros foi quando padre Júlio quebrou a coroa de prata do Divino Espírito Santo. Era

⁴⁰O Congado é uma expressão cultural brasileira que tem raízes africanas e católicas. Diversas circunstâncias da época colonial deram origem a essa manifestação popular, que continua a ser um elemento identitário para as comunidades que a realizam. A festa é composta por uma série de rituais tradicionais que, embora preservem a herança cultural, também se adaptam e incorporam elementos contemporâneos. Isso garante sua continuidade ao longo do tempo, proporcionando um espetáculo vibrante de cores, música, alegria e riqueza cultural. Entre a religiosidade e a profanação, o Congado se destaca como uma das muitas festividades da cultura brasileira, repleta de encantos etno-musicais (Gabarra, L.O. Congado: A festa do Batuque. Caderno Virtual de Turismo, v.3, n.2, pp 1-7, 2003).

costume que a Coroa ficasse na Igreja Matriz de um dia para o outro, de forma que no dia seguinte, após a benção do padre, a Coroa era recolhida pelo festeiro. Um dia, quando estava aos cuidados de padre Júlio, este a quebrou e mandou entregá-la ao festeiro em pedaços. Tal atitude gerou uma intensa revolta nos marabaixeiros, os quais foram barrados pelo intendente Teodoro Manuel Mendes de se manifestarem contra o padre (Canto, 2023).

Dessa maneira, com a chegada dos padres do PIME em 29 de maio de 1948, a cultura negra enfraqueceu-se mais ainda, visto que historicamente a Igreja e o Governo estabelecem essa relação ideológica. Ainda que o governador Janary Nunes tivesse uma relação amigável com mestre Julião Ramos e participasse dos festejos do Marabaixo, isso não colaborou para a aceitação dos clérigos. Assim, cada vez mais os sacerdotes proibiram a presença de membros marabaixeiros no ambiente eclesial (Canto, 2023). Retaliações como o afastamento das irmandades católicas são apontados por Videira (2009, p. 132):

Segundo Tia Biló, seu pai, mestre Julião Ramos, e a finada Felicinha, sua tia, eram membros da Irmandade do Sagrado Coração; ambos foram afastados pelos padres da Irmandade, por não aceitarem a imposição destes, proibindo-os de cantarem e participarem dos festejos do Marabaixo como requisito para manterem o vínculo com a instituição católica.

Os entrevistados afirmam que o Marabaixo para voltar a entrar nas igrejas do padroeiro de Macapá (o glorioso São José) e do padroeiro do bairro do Laguinho (glorioso São Benedito) ficou na eterna dependência da boa vontade dos padres dessas paróquias. A memória histórica não registrou os nomes dos padres proibidores, por isso são conhecidos por padres estrangeiros.

Apesar das retaliações, o mestre Julião Ramos e a Dona Felicinha não deixaram de participar ativamente do Marabaixo, sendo então punidos por suas escolhas. Para os padres estrangeiros havia uma visão clara de que o Marabaixo não se enquadrava como uma manifestação católica, e sim popular, e, portanto, deveria se desvincular do ambiente eclesiástico (videira, 2009).

No entanto, mesmo que nesse período as portas da igreja estivessem se fechando para a cultura marabaixeira, criando condições desfavoráveis para a realização dos seus eventos, o Marabaixo continuou do “lado de fora”. Isso porque, ainda que vinculado ao catolicismo, a manifestação nunca dependeu dos sacerdotes para que ocorresse. Assim, por volta de 1950 algumas tradições em relação ao Marabaixo se modificaram (Canto, 2023; Cid e Coutinho, 2020). Canto (2023, p. 42) afirma que “muito do que desapareceu do Marabaixo deve-se às proibições”.

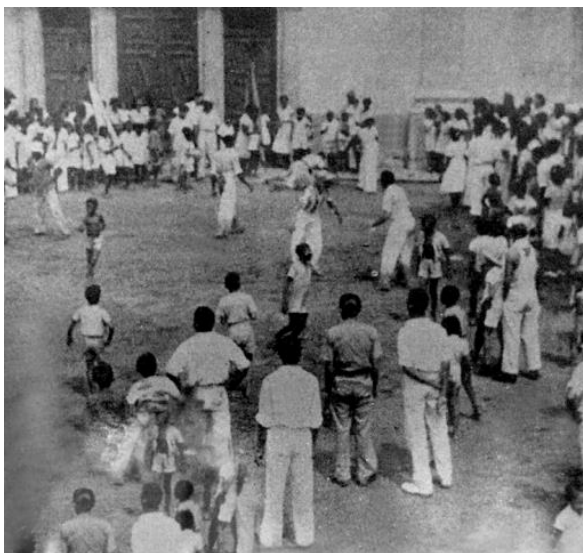
Esses eventos corroboraram para que, cada vez mais, essas populações negras fossem perdendo seu espaço dentro desse núcleo urbano inicial de Macapá, e se estabelecendo no lugar que lhes foi destinado: os bairros Laguinho e Favela.

A divisão de grupos e a mudança da festa do centro da cidade contribuíram para o afastamento da Igreja Católica nos festejos do Divino e da Santíssima Trindade. Era tradição as missas constarem no calendário da Igreja. Nessa época, no domingo do Mastro, quando a procissão com o mastro passava em frente à igreja de São José, os sinos dobravam e o padre mandava abrir a porta da igreja e todos paravam, arriavam os mastros e começavam o jogo da carioca, luta com passos parecidos com o da capoeira. Na quebra da murta, era tradição, também, passarem em procissão em frente à igreja de São José. À noite, quando chegava o período das novenas e ladainhas, todos iam ao novenário, na igreja, até completar as 18 novenas. No final, o Santo era levado para a casa e continuavam a dança do marabaixo. São bem poucos os que, ainda, no Dia do Senhor, na derrubada dos Mastros, recolhem pedaços dos mastros para fazerem chá para curar as suas doenças. Após as conclusões dos festejos os mastros eram tidos como milagrosos (Lima, 2011).

No trecho acima a autora descreve como a divisão dos grupos de Marabaixo entre Santíssima Trindade (Favela) e Divino Espírito Santo (Laguinho) distanciou a manifestação da Igreja. Antes, os eventos estavam diretamente inseridos na programação das missas e no calendário da Igreja. Apesar do Marabaixo não necessariamente necessitar da aprovação do clero para ocorrer, visto que é uma festa que parte do povo, a rejeição dos representantes católicos contribui para que haja um distanciamento da população amapaense em relação ao festejo e uma segregação, visto que coloca a cultura negra como algo que deve estar apartado desse “lugar sagrado”.

Outro aspecto que é importante destacar do trecho supracitado é o “jogo da carioca” (Figura 34) – uma denominação dada para a “capoeira” comum entre os estados do Maranhão e do Pará – que fazia parte das tradições do Marabaixo e que se perdeu ao longo do tempo (Lima, 2011; Lussac e Tubino, 2009).

Figura 34 - Marabaixeiros praticando a luta da carioca em 1948



Fonte: LIMA, 2011, p. 101.

A capoeira é uma arte que apresenta registros desde o século XVIII e é difundida em mais de 150 países. Ela é, ao mesmo tempo, dança, luta e jogo, além de ser uma manifestação muito diversa, de forma que ganhou características específicas de acordo com os contextos em que foi se desenvolvendo. Sua hipótese fundadora mais provável é a de que tenha surgido na África Central e se difundido pelos países que fizeram parte da diáspora negra, de forma que foram recebendo contribuições de acordo com os locais que as cercam. Assim, no Amapá, nota-se que, por um período, a prática esteve ligada aos festejos do Marabaixo, com uma característica singular do uso do toque das caixas para reger o som da roda de capoeira (IPHAN, 2007; Lima, 2011).

Canto (2023) relata que o Marabaixo passou por diversas modificações ao longo dos anos, como a mudança do local onde ficava-se o mastro, antes em frente à Igreja e atualmente em frente à casa do festeiro. Também mudou o lugar onde recolhia-se o mastro e da “quebra da murta”. Outros exemplos são o fim da prática da capoeira, a redução de ladainhas e folias às novenas, a mudança nos alimentos servidos, em que antes eram rosquilhas de carimã, chocolate, pão de ló e mucura (bebida temperada com cachaça, ovos batidos e casquinhas de limão) e, nos dias de hoje, a gengibirra e o caldo de carne e legumes. Além disso, o autor pontua que os negros foram proibidos de entrar na igreja para badalar os sinos e fazer a coleta de oferendas com a apresentação da Coroa do Divino Espírito Santo.

O autor atribui a fragmentação e adaptação do Marabaixo não somente às ações da Igreja Católica, mas também a aspectos como a urbanização da cidade, a intervenção do governo divulgando a manifestação como um evento “turístico-folclórico”, as manipulações político-eleitoreiras e as mudanças sociais, principalmente a visão da nova geração perante o Marabaixo com um entendimento que era “coisa de velho” (Canto, 2023).

4.2 Os ladrões de Marabaixo

Os ladrões de Marabaixo foram utilizados nesse trabalho como uma importante fonte de pesquisa, visto que as composições relatam fatos históricos sob a perspectiva daqueles que o vivenciaram.

De acordo com o dossiê de registro do Marabaixo elaborado pelo IPHAN em 2018, os ladrões,

Podem ser compreendidos enquanto textos poéticos elaborados de improviso por meio da oralidade. São versos que expressam os acontecimentos corriqueiros ou extraordinários do cotidiano sejam eles vivenciados em

âmbito pessoal ou comunitário. Constituem uma forma de registro dos acontecimentos. Seus versos possuem a capacidade de nos transportar para o lugar e o tempo em que foram compostos ou “tirados”, na linguagem dos detentores (IPHAN, 2018, p. 16).

Em virtude de a composição do ladrão basear-se em acontecimentos vividos no cotidiano amapaense, é possível encontrar em seus versos fragmentos da história do Amapá, a partir do olhar do compositor, denominado como “ladronista” ou “tirador”. Ruy Godinho (2018) cita que os tiradores tradicionais de ladrões de Marabaixo são os cronistas de sua época. Temos como exemplo uma das composições, “Irmã Catita”, composta pelo Mestre Eufrásio, que retrata o primeiro avião de guerra que pousou em solos macapaenses, mais especificamente nas águas do Rio Amazonas, na década de 1920 (Godinho, 2018; IPHAN, 2018).

Irmã Catita (Mestre Eufrásio)

I

Vem ver a Irmã Catita

Pelo salão

Assim, atracado, assim

Eu não subo não

II

Bom dia seu cidadão

O Lima foi quem falou

A resposta que ele deu

A gasolina acabou

III

Lá vem o vapor do ar

Com asa, pé, esporão

Aonde foi pousar

Confronte à praça do Barão

IV

Vamos, vamos minha gente

Vamos, nós todos espiar

Que a zuada vem de cima

Na praia ele vai pousar

V

Corre, corre minha gente

Na direção do Torrão

Arregaça as perna das calça

Vamos ver que homens são

VI

No dia 18 de março

Quando o avião chegou

À terra de Macapá

Todo mundo se alegrou

VII

Dia vinte e seis de março

Quando avião passou

*Muita correria
E os outros se admirou
VIII
Valei-me Nossa Senhora
Senhora da Conceição
Se não fosse o Zeca Leme
O que seria dos alemão?*

*IX
Valei-me Nossa Senhora
Senhora da Conceição
O pobre do Zeca Leme
Deu com a cara no avião*

*X
Vem ver a Irmã Catita
Pelo salão
Assim, atracado, assim
Eu não subo não*

(Registrado em Godinho, 2018, p. 268 e 269).

Nota-se, em relação à composição, uma descrição dos eventos, das datas, das localidades, dos acontecimentos, dos presentes, do que foi dito e do que foi vivido. Há uma certa similaridade com a análise que Marcos Silva (2013) faz acerca das canções de samba, em que afirma que as experiências vividas no espaço urbano se tornam o tema das composições, de forma que este torna-se um documento histórico da cidade. O autor discorre que:

A vivência da (e na) cidade, as mudanças testemunhadas nos espaços vividos, o vínculo afetivo que se forma entre a experiência individual e esses espaços, as experiências coletivas mediadas por eles, todas essas formas de identidade construídas no bojo da urbanização constituem matéria-prima para os sambistas ao comporem suas canções. Assim, as referências espaciais que constam em diversos sambas constituem não apenas um “cenário” da ação: há uma carga de significados embutida em cada localidade mencionada, e sua presença nos sambas é muito mais do que fortuita. [...]

Esta verossimilhança é chave fundamental para compreender a relação entre invenção e registro,- ou imaginação e testemunho- , nos sambas aqui analisados, e é nessa dinâmica que o samba, sem o pretender necessariamente, se torna um documento histórico. A apreensão dos significados dessas imagens, enquanto representações de um processo, mas também como manifestação criativa, é reveladora de expectativas dos sambistas em relação à cidade e suas mudanças: onde a realização de uma experiência não se concretiza, o samba se encarrega de proporcionar a vivência em imaginação; onde a dureza da vida cotidiana se impõe, o samba proporciona o alívio, o escape ou o protesto (Silva, Marcos, 2013, p. 27 e 28).

As referências espaciais mencionadas nas letras de samba não são meramente um pano de fundo, mas carregam consigo significados profundos e muitas vezes simbólicos. Esses locais mencionados nas músicas têm uma importância intrínseca para os sambistas e sua presença nas canções não é coincidência. Eles representam mais do que apenas lugares físicos; são parte

fundamental da história e da cultura desses artistas. Assim, a canção proporciona uma experiência que ultrapassa o acontecimento e proporciona uma fuga com relação às dificuldades da vida.

Dessa forma, os ladrões de Marabaixo também se colocam nessa narrativa histórica do contexto espacial e temporal em que seus compositores estão inseridos, encarregados de retratar não somente os acontecimentos marcantes, mas o dia a dia. As cantigas de Marabaixo desempenham um papel significativo como registros históricos que testemunham a maneira como o povo negro do Amapá se expressou – e segue se expressando – e resistiu diante das ações discriminatórias e racistas do governador Janary Gentil Nunes e da Igreja Católica. Essas cantigas são uma manifestação cultural que representa a luta do povo afroamapaense para preservar sua história e suas tradições, apesar das opressões impostas por essas autoridades governamentais e religiosas.

4.3 O processo de realocação pelos ladrões de Marabaixo

A história vista “de baixo” tem como um de seus objetivos servir como um corretivo à história das elites, de forma a demonstrar que os acontecimentos possuem diversas perspectivas e também possuem importância na vida cotidiana de pessoas comuns. Isso se relaciona diretamente com a narrativa histórica de Macapá, na forma em que os ladrões de Marabaixo desempenham um importante registro histórico da visão da comunidade negra sobre os eventos que vivenciaram (Sharpe, 1992).

Dessa forma, os ladrões de Marabaixo se colocam nessa narrativa histórica do contexto espacial e temporal em que seus compositores estão inseridos, encarregados de retratar não somente os acontecimentos marcantes, mas o cotidiano. As cantigas de Marabaixo desempenham um papel significativo como registros históricos que testemunham a maneira como o povo negro do Amapá se expressou – e segue se expressando – e resistiu diante das ações discriminatórias e racistas do governador Janary Gentil Nunes e da Igreja Católica. Essas cantigas são uma manifestação cultural que representa a luta do povo afroamapaense para preservar sua história e suas tradições, apesar das opressões impostas por essas autoridades governamentais e religiosas.

Os ladrões como ‘crônicas de sua época’ fazem um paralelo com o que Marcos Silva (2013) aborda em sua pesquisa, o qual destaca que o samba em São Paulo acaba por ser um importante registro da urbanização paulistana vista ‘por baixo’, devido à carência de fontes escritas que descrevam a percepção social desse período, especialmente por ser uma população,

em grande maioria, não alfabetizada. O autor ainda pontua que “a experiência urbana dos sambistas em São Paulo só pode ser descrita nos termos da multiplicidade: de lugares, de vivências e de relações pessoais. Qualquer tentativa de unificá-las em um modelo explicativo corre o risco de perder essa qualidade fundamental” (Marcos, 2013, p. 55).

Um dos ladrões de Marabaixo mais relevantes para retratar as questões de deslocamento para o bairro Laguinho, anteriormente abordadas, é a cantiga “Aonde tu vai rapaz” de Raimundo Ladislau. Ele foi um importante compositor e tocador dentro do Marabaixo, contemporâneo ao Mestre Julião Ramos, de quem era amigo. Também era residente do bairro Laguinho. Há relatos de que Ladislau permaneceu por alguns anos como anônimo em suas composições por medo de retaliações da Igreja Católica, da qual fazia parte por meio do grupo ‘Sagrado Coração de Jesus’ (Cid e Coutinho, 2020). Nessa composição ele retrata os eventos que resultaram na criação do bairro do Laguinho:

Aonde tu vai rapaz (Raimundo Ladislau)

*Aonde tu vai rapaz
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
Lá nos campos do Laguinho*

*Quando vim da minha casa
Me perguntou como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador*

*Destelhei a minha casa
Com a intenção de retelhar
Mas a Santa Engrácia não fica
Como a gente pode ficar?*

*Estava na minha casa
Conversando com a companheira
Não tenho pena da terra
Só tenho do meu coqueiro*

*Largo de São João
Já não tem nome de santo
Hoje é reconhecido
Por Barão do Rio Branco*

*A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
Essas casas foram feitas
Pra só morar os doutor*

*Dia primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando viva
Para o nosso governador*
(Versão registrada no Dossiê do Marabaixo pelo IPHAN, 2018, p. 18-19)

De início, as duas primeiras estrofes demonstram a dificuldade da remoção relatando um rapaz sozinho e sem casa e a esperança no reestabelecimento da moradia em um novo local, “nos campos do Laguinho”. Logo em seguida solicita um armador de rede para que tenha ao menos um lugar para dormir.

Videira (2009) relata que muitas das novas moradias dos relocados foram construídas com madeiras reaproveitadas de antigas casas desmanchadas e também com materiais de construção disponibilizados pelo governo do estado que estavam armazenados e sem uso na estância de propriedade do governo. Além disso, o governo estadual concedeu alguns títulos de propriedade dos lotes aos novos moradores, atitude esta que, revestida de uma atitude benevolente e populista, na realidade foi a estratégia utilizada para evitar que houvesse uma resistência e revolta por parte da comunidade que começava a se estabelecer no local.

Os processos de expulsão e remanejamento forçado de populações de áreas centrais não contam com nenhum registro oficial. Segundo Luna (2017), a ação de Janary Nunes não se deu de forma documentada, mas, ao que parece, ocorreu por meio de negociações que não foram oficialmente registradas, o que reforça o recurso de utilização da produção da cultura popular para compreender esse processo.

Na terceira estrofe da canção, o compositor cita a Vila Santa Engrácia, na qual residiam várias famílias negras, dizendo que com o “fim” da vila não é possível que ele continue morando no lugar. Vale lembrar que Macapá é uma cidade que havia se formado no entorno da Fortaleza de São José e às margens do Rio Amazonas, ocupada por uma parcela significativa de afrodescendentes que se estabeleceram na região durante a construção da fortificação. Luna (2017) destaca que os primeiros assentamentos da população negra se concentravam em regiões como o “Formigueiro”, no entorno da Igreja Matriz de São José, e a Vila Santa Engrácia, localizada na Praça São João (atualmente conhecida como Praça Barão do Rio Branco).

Nas estrofes seguintes ele vai retratando as mudanças que a cidade de Macapá foi vivenciando como a mudança do nome do Largo de São João para Praça Barão do Rio Branco e os conjuntos residenciais que estavam sendo construídos ao longo da avenida Getúlio Vargas, destinados a uma população tida como mais “nobre” que a que estava sendo expulsa.

A versão do ladrão que se encontra nos registros do IPHAN se encerra com uma estrofe um pouco controversa. Enquanto nas estrofes anteriores ele tece profundas críticas às ações políticas do governador Janary Nunes, na última estrofe ele celebra o aniversário do governador, gritando vivas, que acaba por sugerir que existe uma aceitação e agradecimento pelo que lhe foi imposto. Godinho (2018, p. 344) descreve o governador como “uma pessoa carismática, de perfil populista, que despertou sentimentos conflitantes na população. Amado por uns e odiado por outros [...]”, o que pode justificar a composição da maneira como se apresenta. Além disso, Maciel (2001) aponta que a estratégia do governador para que o deslocamento da comunidade negra para o bairro do Laguinho fosse melhor aceita foi a incorporação de parte dessa população no serviço público do estado.

No entanto, a composição possui outras versões. O relato do músico amapaense Adelson Preto publicado por Godinho (2018, p. 347) apresenta uma versão diferente que ele considera a original:

*Dia primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando morra
o nosso governador.⁴¹*

Dessa forma, trocando a palavra “viva” por “morra” torna a estrofe mais coerente com as anteriores, trazendo uma conclusão às críticas tecidas. O relato de Adelson Preto (Godinho, 2018, p. 347) ainda revela que:

Tinha muita gente que não gostava do governador. Eu soube pelo meu avô que ele perseguiu muito os negros aqui no estado do Amapá. Muita gente não gostava dele. Tem histórias que de tanta raiva que a pessoa tinha botava até o nome dele em cachorro. Ele jogava muito pesado com a rapaziada. Aí pra não ficar essa coisa pesada, com eles falando no ‘Coisa’, a gente já cantava de outra forma.

No ladrão do compositor Carlos Piru, é reforçada a tradição da cultura negra no bairro do Laguinho, destacando a sua preservação diante dos progressos vivenciados na cidade, podendo aqui serem entendidos também como mudanças urbanas. Sendo este amor pelo lugar ecoado por diferentes gerações.

O Laguinho e o progresso

Hoje o Laguinho é tradição

⁴¹ Conforme entrevista concedida a Ruy Godinho em 25/5/2018, em Macapá/AP.

*Tradição com humildade
Que tenha um progresso
Mas que preserve a identidade*

*O meu amor pelo Laguinho
Me fez compor essa canção
Que ecoe pelo tempo
De geração a geração
(Sampaio, 2022, p. 178 e 179).*

Tendo sido os bairros Laguinho e Favela formados a partir da população negra e, conseqüentemente, da cultura negra, percebe-se pelos moradores – assim como também descrito no ladrão – um discurso muito forte em relação à questão da transmissão dessa tradição. A entrevistada D.A. reporta acerca da importância do bairro e da história dele para a população negra do Amapá e para a própria história do estado e da capital, que teve sua ‘modernização’ realizada a partir de um apagamento parcial das vivências negras em Macapá.

Olha, Macapá não pode, não tem como se falar do Amapá sem se falar do Laguinho, por quê? Porque nós somos 70% da população negra aqui e para você falar da história negra, eu falo de Macapá, você tem que passar pelo Laguinho. Para você trazer toda a construção dessa história do Amapá, você não pode não contar desse crescimento a partir da expulsão dos negros para o Laguinho e para a Favela. Como que se constrói isso que eles chamavam dessa urbanização moderna, aquelas casas para doutores, mais modernas. Então toda essa construção se dá em cima da negação da nossa história, porque a partir do momento, que você reconstrói aquele lugar se apaga a nossa história, apaga a história do negro do Laguinho e ela começa a ser recontada a partir do Laguinho e da própria Favela.⁴²

A entrevistada C.A. também relata as tradições do bairro Laguinho e Santa Rita/Favela, citando atividades esportivas – como o futebol, culturais – como as agremiações carnavalescas e o Marabaixo, religiosas – em que a entrevistada comenta sobre a paróquia de São Benedito (um santo negro), além de mencionar duas figuras reconhecidas por sua contribuição na história amapaense: o mestre marabaixeiro Julião Ramos e o mestre Sacaca, conhecido por curar doenças por meio de plantas medicinais.

essa criação [do bairro Laguinho] veio juntamente com outro bairro, que é o bairro da Favela, que também surgiu nessa época dentro das mesmas circunstâncias. Tudo que se constituiu no Laguinho, dentro dessa conjuntura atípica, serviu de embrião para formação histórica, política, sociocultural e religiosa de Macapá territorial, ao mesmo tempo em que emergiu outros

⁴² Entrevista concedida a Juliana Quadros em 08 de dezembro de 2020.

elementos culturais que também passaram a caracterizar o bairro, como a paróquia que levou o nome de um santo negro, São Benedito. Nós tínhamos agremiações carnavalesca, clube de futebol, grupo de Marabaixo, o banco da amizade e a firmação de lideranças socioculturais como a extensão política como Julião Ramos. Nós tínhamos também alguns sacerdotes missionários do PIME como o padre José. Nós tínhamos o Sacaca como um médico, das medicinas naturais, ele era muito procurado, muito conhecido. Então com isso o nosso bairro foi ficando muito tradicional, em vários aspectos, inclusive na área da saúde.⁴³

Algo que se percebe pelos discursos dos entrevistados é que a valorização dessa tradição também ocorre relacionada ao iminente apagamento da cultura negra. Uma vez que essa população afroamapaense foi retirada do núcleo inicial da cidade a fim de ‘dar espaço à modernização’, atualmente enfrenta os avanços do setor comercial, devido a proximidade de ambos os bairros com o centro de Macapá, o qual concentra grande parte da atividade comercial. Entendendo muitas das práticas culturais negras amapaenses como práticas que se territorializam, a mudança de residência de famílias tradicionais também implica, pouco a pouco, no enfraquecimento das manifestações culturais. O entrevistado J.A.S. descreve sua visão desse acontecimento:

De um bairro residencial para um bairro comercial. Então aqui você vê muito supermercado, você vê, aliás, supermercado, você vê loja, você vê laboratórios e grandes lojas, empresa, enfim. E aqueles moradores do bairro, eles já tão começando a se afastar. Houve um primeiro movimento quando se criou aquele bairro Jardim Felicidade, muita gente daqui saiu do bairro do Laguinho para lá Jardim Felicidade. Então com isso aquelas famílias tradicionais vão junto. Por quê? De repente a própria a questão da proximidade com o Centro pondera o valor das residências e as pessoas pensam, questão de optar, “vou vender minha residência, porque vai dar para eu comprar uma outra residência em um bairro um pouco mais longe do Centro e ainda vai sobrar um dinheiro”. Muita gente fez isso e algumas dessas nossas famílias tradicionais saíram daqui e começaram a pingar nos outros bairros, especialmente quanto mais periférico estão indo cada vez mais e continuam.⁴⁴

O bairro Jardim Felicidade, mencionado pelo entrevistado, fica há aproximadamente 5km de distância do bairro Laguinho, bem ao norte da capital, e foi criado em meados da década de 1980 (Silva, E., 2017). De acordo com Kuwahara, Salgado e Souza (2020), na zona norte de Macapá, região em que se localiza o referido bairro, é possível apontar problemas como a ausência ou precariedade em infraestruturas e saneamento. Logo, o movimento dessas famílias tem se dado para uma região mais afastada do centro e com baixa infraestrutura. Lefebvre (2011) observa que essas mudanças urbanas em decorrência da urbanização e do crescimento

⁴³ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 24 de fevereiro de 2021.

⁴⁴ Entrevista concedida a Juliana Quadros em 17 de fevereiro de 2020.

da cidade gera uma explosão de antigas morfologias urbanas, que diretamente afetam as classes mais abastadas, gerando uma segregação.

Esses relatos fazem, então, um paralelo com o ladrão “O Laguinho e o progresso”, que destacam as tradições existentes no bairro e sua importância de ser transmitida às próximas gerações, mas que está possivelmente ameaçada diante dos ‘progressos’ que a cidade vivencia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que o bairro Laguinho e a Favela tiveram seu processo de formação atravessados pela criação do Território Federal do Amapá e o consequente processo de ‘modernização’ da cidade de Macapá, esta dissertação, com o objetivo de analisar a formação histórica e cultural dessas duas referidas regiões sob a perspectiva cultural do Marabaixo, termina por emergir parte desse retrato da história afroamapaense. As ações realizadas durante o período do Território refletiram uma política de higienização que não desejava ver a população negra ocupando a área nobre da cidade.

Fica evidente que esses dois territórios não podem ser compreendidos apenas como espaços geográficos delimitados pelos seus perímetros administrativos pois são, antes de tudo, territórios culturais que se moldaram a partir dessa história de remanejamento e composição de suas tradições em dois novos lugares.

Tendo visto que o Marabaixo representa para além de uma festividade e que, ao longo da história do povo negro do Amapá, desenvolveu-se como uma manifestação cultural que se expressa nos modos de vida dessas comunidades, as quais celebram o elo entre si diante de uma história marcada por traços de exclusão e apagamento, encontra no bairro Laguinho e na Favela/Santa Rita um ambiente propício para se existir e reexistir, como instrumento de reafirmação de identidade dessas comunidades.

Os ladrões de Marabaixo também são importantes fontes documentais para analisar a perspectiva social dessas comunidades diante das políticas públicas que as afetam. A exploração da história “vista de baixo”, remontando experiências históricas as quais foram frequentemente ignoradas ou pouco mencionadas enfrenta dificuldades, como a pouca variedade de fontes à disposição, sendo neste artigo resgatadas por meio das composições e dos relatos de entrevistas (Sharpe, 1992). A vida cotidiana – costumes, vestimentas, residências e modos de trabalho (Lefebvre, 1991) – dessas comunidades pré-Território Federal do Amapá pouco foram registradas, em que encontram-se informações principalmente por meio dos relatos orais.

Laguinho e Favela, embora tenham suas diferentes dinâmicas em sua formação, ambos são produtos de um contexto urbano que tentou suprimir a presença, a cultura e a história dessa população negra de Macapá. Portanto, sua resistência não é apenas um elemento do passado, visto que no presente ainda a encontramos nas narrativas e na cultura.

Por fim, percebe-se que há uma afirmação da própria comunidade sobre sua identidade e suas tradições que não têm a visão dos ‘progressos’ e das ‘modernizações’ de Macapá como

algo que tenha que ser cessado, mas que se preocupam acerca de como sua história e suas manifestações culturais podem sobreviver a tais mudanças.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (orgs.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2018.

ALÍCIO, Célio e SILVA, Cirley. **A Nação Negra abre alas para o “Rei da Boemia” e pioneiro do Carnaval no Amapá**. Diário do Amapá, 13 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/a-nacao-negra-abre-alas-para-o-rei-da-boemia-e-pioneiro-do-carnaval-no-amapa/>. Acesso em: 21 de jul. 2024.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Mazagão Velho: diásporas negras, performance e oralidade no baixo Amazonas**. Curitiba: Juruá, 2011.

AMARAL, Márcio Douglas Brito. **Dinâmicas econômicas e transformações espaciais: a metrópole de Belém e as cidades médias da Amazônia Oriental - Marabá (PA) e Macapá (AC)**. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-25082011-152703/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ANTERO, Alysson Brabo. Entre Tambores e Devoção: expressão de um catolicismo negro na Amazônia amapaense. **Revista Marupiara** – Revista Científica Do Centro De Estudos Superiores De Parintins, Parintins, 2018, jul – dez, n.3, p.1-17, 2018 - jul – dez. Disponível em: www.periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiara/article/view/718. Acesso em: 21 set. 2023.

ARAÚJO, Renata Malcher de. **As cidades da Amazônia no Século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão**. 2. ed. Porto: FAUP publicações, 1998. 358 p.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Mazagão: cidades em dois continentes**. Revista arq.Urb, (2), 22–55. 2009. Disponível em: www.revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/102. Acesso em: 23 set. 2023.

BARROS, Paulo Tarso. **Histórias de um sino**. Macapá: Tarso Editora, 2013.

BECKER, Bertha Koiffmann. **A Urbe Amazônida: a floresta e a cidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. 85 p.

CANTO, Fernando. **A água benta e o diabo**. 3 ed. Belém: Editora Paka-Tatu, 2023.

CANTUÁRIA, Eloane de Jesus Ramos. Síntese da palestra: Cidade e Patrimônio: um olhar sobre Macapá. In: GUIMARÃES, D. C.; SILVA, M. V. D.; LUCAS, C. M. B. **Amazônia Urbana em Questão: Macapá 75 anos de capital**. Maringá: Uniedusul, v. III, 2020. Disponível em: www.researchgate.net/profile/marcelle-silva-5/publication/350740598_amazonia_urbana_em_questao_macapa_75_anos_de_capital_livro_3_vida_e_cultura_urbana_espacilaidades_e_patrimonio_historico_e_cultural/links/606f76fa299bf1c911ba15db/amazonia-urbana-. Acesso em: 22 abr. 2024.

CID, Rodrigo Reis Lastra; COUTINHO, Regiane da Silva. **Resistência da oralidade africana na história do Amapá**. Dossiê. Temporis [ação]. v 20, n 2. jul/dez 2020.

COSTA, Célia Souza da. **Ancestralidade e cultura afro na dança do Marabaixo do Maruanum-Amapá**. Portal Sesc SP, 2019. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/13706_A+ANCESTRALIDADE+NA+DANCA+DO+MARABAIXO. Acesso em: 14 out. 2023.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE CERTEAU, Michel. **Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1995.

FARAH, Paulo Daniel. **Hampâté Bâ leva oralidade africana ao papel**. Folha de São Paulo, 16 de setembro de 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200312.htm>. Acesso em 23 de jul. 2024.

FJP, CENTRO DE ECONOMIA APLICADA. Diagnóstico preliminar do sistema institucional de saúde: território federal do Amapá. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1974. 134p.

FREITAS, Aimberê. **Políticas Públicas e Administrativas de Territórios Federais do Brasil**. 1991. 173f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo-EAESP-FGV, 1991.

GODINHO, Ruy. **Então foi assim? Os bastidores da criação musical brasileira – Amapaenses**. Vol. 1. Macapá: Abravídeo, 2018.

GONÇALVES, Mariana de Araújo. Os caminhos que levam à Favela. João Pessoa: Mídia Gráfica e editora, 2023.

IPHAN. **Dossiê de Registro – Marabaixo**. Brasília: ministério da cultura, 2018. Disponível em: <www.portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf>. Acesso em 21 set. 2023.

Jornal “A Manhã”, 02 de dezembro de 1944. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional Digital.

Jornal “A Manhã”, 29 de janeiro de 1944. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional Digital.

KAPP, Silke. **Entrevistas na pesquisa sócio-espacial**. In: KAPP, S.; BALTAZAR, A. P. Moradia e outras margens. Belo Horizonte: MOM, 2021, v. 2, pp. 95–128.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Wanda Maria da Silva Ferreira. V. **O ciclo do Marabaixo: permanências e inovações de uma festa cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

LOBATO, Sidney da Silva. **Experiências de exclusão urbana no cotidiano macapaense (1944-1964)**. *SÆCULUM – Revista de História*. João Pessoa, jan./jun. 2015, n. 32, p. 113-126.

LOBATO, Sidney da Silva. **A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02102013-131130/pt-br.php>. Acesso em: 15 ago. 2024.

LUNA, Verônica Xavier. **Um cais que abriga histórias de vida homens e máquinas construindo o social na cidade de Macapá (1943-1970)**. Fortaleza: UFC, 2017. 217 p.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto; TUBINO, Manoel José Gomes. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 20, n. 1, p. 7-16, 1º trim. 2009.

MACHADO, Laura. **'Banco da Amizade' celebra 50 anos com tradicional almoço e 10 horas de atrações musicais em Macapá**. G1 Amapá, 26 de dezembro de 2021. <https://g1.globo.com/ap/amapa/o-que-fazer-no-amapa/noticia/2021/12/26/banco-da-amizade-celebra-50-anos-com-tradicional-almoco-e-10-horas-de-atracoes-musicais-em-macapa.ghtml>. Acesso em 24 jul. 2024.

MACIEL, Alexsara de Souza. **"Conversa amarra preto": a trajetória histórica da União dos Negros do Amapá: 1986-2000**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

MARABAIXO DO PAVÃO. **Um mestre nunca perde sua maestria**. 31 de março de 2017. Disponível em: <https://marabaixodopavao.wordpress.com/2017/03/31/um-mestre-nunca-perde-sua-maestria/>. Acesso em: 15 de jul. 2024.

MARGARIT, Eduardo. **As obras de infraestrutura estratégicas para a organização do espaço amapaense**. *Confins* [on line].n. 55. [n.p.]. jun 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/45847>. Acesso em 25 jun. 2024.

MARICATO, Ermínia. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias**. In: ARANTES, O.

B. F.; VAINER, C. B.; MARICATO, E. (orgs.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-192.

MIRANDA, Antônio Affonso. **Padre Júlio Maria: Sua História e sua missão**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1957. Disponível em: www.mediafire.com/file/cklvu0v32ryabwu/Pe_Antonio_Miranda_Padre_J%25C3%25BAlo_Maria_Sua_Vida_e_Sua_Miss%25C3%25A3o.pdf/file. Acesso em: 05 abr. 2024.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. *A ICOMI no Amapá: meio século de exploração mineral*. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 6, n. 2, p. 113-168, dez. 2003.

MONTORIL, Nilson. **Escola de civismo: escoteiros e bandeirantes**. 09 de setembro de 2013. Disponível em: <https://montorilaraujo.blogspot.com/2013/09/escola-de-civismoesboteiros-e.html>. Acesso em 05 de jul. 2024.

PESSOA, Mônica do Nascimento; VENERA, Raquel Alvarenga de Sena. Manifestações afro-brasileiras no Amapá: a arte do marabaixo no tempo presente. In: **Anais do II Congresso Ibero-Americano**. Edição Especial. Criciúma-SP. 2016.

QUIJANO, Anníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In:

LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

REIS, Marcos Vinícius de Freitas; MACIEL, Kerllyo Barbosa; PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Ladrões de Marabaixo em Macapá: identidade cultural, poder, história, memória e religiosidade na Amazônia amapaense. **Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 19, n. 1, p. 11-28, 2021.

SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. Infraestrutura na Amazônia setentrional amapaense (ASA): eixos de circulação e configuração do espaço regional. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 21, n. 2, p. 355-369, jan./dez. 2017.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: Hucitec. 1993.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In.: BURKE, P (org.). A Escrita a história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVA, Eliane Aparecida Cabral da. **Quando a terra avança como mercadoria perde-se o valor de uso na cidade: regularização fundiária e a expansão urbana na cidade de Macapá - Amapá**. Campinas, SP: Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2017.

SILVA, João Lázaro. **Fotos Memórias de Macapá: Manifestações culturais da Macapá antiga**. Blog Porta-Retrato AP. 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2019/05/>. Acesso em 29 de novembro de 2023.

SILVA, João Luiz da. **Aspectos econômicos e sociais da Área de Livre Comércio Macapá e Santana: vinte e sete anos após sua implantação**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Brasil (Dissertação de Mestrado), 2018.

SILVA, Marcos Virgílio da. **O todo e a parte: nomeando espaços e vivências urbanas em São Paulo (décadas de 1950 e 1960)**. Revista História e Cultura, Franca-SP, v.2, n.1, p.27-43, 2013.

SILVA, Maria Carneira da; TAVIM, José Alberto R. Silva. **Marrocos no Brasil: Mazagão (Velho) do Amapá em festa – a festa de São Tiago**. Publicação, 2ª ed, p. 267-268, 1998.

SILVA, Maura Leal da. **A (Onto)Gênese da nação nas margens do território nacional: o projeto janarista territorial para o Amapá (1944-1956)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. 180 p.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

TAKAMATSU, Patrícia Helena Turola. **Relações entre a malha urbana e o substrato natural no contexto amazônico: o caso da cidade de Macapá-Amapá**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa – A árvore da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1987 (Oficinas da História, volume 1).

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOSTES, José Alberto e WEISER, Alice. 2018. Macapá: a cidade modernista do período janarista de 1943 a 1955. **Revista Amazônia Moderna**. v. 1, n. 2 (abr. 2018), 34–53.

TOSTES, José Alberto. **Planos diretores no estado do Amapá: uma contribuição para o Desenvolvimento Regional**. Macapá: J. A. Tostes, 2006.

TOSTES, José Alberto; FEIJÃO, Antônio da Justa. **A Paisagem cultural da cidade de Macapá: o rio comanda a vida**. In: José Alberto Tostes (organizador). Planejamento Urbano Regional no Estado do Amapá. Macapá: UNIFAP, 2018.

TRINDADE, Aline Suzy França; COSTA, Alinne Christiny Moura Paraense da. **Projeto de revitalização do Estádio Glicério de Souza Marques**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Amapá, Santana, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. 285 p.

VIDEIRA, Piedade Lino. **O Marabaixo do Amapá: Encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses**. Revista Palmares – cultura afro-brasileira. Brasília, 10a, 8 ed., p.16-21, nov. 2014.

VILLAÇA, Flávio. **Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil**. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R (orgs.). O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.